

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO – PUC-SP

Ivaneide Sena de Almeida

**As Dificuldades de Pronúncia de
Aprendizes Hispano-Americanos do Português Brasileiro**

MESTRADO EM LÍNGUA PORTUGUESA

SÃO PAULO

2016

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO – PUC-SP

Ivaneide Sena de Almeida

**As Dificuldades de Pronúncia de
Aprendizes Hispano-Americanos do Português Brasileiro**

MESTRADO EM LÍNGUA PORTUGUESA

Dissertação apresentada à Banca Examinadora da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, como exigência parcial para a obtenção do título de MESTRE em Língua Portuguesa, sob a orientação da Professora Doutora Regina Célia Pagliuchi da Silveira.

SÃO PAULO

2016

Ivaneide Sena de Almeida

**As Dificuldades de Pronúncia de
Aprendizes Hispano-Americanos do Português Brasileiro**

Dissertação apresentada à Banca Examinadora da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, como exigência parcial para a obtenção do título de MESTRE em Língua Portuguesa, sob a orientação da Professora Doutora Regina Célia Pagliuchi da Silveira.

Aprovado em: ____/____/____

BANCA EXAMINADORA

AGRADECIMENTOS

A Deus, pela dádiva de uma vida tão maravilhosa;

A minha orientadora, Regina Célia Pagliuchi da Silveira, pelos ensinamentos, dedicação, paciência, atenção, exigência, segurança e confiança;

À professora Aparecida Regina Borges Sellan, pelo carinho, leitura minuciosa e sugestões no momento da qualificação;

À professora Irenilde Pereira dos Santos, pela simpatia, leitura atenta e questões levantadas na qualificação;

À professora Valeuska Martins, pelo carinho, incentivo e ajuda;

À Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, pelo acolhimento;

À Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), pela bolsa concedida;

A minha querida filha Caroline, pela frase de incentivo: “ Vá na confiança, mãe! ”;

Ao meu marido, Milton Sousa, pelo apoio, incentivo, segurança, paciência e cuidado;

À Ana Lúcia, pelo incentivo e por participar da revisão desta pesquisa;

A todos os colegas Núcleo de Pesquisas Português Língua Estrangeira (NUPPLE), pelo incentivo.

RESUMO

Almeida, Ivaneide Sena de. **As Dificuldades de Pronúncia de Aprendizes Hispano-Americanos do Português Brasileiro**. Dissertação de Mestrado. Programa de Estudos Pós-Graduados em Língua Portuguesa, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, SP, Brasil, 2016.

Esta dissertação está situada na área da pronúncia do português brasileiro e tem por tema as dificuldades de pronúncia de aprendizes hispano-americanos do português brasileiro. Tem por objetivo geral contribuir para a melhoria da pronúncia do português brasileiro por aprendizes hispano-americanos. E por objetivos específicos: 1. Diagnosticar as dificuldades de pronúncia de aprendizes hispano-americanos; 2. Buscar algumas perspectivas para melhoria desses aprendizes, utilizando o laboratório de línguas. A pesquisa realizada selecionou cinco informantes, dos quais foram coletadas gravações por meio de diários gravados. As gravações foram transcritas e o diagnóstico das dificuldades foi realizado tendo-se por parâmetro a pronúncia estandardizada do português brasileiro, divulgada pela *TV Globo* em território nacional e internacional. O diagnóstico das dificuldades de pronúncia indica que os aprendizes hispano-americanos, ao iniciarem no nível intermediário, apresentam dificuldade de pronúncia, resultante da fase de interlíngua, ou seja, eles realizam os sons da língua portuguesa orientados pelas articulações de suas pronúncias nativas. As dificuldades diagnosticadas foram detectadas a partir da central silábica acentuada, em contraste com a central silábica inacentuada, diferenciando-se vogais orais das nasais. As dificuldades articulatórias das consoantes foram detectadas a partir dos núdulos silábicos iniciais e finais. Com a dificuldade diagnosticada, pretende-se apresentar uma proposta de recurso didático para o ensino da pronúncia do português brasileiro, conforme o “globês”, proposto por Silveira (2008), para ser utilizado no laboratório de língua da PUC/SP. Cada exercício desse recurso é acompanhado das descrições articulatórias, seguido de oposições distintas e oposições não distintas, mas que caracterizam variantes combinatórias para sequências silábicas nas palavras.

Palavras-chave: Pronúncia. Português brasileiro. Hispano-americanos. Exercícios articulatórios.

ABSTRACT

This dissertation is situated in Brazilian Portuguese Pronunciation area and has as its theme the difficulties of pronunciation of Spanish-American learners of Brazilian Portuguese. Its general objective is to contribute to the improvement of the pronunciation of Brazilian Portuguese by Hispanic American learners. The specific objectives are: To diagnose the difficulties of pronunciation of Hispanic American learners. Find some perspectives for the improvement of these apprentices, using the language laboratory. The research carried out selected five informants for whom recordings of recorded journals were collected. The recordings were transcribed and the diagnosis of the difficulties was performed with the standardized pronunciation of the Brazilian Portuguese, as published by *Globo TV* in national and international territory. The diagnosis of pronunciation difficulties indicates that Spanish-American learners, when starting at the intermediate level, have difficulty in pronunciation resulting from the interlanguage phase, that is, they perform Portuguese-language sounds guided by the articulations of their native pronunciations. The diagnosed difficulties were detected from the syllabic center accentuated in contrast to the syllabic unaccented syllabus, differentiating oral vowels from the nasal ones. The articular difficulties of the consonants were detected from the initial and final syllable nodes. With the difficulty diagnosed, it is intended to show a didactic resource for the teaching of the pronunciation of Brazilian Portuguese, according to the "globes", proposed by Silveira (2008), to be used in the language laboratory of PUC / SP. Each exercise is accompanied by articulatory descriptions, followed by distinctive oppositions and non-distinctive oppositions, but which characterize combinatorial variants for syllabic sequences in words.

Keywords: Pronunciation. Brazilian Portuguese. Hispanic Americans. Articulatory exercises.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1: Trato oral	150
Figura 2: Boca.....	150
Figura 3: Boca.....	15
Figura 4: Chã.....	152
Figura 5: Ciranda.....	152
Figura 6: Som nasal.....	153
Figura 7: Boca.....	154
Figura 8: Nega maluca.....	155
Figura 9: Nam.....	155
Figura 10: Lão.....	155
Figura 11: Dúvidas.....	157
Figura 12: Pança.....	157
Figura 13: Nau.....	158
Figura 14: Mamão.....	158
Figura 15: Balão.....	159
Figura 16: Boca.....	169
Figura 17: Tatu	160
Figura 18: Abelha.....	161
Figura 19: Boca.....	164
Figura 20: Boca.....	164
Figura 21: Boca.....	164
Figura 22: Cédula.....	164
Figura 23: Relógio.....	165
Figura 24: Zico.....	166
Figura 25: Pintinho.....	167
Figura 26: Boca.....	168
Figura 27: Gol.....	169
Figura 28: Toco.....	169

Figura 29: Boto.....	169
Figura 30: Horta.....	170
Figura 31: Trombone.....	172
Figura 32: Sabiá.....	172
Figura 33: Bronca.....	173
Figura 34: Boca.....	174
Figura 35: Boca.....	175
Figura 36: Tuba.....	176
Figura 37: Juta.....	176
Figura 38: Acupuntura.....	176
Figura 39: Nota musical.....	177
Figura 40: Abelha.....	178
Figura 41: Corações.....	180
Figura 42: Tia.....	182
Figura 43: Boca.....	182
Figura 44: Bijú.....	183
Figura 45: Jegue.....	183
Figura 46: Engraxate.....	184
Figura 47: Cera.....	184
Figura 48: Chave.....	185
Figura 49 Casa.....	185
Figura 50: Sapo.....	186

SÍMBOLOS DO ALFABETO FONÉTICO

(CONVENÇÃO BRASIL-PORTUGAL, 1958)

1) Vogais orais

a - médio-palatal aberta: [káza] - “casa”

ạ - médio-palatal fechada: [kạma] - “cama”

ẹ - pré-palatal aberta: [pẹ] - “pé”

ệ - pré-palatal fechada: [mệza] - “mesa”

i - quase-alveolar: [lí] - “lí”

ọ - pós-palatal aberta: [pọ] - “pó”

ơ - pós-palatal fechada: [dơ] - “dor”

u - quase-velar: [múla] - “mula”

2) Vogais velarizadas

a - [mát] - “mal”

ẹ - [mẹt] - “mel”

ệ - [vẹt] - “ver”

i - [vír] - “vir”

ọ - [sọt] - “sol”

ø - [dør] - “dor”

u - [kúrta] - “curta”

3) Vogais reduzidas

a - [mát^a] - “mata”

i - [óž¹] - “hoje”

u - [át[~]] - “ato”

4) Vogais nasais

ã - [lã] - “lã”

ẽ - [sếsu] - “sensu”

ĩ - [sĩ] - “sim”

õ - [sõ] - “som”

ũ - [núka] - “nunca”

5) Semivogais

y - (yóde): [sáy] - “sai”

w - (uáu): [nǎw] - “não”

6) Consoantes oclusivas orais

p - surda, bilabial: [pá] - “pá”

b - sonora, bilabial: [bála] - “bala”

t - surda, alveolar-dental: [tá] - “está”

d - sonora, alveolar-dental: [dá] - “dá”

k - surda, velar-palatal: [ká] - “cá”

g - sonora, velar-palatal: [gátu] - “gato”

7) Consoantes oclusivas nasais

m - bilabial: [má] - “má”

n - alveolar-dental: [náta] - “nata”

ŋ - palatal: [úŋa] - “unha”

8) Consoantes africadas

ts - surda, dental-alveolar: [pítsa] - “pizza”

tš - surda, alveolar-palatal: [tšía] - “tia”

dž - sonora, alveolar-palatal: [džía] - “dia”

9) Consoantes fricativas

f - surda, lábio-dental: [fá] - “fá”

v - sonora, lábio-dental: [vá] - “vá”

s - surda, sibilante alveolar-dental: [sá] - “Sá”

z - sonora, sibilante alveolar-dental: [zê] - “Zé”

š - surda, chiente palatal: [šá] - “chá”

ž - sonora, chiante palatal: [žá] - “já”

10) Consoantes laterais

l - sonora, alveolar-dental: [lá] - “lá”

ʎ - sonora, palatal: [táʎa] - “talha”

11) Consoantes vibrantes

r - sonora, vibrante simples, alveolar-dental: [ára] - “ara”

ṛ - sonora, vibrante múltipla, alveolar: [éṛa] - “erra”

ṝ - sonora, vibrante múltipla, velar: [éṝa] - “erra”

ṝ̄ - sonora, vibrante múltipla, uvular: [éṝ̄a] - “erra”

12) Velarizadores

ł - [mál] - “mal”

ṛ - [már] - “mar”

w - [sawdádi] - “saudade”

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	14
1 CAPÍTULO I - DELINEANDO A PESQUISA	16
1.1 O PROBLEMA	16
1.1.1 <i>O ensino de línguas próximas</i>	16
1.1.2 <i>Interlíngua</i>	18
1.1.3 <i>Transferência</i>	19
1.1.4 <i>Fossilização</i>	20
1.1.5 <i>A questão da competência comunicativa</i>	22
1.2 O PROCEDIMENTO.....	28
1.2.1 <i>Seleção dos informantes</i>	28
1.2.2 <i>Coletas de dados</i>	29
2 CAPÍTULO II - REVISÃO DO MATERIAL DIDÁTICO PARA O ENSINO DA PRONÚNCIA EM AULAS DE PLE	32
2.1 MATERIAL DIDÁTICO	32
2.2 MANUAL DIDÁTICO: LIVRO	34
2.3 UMA REVISÃO DE MANUAIS DIDÁTICOS MAIS UTILIZADOS EM PLE DO PORTUGUÊS BRASILEIRO.	35
2.3.1 <i>Primeiro momento: obras não dedicadas ao ensino da pronúncia</i>	36
2.3.2 <i>Segundo momento: obras dedicadas ao ensino da pronúncia</i>	40
3 CAPÍTULO III - A DESCRIÇÃO DOS FONEMAS DE PORTUGUÊS	73
3.1 CRITÉRIOS DE DESCRIÇÃO	73
3.1.1 <i>Alofones</i>	76
3.1.2 <i>Aparelho fonador</i>	77
3.1.3 <i>As vogais</i>	79
3.1.4 <i>Acento</i>	82
3.1.5 <i>As consoantes do Português Brasileiro</i>	86
3.2 DESCRIÇÃO FONOLÓGICA DA LÍNGUA PORTUGUESA.....	93
3.2.1 <i>Fonema /a/</i>	93
3.2.2 <i>Fonema /ɐ/</i>	94
3.2.3 <i>Fonema /ɛ/</i>	95
3.2.4 <i>Fonema /i/</i>	96
3.2.5 <i>Fonema /ó/</i>	97
3.2.6 <i>Fonema /o /</i>	97
3.2.7 <i>Fonema /u/</i>	98
3.2.8 <i>Fonema /ã/</i>	99
3.2.9 <i>Fonema /ẽ/</i>	100
3.2.10 <i>Fonema /ĩ/</i>	101
3.2.11 <i>Fonema /õ/</i>	102

3.2.12	Fonema /ũ/	103
3.2.13	Fonema /y/.....	103
3.2.14	Fonema /w/.....	104
3.2.15	Fonema /l/.....	105
3.2.16	Fonema /j/.....	106
3.2.17	Fonema /r/	106
3.2.18	Fonema /r̄/	107
3.2.19	Fonema /f/.....	108
3.2.20	Fonema /v/.....	108
3.2.21	Fonema /b/.....	109
3.2.22	Fonema /s/.....	109
3.2.23	Fonema /z/.....	110
3.2.24	Fonema /š/.....	110
3.2.25	Fonema /ž/.....	111
3.2.26	Fonema /n/.....	112
3.2.27	Fonema /ŋ/.....	112
4	CAPÍTULO IV - DIAGNÓSTICO DE DIFICULDADES DE PRONÚNCIA DE APRENDIZES HISPANO-AMERICANOS	114
4.1	UMA PRONÚNCIA ESTANDARDIZADA	114
4.1.1	Método quantitativo.....	114
4.1.2	Método qualitativo	115
4.2	DIFICULDADES DE PRONÚNCIA APRESENTADAS PELOS INFORMANTES DESTA PESQUISA	120
4.2.1	Informante I	121
4.2.2	Informante II	126
4.2.3	Informante III	132
4.2.4	Informante IV.....	138
4.2.5	Informante V.....	143
5	CAPÍTULO V - CONTRIBUIÇÃO PARA O ENSINO DA PRONÚNCIA NO LABORATÓRIO DE LÍNGUAS	150
5.1	ATIVIDADE 1	150
5.2	ATIVIDADE 2	159
5.3	ATIVIDADE 3	165
5.4	ATIVIDADE 4.....	166
5.5	ATIVIDADE 5	173
5.6	ATIVIDADE 6	177
5.7	ATIVIDADE 7	180
5.8	ATIVIDADE 8	184
6	CONSIDERAÇÕES FINAIS	187
7	REFERÊNCIAS	190
8	ANEXOS.....	195

INTRODUÇÃO

Esta dissertação está situada na área da pronúncia do português brasileiro e tem por tema as dificuldades de pronúncia de aprendizes hispano-americanos do português brasileiro.

Tem-se por ponto de partida que, com os desenvolvimentos das tecnologias, houve o aparecimento de laboratórios de línguas para o ensino da fala oral para aprendizes estrangeiros. Todavia, verifica-se que na área de ensino de pronúncia do português brasileiro há muitas lacunas que precisam ser preenchidas.

Esta dissertação tem por objetivo geral contribuir para a melhoria da pronúncia do português brasileiro por aprendizes hispano-americanos.

Tem-se por objetivos específicos:

1. Diagnosticar as dificuldades de pronúncia de aprendizes hispano-americanos;
2. Buscar algumas perspectivas para melhoria desses aprendizes, utilizando o laboratório de línguas.

A pesquisa realizada selecionou cinco informantes dos quais foram coletadas gravações de diários gravados. As gravações foram transcritas e o diagnóstico das dificuldades foi realizado tendo por parâmetro a pronúncia estandardizada do português brasileiro, divulgada pela TV Globo em território nacional e internacional.

As dificuldades diagnosticadas foram detectadas a partir da central silábica acentuada em contraste com a central silábica inacentuada, diferenciando vogais orais das nasais. As dificuldades articulatórias das consoantes foram detectadas a partir dos núdulos silábicos iniciais e finais.

As transcrições foram realizadas com o uso do alfabeto Brasil-Portugal, pois ele é mais adequado para o registro, as nuances de pronúncia do português brasileiro.

Esta dissertação é composta por cinco capítulos, a saber:

O capítulo 1, *Delineando a Pesquisa*, apresenta o problema e o material-método para solucioná-lo.

O capítulo 2, *Revisão do Material Didático para o Ensino da Pronúncia em Aulas de PLE*, é composto pela revisão de conceitos pertinentes à elaboração de material didático, seguida da revisão dos manuais didáticos referentes ao ensino da pronúncia do português brasileiro.

O capítulo 3, *A Descrição dos Fonemas de Português*, apresenta os fonemas da Língua Portuguesa, conforme a descrição proposta por Silveira (1986).

O capítulo 4, *Diagnóstico de Dificuldades de Pronúncia de Aprendizes Hispano-Americanos*, como prediz seu nome, apresenta o diagnóstico das dificuldades de aquisição de pronúncia do português brasileiro por aprendizes hispano-americanos;

O capítulo 5, *Contribuição para o Ensino da Pronúncia no Laboratório de Línguas*, pretende mostrar uma proposta de recurso didático para o ensino da pronúncia estandardizada do português brasileiro.

CAPÍTULO I - DELINEANDO A PESQUISA

Este capítulo compreende o delinear da pesquisa proposta nesta dissertação. Apresenta o problema, considerações teóricas e o procedimento metodológico.

1.1 O problema

A pesquisa realizada está situada na área da Fonética e Fonologia de Língua Portuguesa e trata como problema o ensino da pronúncia do português brasileiro para falantes hispano-americanos. A seguir são apresentadas algumas considerações teóricas para a caracterização do problema proposto nesta dissertação.

1.1.1 O ensino de línguas próximas

Na América do Sul, com a criação do Mercosul houve um aumento do ensino da língua portuguesa nos países integrantes. O aumento não se deu somente pelo número de interessados em aprender o português como língua estrangeira, mas também pelos professores, pesquisadores, planejadores de cursos e criadores de materiais a se questionarem se haveria necessidade de uma prática pedagógica específica para o ensino do português para falantes de língua muito próximas como o Espanhol.

Para essa questão levantada, nos últimos anos, muitas pesquisas vêm sendo feitas propondo que ensinar língua para estrangeiros não é como ensinar língua materna, mesmo sendo ensinada a falantes de Espanhol latino-americano ou castelhano. Quanto a isso, Silveira (2008, p.7) reforça que “tratar o ensino de língua para estrangeiros requer conhecimentos teóricos e metodológicos diferentes dos necessários para o ensino/aprendizagem de língua materna, exigindo estudo e pesquisa”. Sendo assim, as dificuldades existentes para os alunos estrangeiros serão outras que diferem das apresentadas pelos nativos. Ou seja, para os nativos é comum

e rotineiro o uso da língua como produto de sua cultura e, para os estrangeiros, estes deverão adquirir, por experiência, no ensino formal.

A aprendizagem de uma língua próxima não é fácil (Ferreira, 1995). As duas línguas possuem semelhanças e diferenças nos diversos planos linguísticos. As semelhanças refletem-se especialmente na língua escrita e nos padrões da norma culta, afastando-se mais na linguagem falada e nos registros mais informais. O parentesco não é uniforme: a maior proximidade se dá no léxico; na área sintática a semelhança é menos visível e no campo fonético/fonológico as diferenças não são muitas, mas, suficientes para dificultar a aprendizagem acertada (ALCARAZ, 2005).

A similitude decorrente da proximidade leva os aprendizes a perceberem mais facilmente o que é semelhante em vez de o que é diferente. Isso os leva a adquirir o “Portunhol”, a chamada fase de interlíngua, que, tendo em conta as suas características próprias, necessita de abordagens, métodos e técnicas específicas, com o objetivo de diminuir o tempo em que eles, os aprendizes, permanecem nesta etapa da aprendizagem, com a finalidade de minimizar as interferências e avançar no processo de aquisição da língua alvo.

Para Almeida Filho, (1995, p. 20) “as línguas próximas condicionam o aprendiz a correlacionar de maneira enganosa seus conhecimentos e percepções em língua estrangeira”. Ao analisar os fatores que poderiam influenciar a produção de aprendizes de Português como língua estrangeira, é importante observar o fenômeno da transferência, uma vez que este processo pode ocorrer com ou sem o conhecimento do aluno.

Assim, para aprender um novo idioma é necessário muito empenho por parte de professor e do aluno visando “o avanço da interlíngua rumo a um padrão desejável da língua-alvo” (FERREIRA, 1995, p.40). Para conseguir esse padrão, é necessário um pouco de conhecimento sobre o que é interlíngua, interferência e fossilização.

1.1.2 Interlíngua

Interlíngua, segundo Selinker (1972, p.185), é o sistema de transição criado pelo aprendiz, ao longo de seu processo de assimilação de uma língua estrangeira. É a linguagem produzida por um falante não nativo no início do aprendizado da língua-alvo, caracterizada pela interferência da língua materna, até o aprendiz ter alcançado seu teto na língua estrangeira, ou seja, seu potencial máximo de aprendizado.

Logo, a interlíngua caracteriza-se pela interferência da língua materna. Formas da língua materna inevitavelmente aparecem na linguagem usada pelo aprendiz na língua-alvo. O autor considerou a interlíngua como um sistema intermediário, de transição entre a língua materna e a língua estrangeira constituindo uma linguagem autônoma da qual o aluno se serve para alcançar seus objetivos comunicativos.

Para Harpaz (2003), um aprendiz de uma segunda língua, além de estruturar a ideia para executar sequências de operações mentais e motoras novas ao articular sons, precisa também evitar as formas da língua materna. As operações relativas à língua materna estão profundamente consolidadas na mente pela prática constante, sendo, por isso, muito difíceis de serem controladas.

De acordo com Ellis (1997), a interlíngua pode ser entendida como um sistema de transição criado pelo aprendiz ao longo de seu processo de assimilação de uma língua estrangeira, que se caracteriza pela interferência da língua-mãe, resistindo às novas regras, falando ou escrevendo-as de forma misturada, isto é, um pouco de regras da língua materna e um pouco da língua-alvo.

Conforme Fernández (1997), a interlíngua é uma fase muito importante na aprendizagem de uma língua estrangeira. Ela é um conjunto interiorizado que se desenvolve, tornando-se cada vez mais complexa. É um conjunto de elementos diferentes da língua materna e da língua-alvo pretendida pelo aprendiz. Embora esse conjunto se apresente como uma mistura das duas, ele possui duas características contraditórias:

- I. *A sistematicidade*: como em toda língua, pode-se encontrar nela um conjunto de regras de caráter linguístico e sociolinguístico que são, em parte, coincidentes com a língua-alvo e em parte não;
- II. *A variabilidade*: em cada fase, as produções dos alunos obedecem a mecanismos e hipóteses sistemáticas, só que essa sistematicidade é variável, porque as hipóteses vão sendo reestruturadas.

Para os estudiosos citados acima, a interlíngua constitui uma competência linguístico-comunicativa que o aprendiz de língua estrangeira manifesta em sua produção, marcada pela variabilidade num percurso com avanços, regressões, instabilidades e possíveis fossilizações até o estágio final. Além das transferências linguísticas, ocorre a criação de regras próprias desse sistema.

1.1.3 Transferência

Entende-se por transferência o processo pelo qual o aprendiz de uma segunda língua utiliza os conhecimentos linguísticos e as habilidades comunicativas de sua primeira língua, seja desta primeira ou de qualquer outra língua adquirida previamente, no momento de produzir e processar mensagens na língua-alvo, ou seja, é o aproveitamento de habilidades linguísticas prévias no processo de assimilação de uma língua estrangeira. Ocorre predominantemente entre línguas com alto grau de semelhança.

Não importa qual seja a língua materna do aprendiz, a transferência é inevitável no processo de aquisição da língua-alvo, porque um aprendiz não pode apagar da sua mente os conhecimentos que já possui; no entanto, há línguas que dão margem para que o fenômeno ocorra, como é o caso do português e do espanhol. Villalba (2002) postula que, quando alunos espanhóis estão aprendendo o português brasileiro, a semelhança do padrão linguístico entre estas duas línguas permite mais transferência e, conseqüentemente, a fossilização.

A transferência merece um lugar de destaque dentre as possíveis causas da fossilização, porque a maior parte dos erros na produção da segunda língua surge

pelo fato de o aprendiz pensar que ela opera como sua língua materna ou primeira língua, causando assim um efeito de interferência na língua em estudo. Para Lightbown e Spada (1993, p.23), “a influência é uma tentativa sistemática do aprendiz de usar o conhecimento já adquirido ao aprender uma língua nova.”

Em todos os seus anos de estudo sobre fossilização, Selinker (1980) trabalhou muito o sentido da transferência. Para ele, a linha condutora do fenômeno é a língua materna, o que significa que, no processo de aquisição, o indivíduo parte da sua língua materna a qual ele vai modificando para atingir seus objetivos.

Em resumo: a transferência é a ocorrência de formas de uma língua na outra, causando desvios perceptíveis no campo do vocabulário, da estruturação de frases e da pronúncia. A interferência é a principal característica da interlíngua e da fossilização.

1.1.4 Fossilização

Descrições importantes de fossilização atraíram certa atenção na literatura por causa das implicações que elas apresentam para as pesquisas de aquisição de segunda língua.

É interesse desta pesquisa entender tanto a natureza quanto as causas da fossilização e tentar prever as formas particulares da interlíngua que são potencialmente fossilizáveis. Vários autores tentaram esclarecer o fenômeno da fossilização em diferentes épocas. O tema fossilização tem sido explorado com perspectivas variadas e definições diferentes. Cada estudioso apresenta variados argumentos teóricos e dados empíricos, na tentativa de comprovar os motivos que possam levar um indivíduo a produzir formas fossilizadas.

A fossilização, descrita por Selinker (1980, p 55), refere-se àqueles itens, regras e subsistemas linguísticos que os falantes de uma língua materna tendem a conservar em sua interlíngua com relação à língua-alvo, sem importar a idade do aluno ou o quanto de conhecimento tenha adquirido da segunda língua.

Para Selinker (1980), são várias as razões pelas quais os erros podem ocorrer tanto pela não clareza de dados da língua-alvo, sem a necessária informação referencial que permite construir o conhecimento correto, como também pela falta de adequação dos materiais didáticos que, muitas vezes, impõem ao aprendiz produzir estruturas para as quais ainda não está preparado.

O autor explica que o fenômeno da fossilização pode ser visto em cinco processos centrais na estrutura psicológica do aluno:

- I. *transferência linguística*: toda forma fossilizada advém da língua materna;
- II. *transferência de instrução*: referindo-se àqueles que podem ser identificados como resultado de procedimentos de práticas de novas estruturas;
- III. *estratégias de aprendizagem*: propensão do aluno em reduzir o sistema da língua-alvo a um sistema mais simples, evitando categorias que não considera importantes;
- IV. *estratégias de comunicação*: alusivos aos processos cognitivos desenvolvidos pelo aluno no momento de se comunicar na língua estrangeira, tentando solucionar deficiências em sua competência na língua-alvo com o objetivo de transmitir um significado de forma satisfatória;
- V. *generalização das regras da gramática da segunda língua*: são generalizações errôneas que ocorrem nas regras gramaticais da língua-alvo.

Weinreich (1953) explica a fossilização como um caso de transferência que se torna permanente, pois formas da língua materna são erroneamente identificadas como formas equivalentes da segunda língua e, assim, transferidas, ficam estabilizadas e eventualmente se fossilizam.

Nakuma (1998) esclarece que a fossilização se dá em dois tipos:

1. Fenômeno que ocorre no nível da competência: certas formas se fossilizam, pois elas são aprendidas de forma irregular pelo aprendiz, ou seja, ocorre falha de aprendizagem;

2. Fenômeno que ocorre no nível do desempenho: a fossilização é criada pela interlíngua, que vem a ser o modo como o aprendiz julga ser uma estrutura linguística da segunda língua é idêntica ou semelhante à da sua primeira língua. Essas formas fossilizadas não são formas que foram adquiridas de uma maneira irregular, mas sim, formas que não foram adquiridas pelo aprendiz e que, então são preenchidas pelas formas que o aprendiz tem à sua disposição e que ele as identifica como sendo as mesmas disponíveis na sua primeira língua.

A fossilização normalmente revela a repetição durante a performance da língua- alvo, e que não é mudada, não importando o nível de exposição ao qual o aprendiz se encontra. Esse fenômeno é distinto da estabilização, que é uma fase no sistema de interlíngua do aprendiz que precede a fossilização e é caracterizado por todos os fatores desta última, exceto por seu caráter imutável. Em outras palavras, enquanto uma forma desviada estabilizada pode ainda ser corrigível, uma forma fossilizada, não.

Acredita-se que o aprendiz, no decorrer do processo de aquisição de uma segunda língua, tem dificuldade de perceber que está produzindo uma forma errada. Com isso, entende-se que, quanto mais intensa a exposição à língua estrangeira e quanto mais rápido o processo de assimilação, tanto menor a duração da interlíngua e a possibilidade de fossilização de seus desvios.

1.1.5 A questão da competência comunicativa

Tratar o ensino da pronúncia do Português Brasileiro como segunda língua é um desafio, pois, a questão é bastante complexa.

Durante muito tempo devido às influencias recebidas do gerativismo, a pronúncia não foi considerada uma questão importante para o ensino de língua estrangeira.

Nessa ocasião havia crenças tais como:

1. A pronúncia não é importante;
2. Aprendizagem não requer ensino explícito pois se dá de forma espontânea/ ou intuitiva;
3. O ensino de pronúncia é bastante complexo (Morley,1994).

Desde a segunda metade do século XX, a atenção dos linguistas voltou se para o uso efetivo da língua, sendo assim, a noção de competência proposta pelo gerativismo precisou ser revista.

Para os gerativista a competência linguística é o conhecimento que o falante tem da gramática de sua língua, isto é, um saber interiorizado definida pela gramática de sua língua materna. Desempenho é o uso desse conhecimento. A língua é tratada fora de seu uso

Na teoria gerativista competência e desempenho foram definidos como uma gramática conhecida por um falante ideal e abstrato, ou seja, o falante tem conhecimento da gramática da língua e, também, tem conhecimento sobre as regras sociais de uso dessa língua e sabe adequá-los a contextos específicos.

Com o paradigma da pragmática, os linguistas entenderam que é importante estar atento ao uso efetivo de uma língua. Sendo assim, a noção de competência foi revista. Logo, surge a noção de competência comunicativa que se define por quatro habilidades do falante: falar/ ouvir, escrever/ler.

Com a elaboração da Abordagem Comunicativa, o ensino de língua é voltado, primordialmente, para a comunicação. Para atingir os objetivos da comunicação, utilizam-se meios tecnológicos, atividades interdisciplinares, fatores sociais/psicológicos e, também, considera-se a participação ativa do aprendiz no processo de aprendizagem como um todo. Bollela (2002) diz que o surgimento da abordagem comunicativa ajudou a alterar o panorama do ensino de pronúncia de Língua Estrangeira. Esse ensino faz -se necessário mesmo quando o aprendiz alcança o domínio da gramática e do vocabulário, pois, pesquisas indicam que isso não garante o sucesso do aprendiz na comunicação oral.

Mesmo sabendo de sua importância, conseguir uma boa pronúncia não é uma tarefa simples, até mesmo quando se aprende uma língua nova de proximidade à língua materna. É necessário considerar que língua alvo pretendida pelo aluno, pode ser de proximidade ou de distanciamento com sua língua materna. No caso desta última, o ensino da pronúncia deve estar situado na fase intermediária. Porém, no caso de proximidade, o ensino da pronúncia deve estar situado no momento inicial, pois esse aluno ao iniciar o aprendizado da língua alvo, já compreende e é compreendido, e se encontra desde o início na fase intermediária. Confirmando essa teoria, Silveira (2008, p.38) diz:

No caso de línguas de distanciamento, o ensino da pronúncia deve ser realizado do estágio intermediário em diante. Porém, para línguas de interface, o aprendiz nunca pode ser considerado iniciante, pois, desde seus primeiros contatos com falantes do português, já entende, e faz-se entender.

Tratar do ensino o ensino da pronúncia do Português brasileiro para hispanos falantes é tratar de interfaces. Para Mar (1994, p.8), o aprendiz “ignora, contudo, que o semelhante não é, necessariamente, ‘igual’ e que esta proximidade pode causar erros de pronúncia.” Sendo assim, é necessário diagnosticar as dificuldades articulatórias existentes para a aquisição das bases fonéticas de pronúncia da língua alvo. Caso contrário, ocorre a fossilização. E o aluno acha que está articulando o som da língua alvo quando, na verdade, não está.

A semelhança entre o Português e o Espanhol pode ser um facilitador no início da comunicação, mas um complicador para a evolução do aprendizado. Muitos alunos em fase da aquisição da Língua Portuguesa reclamam que, às vezes, não sabem quando estão falando espanhol e quando estão falando português com sotaque hispânico. Uma particularidade da produção oral e escrita em Língua Portuguesa dos hispano-falantes é o que vem sendo chamada de “Portunhol”, interlíngua inicial que, muitas vezes, torna-se a forma final da proficiência. Ou seja, torna-se cristalizada, oferecendo dificuldades para a comunicação oral.

Pennington (1996, p.105) ressalta que o ensino da pronúncia pode ajudar os aprendizes de uma Língua Estrangeira a desenvolver a fonologia da interlíngua, pois:

[...] oferece a eles a experiência perceptiva e produtiva de que eles precisam para reconceitualizar os alvos de desempenho, ao mesmo tempo em que oferece motivação para modificações e experiências sociais para desenvolver um novo conjunto de valores.

Souza (2009, p. 34), postula que “o objetivo de se ensinar pronúncia, atualmente, é desenvolver nos alunos habilidade de pronúncia suficiente para uma comunicação efetiva com falantes nativos”. Dessa maneira, possibilitar certo nível de conscientização dos sons da língua-alvo é parte integrante do ensino de outra língua.

Para Morley (1994), o ensino da pronúncia não compreende apenas aspectos relacionados à competência linguística, mas também às competências discursiva, sociolinguística e estratégica. Segundo a autora, é um equívoco pensar que o ensino da pronúncia tem como objetivo fazer com que o aprendiz tenha uma pronúncia igual a de um falante nativo da língua alvo. Desse modo, Morley propõe quatro objetivos para o ensino da pronúncia:

- I. inteligibilidade funcional, isto é, a pronúncia do aluno tem que ser boa o suficiente para que os seus interlocutores o compreendam;
- II. comunicabilidade funcional, isto é, a pronúncia do aluno deve possibilitar uma comunicação bem-sucedida em atividades cotidianas;
- III. estímulo da autoconfiança, o que significa fazer com que o aluno adquira confiança na sua habilidade de se expressar na língua alvo;
- IV. desenvolvimento de habilidades de monitoramento da fala e estratégias de modificação da fala para serem usadas fora da sala de aula.

Para Silveira (2008, p.38), "dar atenção ao ensino da pronúncia é considerar o direito linguístico do aprendiz, com dignidade e respeito, dando a ele orientação fonético-fonológica adequada [...] motivando-o para a aquisição e cultivo de uma pronúncia que contribua para a intercompreensão”.

Com os esforços realizados pelos estudiosos de línguas estrangeiras foram desenvolvidas metodologias e técnicas para o ensino de pronúncia e, com essas contribuições, os laboratórios para o ensino de línguas estrangeiras têm um excelente papel como recurso didático.

O Laboratório de Línguas da PUC-SP tem vários recursos didáticos para o ensino da pronúncia inglesa e francesa pois ela era objeto de ensino nos cursos de Letras Inglês/Francês dessa universidade.

Todavia, o curso de Letras/ Português sempre privilegiou o curso para falantes nativos. Conseqüentemente, o ensino da pronúncia como recurso didático não tem material disponível. O desafio é imenso, pois envolve as competências discursivas, sociolinguísticas e estratégias.

Para tanto, é necessário oferecer aos aprendizes uma experiência tanto auditiva quanto articulatória, ao mesmo tempo que oferecer motivação para modificações e experiências sociais que possam desenvolver neles um novo conjunto de valores culturais e ideológicos.

Sendo assim, a primeira questão a se responder é: qual pronúncia ensinar como representativa de uma identidade articulatória dos falantes do português brasileiro?

Essa questão é bastante complexa, pois o Brasil é um país quase que continental em sua extensão geográfica. Nosso território é composto por diferentes pronúncias que têm suas características decorrentes de quem historicamente povoou a região e como tornaram a terra produtiva. As variedades dialetais são múltiplas e todas elas merecem atenção. Todavia, não é possível de se propor todas para o ensino da pronúncia do português brasileiro.

Para responder a essa pergunta, uma vez que essa dissertação se propõe a iniciar material piloto no ensino de pronúncia do Português Brasileiro, recorreu-se ao resultado da pesquisa desenvolvida pelo Núcleo de Pesquisa e Ensino de Português/Língua Estrangeira, no *Instituto de Pesquisas Linguísticas "Sedes Sapientiae"* da PUC/SP (NUPPLE-IP-PUC/SP), sob a coordenação da profa. Dra. Regina Célia P. da Silveira, com informantes falantes nativos e falantes de outras línguas (tanto de distanciamento quanto de interface com a língua portuguesa) sendo que estes últimos estavam em estado de interlíngua e encontravam-se em exposição ao Português Brasileiro inclusive ao ensino formal em São Paulo.

O resultado da pesquisa realizada por Silveira (2008, p. 28) revela que, de forma geral, tanto os nativos quanto os estrangeiros atribuíram o grau *ótimo* à pronúncia dos apresentadores do Jornal Nacional da TV Globo, depois de ouvirem uma série de gravações com a pronúncia de participantes de mesas-redondas,

cantores sertanejos e de músicas populares brasileiras, contadores de casos, apresentadores de noticiários locais e nacionais, professores universitários, políticos e apresentadores de anúncios publicitários.

Silveira (2008) defende uma instituição imaginária da sociedade cuja resultante é uma identidade de pronúncia chamada: “globês”. E explica que, a construção simbólica de uma pronúncia idiomática, imposta politicamente, difere dos processos por onde se dá a construção da pronúncia estandardizada, que requer uma visão multidisciplinar para “diferenciar o que é selecionado e imposto pelo poder político como idioma do que é selecionado como grau ótimo pela preferência nacional” (Silveira, 2008, p. 19).

Com base nos resultados obtidos pela pesquisa evidenciou-se uma complexidade para a caracterização de uma pronúncia identitária brasileira, uma vez que mediante a escolha do “globês”, a variedade de prestígio até então, a carioca, perdeu seu status para a pronúncia avaliada com grau ótimo e que se mostrou como unidade imaginária na diversidade de variações linguísticas brasileiras. Com isso, evidenciou-se o problema de se saber o motivo de a pronúncia dos apresentadores da TV Globo ter recebido grau ótimo.

Para a autora (2008, p. 32) o resultado da pesquisa é muito importante pois, “ao tratar do “globês” como uma pronúncia identitária para o Português Brasileiro, ” ajudará os profissionais envolvidos no ensino de Língua, “a fim de preencher as lacunas e atender às dificuldades existentes no ensino de nossa pronúncia para falantes de outras línguas.

A segunda questão proposta para a pesquisa é: como desenvolver as habilidades de ouvir e falar para os aprendizes?

A pesquisa realizada busca, portanto, abrir novas perspectiva para o desenvolvimento dessas habilidades. Para tanto, tem-se por ponto de partida o material didático existente, a fim de se verificar quais recursos didáticos são utilizados pelos autores. Em seguida, foi feito o diagnóstico das dificuldades de pronúncia

apresentados pelos informantes- alunos hispano-americanos, para depois sugerir alguns recursos didáticos para o ensino da pronuncia a esses alunos.

Esta dissertação busca tratar do ensino da pronuncia do português brasileiro para hispano-americanos.

1.2 O procedimento

O procedimento da pesquisa é qualitativo e seguiu as seguintes etapas:

1.2.1 Seleção dos informantes

Foram selecionados os cinco alunos hispano-americanos inscritos no curso extensivo de Língua Portuguesa oferecido pela PUC-SP. Esses informantes- alunos são dos seguintes países: Argentina, Venezuela, Colômbia, México e Panamá.

- *Informante I*

Tem nacionalidade argentina. É do sexo feminino, tem 37 anos e veio ao Brasil para acompanhar o marido que trabalha numa empresa de computação. Está no Brasil há oito meses e pela primeira vez está em busca do ensino formal do português brasileiro.

- *Informante II*

Tem nacionalidade venezuelana. É do sexo masculino e tem 24 anos. Está no Brasil para cursar graduação em Psicologia. Está no Brasil há 7 meses e pela primeira vez está em busca do ensino formal do português brasileiro.

- *Informante III*

Tem nacionalidade colombiana, tem 25 anos e é do sexo feminino. Está no Brasil há seis meses. Veio ao Brasil para trabalhar e pela primeira vez está em busca do ensino formal do português brasileiro.

- *Informante IV*

Tem nacionalidade mexicana. É do sexo feminino e tem 31 anos. Veio ao Brasil para acompanhar o marido que trabalha numa empresa de consultoria. Está no Brasil há oito meses e pela primeira vez está em busca do ensino formal do português brasileiro.

- *Informante V*

É panamenha e do sexo feminino. Tem 25 anos. Está no Brasil há quase um ano. Veio ao Brasil para trabalhar e pela primeira vez está em busca do ensino formal do português brasileiro.

1.2.2 Coletas de dados

Os dados foram coletados por:

1.2.2.1 Diários gravados pelos próprios informantes- aprendizes;

Diários gravados é um recurso didático utilizado para o ensino de língua estrangeira e compreende uma gravação semanal realizada pelo aluno de sua própria fala. Este relata o que ele fez durante a semana. Em seguida, o aluno redige os sons gravados e traz para o professor como tarefa realizada.

Dos cinco informantes- alunos as gravações realizadas tiveram em média de um a dois minutos de gravação.

Os dados coletados foram transcritos pela pesquisadora com o alfabeto fonético da convenção Brasil- Portugal (1958). Justifica-se o uso deste alfabético fonético por ser mais adequado às transcrições das variedades/ variações fonéticas da Língua Portuguesa. As transcrições ortográficas foram seguidas das transcrições fonéticas a fim de facilitar a leitura desta dissertação.

1.2.2.2 Gravações da fala dos apresentadores da TV Globo realizada pelos aprendizes, com duração média de um minuto de gravação;

Os informantes – alunos ouviram a gravação quantas vezes julgaram necessário;

1.2.2.3 Gravação da repetição de fala dos alunos, tendo por ponto de partida, a pronúncia anteriormente gravada por eles, dos apresentadores da TV globo.

Em seguida a pesquisadora transcreveu a pronuncia dos informantes- alunos que buscavam repetir a pronúncia gravada por eles dos apresentadores do jornal nacional da TV globo, correspondendo, em média, a um minuto de gravação;

1.2.2.4 Transcrição realizada pela pesquisadora das gravações como dados coletados da pronúncia dos informantes- alunos, usando o alfabeto fonético da convenção Brasil- Portugal (1958);

1.2.2.5 Diagnóstico das dificuldades encontradas na pronuncia dos informantes- alunos, tendo por parâmetro, a pronúncia “globês” dos apresentadores do jornal nacional da TV Globo;

1.2.2.6 Seleção das dificuldades encontradas tendo por critérios vogais e encontros vocálicos; consoantes e encontro consonantais;

As vogais foram classificadas a partir do lugar do acento em vogais acentuadas tônicas e não tônicas; vogais átonas e reduzidas;

1.2.2.7 Revisão de manuais didáticos para o ensino do PB que apresentaram recurso didáticos para o ensino da pronuncia;

O material revisto teve por critério os manuais didáticos com o maior número de edições, por serem mais utilizados para o ensino do português brasileiro. Esses manuais são:

- ***Aprendendo português do Brasil.*** Autoras: Maria Nazaré de Carvalho Laroca, Nadime Bara, Sonia Maria da Cunha Pereira, 2003;

- ***Novo Avenida Brasil 2***. Autores: Emma Eberlein O. F. Lima, Lutz Rohrmann, Tokiko Ishihara, Samira Abirad Lunes, Cristian Gonzalez Bergweiler, 2009;
- ***Bem-Vindo! A Língua Portuguesa no mundo da comunicação***. Autoras: Maria Harumi de Ponce, Silvia Andrade Burim, Susana Florissi, 2010;
- ***Terra Brasil: curso de língua e cultura***. Autoras: Regina Lúcia Péret Dell'Isola, Maria José Aparecida de Almeida, 2008;
- ***Muito Prazer- Fale o Português do Brasil***. Autoras: Gláucia Roberta Rocha Fernandes, Telma de Lourdes São Bento Ferreira, Vera Lúcia Ramos, 2012;
- ***Falar, Ler, Escrever Português***. Autoras: Emma Lima, Samira Lunes, 2006.

1.2.2.8 Revisão da descrição fonético- fonológica do português brasileiro tratado por Silveira (1982, 1986, 2008);

1.2.2.9 Uma proposta de recurso didáticos para o ensino da pronúncia do português brasileiro, conforme o “globês”, proposto por Silveira (2008).

Finalmente, conclui-se com as considerações finais, seguidas das referências bibliográficas que nortearam a realização desta investigação.

2 CAPÍTULO II - REVISÃO DO MATERIAL DIDÁTICO PARA O ENSINO DA PRONÚNCIA EM AULAS DE PLE

Este capítulo é composto pela revisão de conceitos pertinentes para elaboração de material didático seguida da revisão dos manuais didáticos referentes ao ensino da pronúncia do Português Brasileiro. Justifica-se a revisão inicial, pois, no que se refere ao ensino da pronúncia, nossos livros didáticos são lacunosos na área e os conceitos anteriormente revistos se fazem necessários para tecer considerações.

2.1 Material didático

Durante muito tempo, o ensino teve como principal objetivo transmitir o conhecimento para o aluno e o professor era considerado o que tinha posse desse conhecimento. Mas, com o passar dos anos e com o avanço tecnológico de comunicação e da informação essa realidade mudou e hoje o professor assume outro papel, ou seja, o de mediador ou facilitador do conhecimento do aluno.

Nesse contexto de pós-modernidade, o professor não pode mais se limitar a ministrar aulas a partir de seu próprio conhecimento e sem recursos didáticos diversificados, para que, juntamente com a prática pedagógica adequada, despertar o aluno para a construção do conhecimento.

Escolher recursos didáticos é um processo que implica variadas opções, porém o critério deve ser sempre as necessidades que os alunos apresentam para a aquisição do que se ensina. Portanto, o professor deve e pode inovar sua prática de ensino lançando mão dos diversos recursos à sua disposição. Esses recursos tem a função de promover uma aprendizagem significativa para os alunos, desde que sejam utilizados de forma planejada e em constante avaliação.

A definição de material didático é popularmente conhecida como produtos pedagógicos utilizados na educação. Freitas (2007, p.21) menciona que é também conhecido como “recurso” o material utilizado em um procedimento de ensino, visando à estimulação do aluno e à sua aproximação do conteúdo. Pesquisas recentes indicam que a função básica de um material ou recurso didático é de contribuir, de forma variada, no processo de ensino/aprendizagem.

Gotheim (2007, p. 51-52), define material didático como

Materiais [...] referem-se a todo insumo codificado em textos, fotos, falas, gestos (em disposição específica), vazados em linguagem verbal ou não verbal, criados com a função potencial de gerar experiências de aquisição /aprendizagem de língua.

Conforme Prabhu (1988), o material didático deve ser tão flexível a ponto de não predeterminar o que deve ou não ser considerado adequado para a aprendizagem, pois, durante seu uso há possibilidades de modificar, adaptar ou ajustar às necessidades de professores e alunos, considerando o conhecimento prévio dos aprendizes e os insumos fornecidos pelo professor.

Segundo Mishan (2005, p.41-42), a seleção criteriosa do material didático oferece:

[...] a melhor fonte de informações ricas e variadas para os aprendizes de língua estrangeira. [...] têm efeito sobre fatores afetivos essenciais à aprendizagem, como a motivação, a empatia e o envolvimento emocional. [...] se prestam a uma abordagem naturalista e de conscientização em relação à aprendizagem da gramática da língua--alvo. [...] estimulam o processamento do cérebro como um todo o que pode resultar em uma aprendizagem duradoura.

Para Almeida Filho (2013, p. 15-16), materiais didáticos são “como se fossem planos incompletos aguardando uma finalização de professores e suas turmas nos

contextos reais em que estiverem imersos”. As relações entre os materiais e professor/aprendiz são dinâmicas, influenciando-se continuamente.

As definições apresentadas permitem compreender que toda atividade elaborada pelo professor para o ensino de língua são, portanto, formas ou modalidades de realização e emprego de materiais didáticos.

2.2 Manual didático: Livro

O livro didático destaca-se entre os diferentes materiais didáticos capazes de serem usados no processo ensino/aprendizagem de línguas, pois ele é um excelente recurso didático para o professor, na medida em que orienta na distribuição dos conteúdos e na progressão das dificuldades.

Entende-se que o manual didático não é escrito para atender as dificuldades específicas de alunos específicos. Seus autores, quando os escrevem, visam tratar de questões que são importantes para qualquer aluno daquela matéria. Por essa razão, o professor precisa analisar e verificar quais as reais necessidades de seus alunos e a partir delas selecionar outros recursos adequados para auxiliar seus alunos na aquisição da língua-alvo.

Conforme Lopes (2009, p. 136), a escolha do manual didático, “exige uma análise aprofundada para que os objetivos traçados no programa do curso sejam atingidos com satisfação pelo professor e pelos alunos. ” Porque organização de alguns livros didáticos, muitas vezes, tematiza apenas o componente gramatical. Isso mostra que os autores, em sua maioria, veem o processo de ensino/aprendizagem somente como a apresentação de um conjunto de regras formais a serem apreendidas e reproduzidas e não como um conjunto de atividades que levam os alunos a agirem no mundo.

Teixeira e Silva (2008, p. 173), relata que:

[...] o lugar da informação gramatical existe no ensino de língua estrangeira, todavia este lugar não pode ser isolado de todos os outros aspectos da língua, como se fosse o principal. A informação gramatical precisa ser útil para o aluno atingir competência comunicativa.

Não obstante, ainda é possível levantar diversos pontos que precisam ser aprimorados. Segundo Morita (1998, p. 65), os livros didáticos de PLE “ainda estão longe de competir com a qualidade de apresentação dos livros de inglês, francês e mesmos de português como língua materna”. Entretanto, Lopes (2009, p. 138) imagina um avanço eminente, considerando a “progressão da visibilidade internacional do Brasil”. Dessa forma, espera-se um aumento na qualidade de produção, tanto de materiais teóricos, quanto práticos nessa área.

2.3 Uma revisão de manuais didáticos mais utilizados em PLE do português brasileiro.

A seguir será apresentada um levantamento de tópicos relevantes para o ensino da pronúncia de português como segunda língua, da seleção dos manuais didáticos utilizados pelos professores no ensino de PLE mais vendidos no mercado, compreendendo seis livros didáticos, a saber:

- ***Aprendendo português do Brasil;***
- ***Novo Avenida Brasil 2;***
- ***Bem-Vindo! A Língua Portuguesa no mundo da comunicação;***
- ***Terra Brasil: curso de língua e cultura;***

- ***Muito Prazer- Fale o Português do Brasil;***
- ***Falar, Ler, Escrever Português.***

2.3.1 Primeiro momento: obras não dedicadas ao ensino da pronúncia

Entende-se que durante o estruturalismo, a atenção dos estudiosos de Linguagem esteve voltada para o sistema da Língua. Nesse sentido, as questões fonéticas tratadas objetivavam a descrição dos traços do fonema. Por não tratarem do uso da língua, a questão da pronúncia não era abordada. Sendo assim, os manuais didáticos revisados seguem ainda essa orientação.

A partir da segunda metade do século XX, aparece a preocupação com estudos de línguas para o uso efetivo da língua. Nesse momento, deveria ter aparecido interesse em se estudar a pronúncia das línguas para se propor a discussão de questões relativas as variedades/variações de pronúncias nacionais e a questão da pronúncia estandardizada para o ensino. Essas questões, todavia, vem sendo tratadas pela Sociolinguística e voltadas para as Políticas de Língua e não foram ainda tratadas pelos autores de manuais didáticos do português brasileiro.

Logo, a ausência desse tratamento produz grandes lacunas para o ensino do Português Brasileiro, causando dificuldades aos alunos de se desestrangeirizarem do uso oral efetivo do português brasileiro.

Este primeiro momento, resulta de uma revisão de livros didáticos de grande circulação no mercado, que não dão atenção ao ensino da pronúncia por considerá-la de pouca importância para conduzir o aluno à aquisição da língua- alvo:

- ***Aprendendo português do Brasil***. Autoras: Maria Nazaré de Carvalho Laroça, Nadime Bara, Sonia Maria da Cunha Pereira, 2003);

Segundo Laroça, Bara e Cunha (2003), esta obra objetiva propiciar ao aluno estrangeiro o domínio, em pouco tempo, das estruturas fundamentais da Língua Portuguesa nas modalidades oral e escrita.

Trata-se de um manual composto por livro do professore e um CD. Destinado ao uso em sala de aula, contém motivação (histórias), diálogo (conteúdo lexical e funcional para o desempenho nas situações imediatas de comunicação), conteúdo gramatical (estruturas linguísticas para uma aprendizagem rápida), aplicação (exercícios de compreensão e fixação das estruturas linguísticas por meio de produção escrita), expansão vocabular (enriquecimento vocabular pelo uso cotidiano), atividades (quanto ao conteúdo e forma com informações sobre cultura brasileira e novas estruturas gramaticais), leitura suplementar (temas variados para o aluno entrar em contato com textos literários e de informação histórico- cultural), livro de atividades (exercícios diversificados, ilustrações e jogos para motivar o aluno a interessa-se por atividades escritas) e o livro do professor (orientações para o trabalho pedagógico e atividades motivadoras).

Esta publicação não apresenta questões relativas à pronúncia. O sumário é organizado por unidade, num total de 13 unidades. Todas elas apresentam: diálogo, uma questão gramatical, expansão vocabular e atividades. Por último, apresentam uma leitura suplementar.

Como se pode verificar, o oral é tratado pelo diálogo em que se privilegiam estruturas gramaticais e o léxico.

- ***Falar, Ler, Escrever Português.*** Autoras: Emma Lima, Samira lunes, 2006.

Este livro, conforme Lima e lunes (2006), tem a finalidade de levar o aluno totalmente principiante a entender, falar, ler e escrever português com fluência e segurança, em nível de linguagem coloquial correta através do método estrutural-comunicativo. É destinado a adultos e a adolescentes a partir dos 13 anos de idade aproximadamente, de qualquer nacionalidade.

Ainda conforme as autoras, os textos foram elaborados e o vocabulário selecionado a partir dos centros de interesse imediato do aluno nas áreas familiar, profissional e social. Aspectos da cultura do Brasil, de sua história e geografia são apresentados através de textos narrativos. As noções gramaticais são apresentadas ao aluno através de grande número de atividades e exercícios.

O sumário é organizado por unidade, num total de 18 unidades. As primeiras dez unidades apresentam, a cada diálogo, uma nova questão gramatical, expansão vocabular e atividades. Nas últimas oito unidades apresentam atividades para fixar as estruturas gramaticais e desenvolver a expressão escrita. Todos os diálogos e os textos estão gravados em um CD que acompanha o livro.

Esta obra não apresenta questões relativas à pronúncia. Não há uma seção destinada ao conhecimento das bases articulatórias do Português Brasileiro. O oral é tratado pelo diálogo onde se privilegia as estruturas gramaticais e o léxico, como se pode ver nas duas atividades retiradas do exemplar:

Atividade A

Linguagem Popular	Linguagem Correta
<p style="text-align: center;"><i>A gravata</i></p>	<p style="text-align: center;"><i>A gravata</i></p>
<p>— Chico, tem muita gravata bonita nesta loja. Você não quer comprá pra usá lá no escritório? Não tá caro, não.</p>	<p>— Francisco, há muitas gravatas bonitas nesta loja. Você não quer comprar uma para usá-la no escritório? Não está caro, não.</p>
<p>— Vou comprá, Zé, mas é pra mostrá pros amigos no baile do sábado.</p>	<p>— Vou comprá-la, José, mas é para mostrá-la para os amigos no baile do sábado.</p>
<p>— Você vai no baile?</p>	<p>— Você vai ao baile?</p>
<p>— Claro, Zé! Você também não vai?</p>	<p>— Claro, José! Você também não vai?</p>

(Exercício retirado da página 78, do livro *Falar, Ler, Escrever Português*)

Atividade B

Passa para a linguagem correta :

Ontem eu fui no consultório do Dr Fagundes. No consultório dele tem sempre um monte de gente. Ele disse que eu tou bem. Só minhas costa não tão em ordem. Depois de fala com o doutor, eu fui na farmácia, comprei o remédio, voltei pra casa e tomei bem depressa. Ufa! Que negócio horrível!

(Exercício retirado da página 78, do livro *Falar, Ler, Escrever Português*)

2.3.2 Segundo momento: obras dedicadas ao ensino da pronúncia

Este segundo momento é caracterizado por uma preocupação dos autores em darem atenção ao ensino da pronúncia do Português Brasileiro, pois têm por ponto de partida que as dificuldades de pronúncia apresentam problemas para a interação comunicativa. Assim, verifica-se uma preocupação de “desestrangeiramento” oral do aprendiz. Dentre os manuais analisados, apenas os seguintes apresentaram alguma atividade relacionada à pronúncia:

- ***Bem-Vindo! A Língua Portuguesa no mundo da comunicação.***
Autoras: Maria Harumi de Ponce, Silvia Andrade Burim, Susana Florissi, 2010;

Florissi et al. (2010), apresentam a obra afirmando que “objetivam suprir uma grande necessidade de um material dinâmico e interativo cujo foco central seja a comunicação”.

O manual é composto de vinte unidades contendo expressões coloquiais, dialetos regionais e muito vocabulário. As autoras afirmam ainda que o livro é feito “ao vivo e em cores” para propiciar que o aprendiz adquira o Português falado como ele é, sem abandonar as necessárias referências à Gramática Normativa.

A seguir, serão revisados alguns exercícios que a publicação declara como atividade fonética:

1. Na unidade cinco, página 42, tratam da acentuação. As autoras diferenciam sílabas tônicas de sílabas átonas e apresentam as palavras pelo número de sílabas, diferenciando-as.

Atividade A:

UNIDADE 5

ESTUDO DE...

ACENTUAÇÃO - PARTE I



RECORDANDO:

SÍLABA TÔNICA é aquela que é pronunciada com maior intensidade.



Identifique as **SÍLABAS TÔNICAS** no quadrinho ao lado e depois confira suas respostas.

CUI DA DO **PO LÍ CIA** **ESTÃO** **A TI RAN DO**

Observe que a **PALAVRA** pode ser:

- OXÍTONA** – a sílaba tônica é a última da palavra:
vo-cé, ca-fé, tal-vez
- PAROXÍTONA** – a sílaba tônica é a penúltima da palavra:
ca-der-no, po-lí-cia
- PROPÁROXÍTONA** – a sílaba tônica é a antepenúltima da palavra:
má-gi-ca, ár-vo-re

Os **MONOSSÍLABOS** (palavras de uma só sílaba) **TÔNICOS** terminados em **a, e, o** são sempre acentuados:

pá, pé, pô, lá, nós, dô

Importante: 1) **PREPOSIÇÕES NÃO** são acentuadas:

Gosto de você. O cabelo da menina está preso.

2) **dê / de — dá / da — pôr / por**

◌ = **ACENTO AGUDO** – utilizado nas vogais abertas (tônicas): **vovó, saída, régua**

◌ = **ACENTO CIRCUNFLEXO** – utilizado nas vogais fechadas (tônicas): **câmera, vovô, pêssego**

◌ = **TIL** – usado para marcar a vogal nasal: **irmã, lá, amanhã, põe, mãe, irmão**

◌ = **ACENTO GRAVE (CRASE)** – usado na contração da preposição **a** com o artigo **a, as** ou com o demonstrativo **aquele, aquilo...**:

às vezes, à noite, às escuras, àqueles

◌ = **TREMA** – só deve ser colocado sobre o **y** dos grupos **gue, gui, que, qui**, quando este **y** for pronunciado:

agüentar, lingüiça, freqüente, tranqüilo

2. No apêndice I, na página 202, tem-se o título **O alfabeto em Português** fornecendo poucos detalhes sobre o alfabeto do Português Brasileiro, como:
 - Número das vogais; breve descrição da produção das vogais orais e nasais;
 - Número das consoantes; não há descrição detalhada da produção das consoantes;
 - Dígrafos: combinações de letras;
 - O **ç** é usado na escrita;
 - O **h** não tem som, em Português

Atividade B

O ALFABETO EM PORTUGUÊS

Em português, temos **5 vogais** e **18 consoantes**. Os nomes das letras são masculinos: o **p**, o **c**, o **a**. Mas dizemos: a letra **p**, a letra **c**, a letra **a**. Na produção das vogais, a corrente de ar passa pela boca sem nenhum obstáculo. No caso das consoantes, há interferência de algum órgão da boca: lábios, dentes, etc.

1. Não fazem parte do alfabeto português:

K	(cá)	w	(dóblis)	v	(psilon)
---	------	---	----------	---	----------

Mas estas letras são usadas em:

- símbolos químicos: K - potássio
 - símbolos, siglas e abreviaturas de uso Internacional: w (tungstênio), w (watt), WC (sanitário), y (Ílio), yd (jarda), y (incógnita matemática), km, kg, kw (devem ser grafadas com "quê" quando escritas por extenso: quilômetro, quilograma, quilowatt).
2. Em português, existem algumas combinações de letras a que chamamos **digrafos**: **nh** (ene-agô) (fj) (rinha); **lh** (ele-agô) (fj) (filho); **ch** (cê-agô) (fj) (chave); as consoantes "s" e "r" dobradas (passar, carro); **sc** (nascer), **sc** (nasça), **xc** (exceção), **gu** (guerra), **qu** (quilo).
3. O **ç** (ce cedilhada, cedilha ou ce-cedilha) não faz parte do alfabeto, mas é usado na escrita, seguido de **a**, **o**, **u**, nunca em início de palavra, representando o fonema /S/: calça, açúcar, coração, criança, poço, aviação.
4. Em português, o **h** não é aspirado, não tem som: Helena, hora, hoje, Henrique, homem. A letra **h** também ocorre em interjeições: **Hein!**, **Ah!**

Letra	Nome	Correspondências Fonéticas	Exemplos
a	â	{ a - ã }	pá, pato, lama, lâ
b	bê	{ b }	barba, boi, brinco
c	cê	{ s - k }	céu, casa
d	dê	{ d - dj }	dado, dia
e	é	{ e - ê - i }	pé, medo, mente, cone
f	efe	{ f }	faca, final
g	gê	{ ʒ - g }	gente, gato
h	agô		hora, Helena
i	i	{ i - j }	pica, sinta, foi
j	jota	{ ʒ }	já, janela
l	ele	{ l - w }	laço, mal, Brasil
m	eme	{ m }	maçã, amor
n	ene	{ n }	nadar, pano
o	ô	{ o - ô - u }	pó, roxo, ponto, aluno
p	pê	{ p }	pé, perto, pronto
q	quê	{ k }	quero, quente
r	ere	{ R - r }	carro, rio, radar, caro
s	esse	{ s - z - ʒ - ʒ }	sapo, casa, este, mesmo
t	tê	{ t - tj }	tabela, tia, sete
u	u	{ u - û - w }	uva, mundo, mingau
v	vê	{ v }	livro, vinho
x	xê	{ ʃ - s - z - ks }	xale, máximo, exemplo, táxi
z	zê	{ z - s - ʒ }	zero, luz, refiz

O SISTEMA VOCÁICO EM PORTUGUÊS

O português apresenta **12 vogais**:

• **7 vogais orais** (o ar sai livremente pela cavidade bucal):

{ a }	{ e }	{ e }	{ i }	{ o }	{ o }	{ u }
saco	(eu) seco	seco	mico	eu soco	o soco	o suco
pá	pê	você	itis	hora	boca	uva

• **5 vogais nasais** (o ar sai parte pela boca, parte pelas fossas nasais ou pelo nariz):

{ ã }	{ ê }	{ ĩ }	{ õ }	{ ũ }
canto	penite	cinco	onze	fundo
samba	dente	vinze	conta	nunca

ACENTOS

Em português o acento **agudo** (´) assinala o **timbre aberto** da vogal, e o acento **circunflexo** (^), o **timbre fechado**. Ambos indicam a vogal **lênica**.

Exemplo: em "avô"/"avò", há tanto diferença de timbre (aberto e fechado), como diferença fonológica, de significação, indicando a mudança de gênero (masculino e feminino).

3. O livro, na página 211, traz uma breve menção aos padrões de entonação das frases interrogativas e declarativas.

Atividade C

3. Nas **Locuções Prepositivas** e **Locuções Conjuntivas femininas** ocorre crase:
à maneira de, à moda de, às custas de, à procura de, à espera de, à medida que, à proporção que
4. Diante da palavra **distância**, só ocorre crase se houver a formação de **Locução Prepositiva** (se houver uma expressão, com a preposição **DE** com valor de Adjetivo):
- Reconheci-a distância.
 - Reconheci-a à distância de duzentos metros. (A palavra distância vem, na segunda frase, especificada, modificada, pela expressão **de duzentos metros**.)
5. Diante do **Pronome Relativo QUE** ou da **Preposição DE**, em caso de **contração** da **preposição A** com o **Pronome Demonstrativo A, AS** (= aquela, aquelas):
- Essa roupa é igual **à** que comprei ontem.
 - Sua voz é igual **à** de um primo meu.
6. Diante dos **Pronomes Relativos A QUAL, AS QUAIS**, quando o verbo da Oração Subordinada Adjetiva exigir a **Preposição A**, ocorre crase:
- A cena **à** qual assisti foi chocante. (assistir **a** algo)
 - A entrevista **à** qual compareceu o candidato de oposição teve grande repercussão. (comparecer **a** algo)
7. Quando o **A** (preposição) estiver diante de uma palavra no **plural**, não ocorre crase:
- Referi-me **a** todas as alunas, sem exceção.
 - Não gosto de ir **a** festas desacompanhado.
- Mas:
- Referi-me **às** alunas, sem exceção. (→ referir-se **a** + **as** alunas)
 - Não gosto de ir **às** festas desacompanhado. (→ ir **a** + **as** festas)
8. Nos **Adjuntos Adverbiais de Meio** ou **Instrumento** (a não ser em caso de ambigüidade):
- Preencheu o formulário **a** caneta.
 - Paguei **a** vista minhas compras.
- Nota: Admiti-se crase em:
- Paguei **à** vista minhas compras.
- Mas:
- Pagou **a** vista de todos. (→ Todos presenciaram, viram o fato.)
 - Pagou **a** vista e não **a** prazo. (→ Da mesma maneira, não se usa: **ao** prazo.)
9. Diante de **Pronomes Possessivos femininos**, é facultativo o uso do artigo. Então, quando houver a preposição **A**, é facultativo o uso da crase:
- Referi-me **a** sua professora. / Referi-me **à** sua professora.
10. Após a preposição **até**, é facultativo o uso da preposição **A**. Portanto, caso haja substantivo feminino à frente, é facultativo o uso da crase:
- Fui **até** **a** secretaria.
 - Fui **até** **à** secretaria.
11. A palavra **CASA** só leva **artigo**, se estiver especificada; portanto, só nesse caso ocorre crase:
- Cheguei **a** casa antes de todas.
 - Cheguei **à** casa de Ronaldo antes de todas. (**de Ronaldo** especifica a palavra **casa**.)
12. A palavra **TERRA**:
- Significando **planeta**, é substantivo próprio (letra maiúscula) e leva artigo e, se houver a preposição **A**, ocorre a crase:
 - Os astronautas voltaram **à** Terra.
 - Significando **chão firme, solo**, só leva artigo, se estiver especificada; portanto, só nesse caso pode ocorrer a crase:
 - Os marinheiros voltaram **a** terra.
 - Irei **à** terra de meus avós. (**de meus avós** especifica a palavra terra.)
13. Não se usa a crase entre palavras repetidas como:
cara a cara, frente a frente, gota a gota.

PARA LEMBRAR ••



- Há uma hora estou nesta fila. → **há uma hora** = indica tempo passado (faz uma hora)
- Tomaremos o avião daqui a uma hora. → **a uma hora** = indica tempo futuro
- **INTERJEIÇÕES** — palavras que se referem a estados emocionais do falante, variando de acordo com o contexto emocional. Expressam sentimento, surpresa, alegria, aplauso, emoções.
- **LOCUÇÕES INTERJETIVAS** — duas ou mais palavras com valor de interjeição: **Meu Deus!, Ora bolas!, Que horror!, Puxa vida!, Não diga!, Graças a Deus!, Cruz creda!** Alguns exemplos de interjeições e de locuções interjetivas, segundo as emoções ou sentimentos que exprimem:

• aclamação → Viva!, Obal, Oh!, Ah!	• desejo → Oxalá!, Tomara!, Quem me dera!
• advertência → Atenção!, Cuidado!	• dor → Ai!, Uii
• aturamento → Arreda!, Fora!, Rua!, Passa!, Xô!, Ô!, Ó!	• espanto → Puxa!, Opa!, Xii, Gental, Meu Deus!, Uhi, Oh!, Chii, Ué!, Credo!, Cruze!, Jesus!
• agradecimento → Graças!	• estímulo → Fírmel, Toca!
• alegria → Ah!, Oh!, Obal	• impaciência → Hum!, Hem!
• alívio → Ufa!, Ufi, Arel, Gental, Meu Deus!	• medo → Credo!, Cruze!, Jesus!, Meu Deus!, Xii, Gental
• animação → Coragem!, Avante!, Eia!	• pedido de silêncio → Silêncio!, Psiu!, Quietoi, Bico fechadol
• aplauso → Bravo!, Bis!, Mais um!	• pena → Chi, Ahi, Ai!, Uii
• cansaço → Ufa!	
• chamamento → Aiô!, Olá!, Pait!, Oii, Psiu!, Ô!, Ô!	

- **Novo Avenida Brasil 2.** Autores: Emma Eberlein O. F. Lima, Lutz Rohrmann, Tokiko Ishihara, Samira Abirad Iunes, Cristian Gonzalez Bergweiler, 2009;

Lima et al. (2009), destinam a obra a estrangeiros de qualquer nacionalidade (adolescentes e adultos) “que queiram aprender português para poderem comunicar e participar da vida cotidiana dos brasileiros. ”

Com o uso de um método comunicativo- estrutural, mediante atividades de aquisições gramaticais, os autores, asseguram a compreensão e o domínio da estrutura da língua, garantindo ao aluno principiante atingir os parâmetros do Certificado de Proficiência em Língua Portuguesa para Estrangeiros (Celpe-Bras).

A publicação é dividida em duas partes (livro-texto e exercícios) e acompanha um CD com gravações de todos os diálogos e textos de audição e exercícios orais.

A obra possui uma parte, contendo quatro páginas, dedicada à Fonética, apresentada em passos sem uma ordem cronológica. A seguir, serão revisadas algumas atividades apresentadas como exercícios fonéticos:

1. Apresentam muitos exercícios de audição e repetição; não há instruções articulatórias. Entendem que, se desenvolver o senso auditivo, o aprendiz desenvolverá a pronúncia, mesmo sem uma instrução prévia, como se pode verificar nos exemplos abaixo:

Atividade A

Ouça o áudio e repita
Uma saia vermelha. Uma colher velha.

Uma meia vermelha.
 Uma malha feia.
 O joelho da mulher do filho do Júlio.

*(Exercício retirado da página 133 do livro **Novo Avenida Brasil 2**)*

Atividade B

Ouça o áudio e repita	
Cheio / jato	Semana/ lata
Encher/ agitar	Ana/ batata
Preencher/ hoje	Cama/ abacate
Jato/ chato	Manhã/ mala
Juta/ chuta	

*(Exercício retirado da página 133 do livro **Novo Avenida Brasil 2**)*

Atividade C

Leia
Um queixo pequeno.
Um quadro esquisito,
Um queijo quente.
Uma questão frequente.
Um quarto tranquilo.

*(Exercício retirado da página 131 do livro **Novo Avenida Brasil 2**)*

- Para os exercícios de discriminação auditiva que requerem o preenchimento de quadros com palavras, normalmente o método as inclui ao lado dos

quadros. Tal procedimento, entretanto, apresenta somente a relação som/ortografia; não descreve cada som pela sua trajetória no ato da expiração:

Atividade A

[h] de carro, se escreve “r” ou “r” e [r] de caro, se escreve “r”. Ouça o áudio e marque o som que ouviu.		
	[h]	[r]
Vestiria		
Gostaria		
Perigoso		
regata		
lavanderia		
barriga		
risonho		
remédio		
carreira		
rosto		
claro		
roupa		
escuro		
rotina		
careca		
amarelo		

(Exercício retirado da página 132 do livro **Novo Avenida Brasil 2**)

Atividade B

[b],[v]. Marque o som que você ouviu

gravata		
bermuda		
você		
banco		
livros		
vibrar		
abrir		
bolsa		
bonita		
receber		
Vim		
veio		
vidro		
vinho		

*(Exercício retirado da página 132 do livro **Novo Avenida Brasil 2**)*

3. Para os exercícios de discriminação auditiva e repetição não há descrição e classificação das vogais do Português Brasileiro, quanto ao grau de abertura para percepção da oposição aberta/fechada.

Atividade A

[or], [ɔr]. Ouça o áudio e marque o som que você ouviu.

	[or]	[ɔr]
Dor		
enorme		
forma		
corpo		
gordo		
pior		
porta		
dorme		
por		
forte		
jornal		
zelador		
melhor		

(Exercício retirado da página 131 do livro **Novo Avenida Brasil 2**)

Atividade B

Leia	
Livre, leve e solta Pegue, pague e leve. Pesque e pague.	Pegue e faça. Cuidado, pegue leve! Puxa, ele pegou pesado!

(Exercício retirado da página 134 do livro **Novo Avenida Brasil 2**)

Atividade C

[ew],[ɛw], [iw], [ɔw], [uw] se escrevem “el” ou “él”. “il”, “ol”, “ul”. Ouça o áudio e marque o som que ouviu.

	[ew]	[ɛw]	[iw]	[ɔw]	[uw]
Brasil					
Selva					
sol					
cantil					
adultos					
afável					
culpados					
civil					
filme					
vulgar					
viril					
cruel					
anel					
impulso					
céu					
chapéu					
ouviu					
serviu					
lençol					
consulta					
último					

(Exercício retirado da página 131 do livro **Novo Avenida Brasil 2**)

Atividade D

[e],[ɛ] Ouça o áudio e marque as palavras com o som /e/.		
Pé Febre Dedo	Perna Joelho Orelha	Cotovelo Péssimo Pescoço

(Exercício retirado da página 131 do livro **Novo Avenida Brasil 2**)

Atividade E

Palavras com muitas vogais. Leia e repita
Ideia, geleia, maio, Itatiaia, Atibaia, Aurélio, Ibirapuera.

(Exercício retirado da página 131 do livro **Novo Avenida Brasil 2**)

4. Não há discriminação articulatória dos sons vocálicos orais e nasais; é somente para ouvir, repetir e identificar o som;

Atividade A

[ũ], [u] se escrevem “um, um” e “u”. Identifique o som.

	[ũ]	[u]
Um		
num		
nenhum		
algum		
nunca		
mundo		
uma		
numa		
nenhuma		
alguma		
nuca		
mudo		

(Exercício retirado da página 134 do livro **Novo Avenida Brasil 2**)

Atividade B

[ẽw], [õj] se escrevem “ão” e “õe”. Ouça o áudio e repita

Poluição	poluições
Caminhão	caminhões
Circulação	circulações

Solução	soluções
Sugestão	sugestões
Excursão	excursões

(Exercício retirado da página 134 do livro **Novo Avenida Brasil 2**)

Atividade C

Leia
<p>Diga não ao lixo.</p> <p>O rodízio de veículos não é solução para o controle de poluição.</p> <p>A educação é fundamental para a preservação ambiental.</p> <p>Trair e coçar é só começar.</p>

(Exercício retirado da página 134 do livro **Novo Avenida Brasil 2**)

5. Uso de sequências idênticas, mas sem instrução articulatória das vogais nasais.

Atividade A

Leia
<p>A aranha arranha a rã.</p> <p>A rã arranha a aranha.</p> <p>Nem a aranha arranha a rã.</p> <p>Nem a rã arranha a aranha.</p>

--

(Exercício retirado da página 134 do livro **Novo Avenida Brasil 2**)

6. No que se refere à entonação, há poucos exercícios para o aluno perceber a noção das frases interrogativas, declarativas e exclamativas.

Atividade A

Entonação. Ouça e repita
Como não, você não concorda? De jeito nenhum! É isso mesmo, concordo com você! Não é bem assim. Você está certíssimo! Não, você está totalmente errado!

(Exercício retirado da página 132 do livro **Novo Avenida Brasil 2**)

Atividade B

Entonação
Posso experimentar? Posso pagar com cartão? Posso trocar? Fique à vontade! Pois não. Não tem mais, acabou.

(Exercício retirado da página 133 do livro **Novo Avenida Brasil 2**)

- **Muito Prazer- Fale o Português do Brasil.** Autoras: Gláucia Roberta Rocha Fernandes, Telma de Lourdes São Bento Ferreira, Vera Lúcia Ramos, 2012;

Segundo Ramos et al (2012), o manual foi confeccionado com atividades elaboradas a partir da linguagem corrente do Português do Brasil. Dedicam a obra ao aluno de qualquer nacionalidade, que deseja aprender a comunicar-se com fluência, sem deixar de lado o estudo das estruturas que formam a Língua Portuguesa: o léxico e a gramática

As autoras asseguram que, por meio de atividades, apresentam a linguagem em uso na comunicação dos brasileiros. As informações culturais são usadas para integrar conversação, gramática, vocabulário, pronúncia, compreensão auditiva, leitura e escrita.

A obra apresenta três partes dedicadas à Fonética do Português, com atividades que privilegiam:

1. Vogais: Para os exercícios de discriminação auditiva e repetição. Não há descrição e classificação das vogais do Português Brasileiro, quanto ao grau de abertura para a percepção da oposição aberta/fechada.

Atividade A

As vogais orais podem ser abertas ou fechadas. Ouça como as vogais são pronunciadas:		
Lá	Você	Júnior
Ele	Daqui	

(Exercício retirado da página 81, do livro *Muito Prazer- Fale o Português do Brasil*)

Atividade B

As vogais e e o podem também ser pronunciadas de uma forma mais aberta. Ouça:	
Ela	Posso

(Exercício retirado da página 81, do livro *Muito Prazer- Fale o Português do Brasil*)

7. Não há muitos exercícios de repetição das vogais fechadas e abertas e sem instrução articulatória.
2. Apresenta os acentos: agudo, circunflexo e o til como indicadores de sílaba tônica. Mencionam que o sinal gráfico (´) nas vogais *e* e *é* o *signal de vogal aberta*.

Atividade A

Ouçã agora a diferença entre as vogais e e o abertas e fechadas. Repita em voz alta.

Ele

Ela

Esse

Essa

Avô

Avó

Podemos

Posso

(Exercício retirado da página 81, do livro *Muito Prazer- Fale o Português do Brasil*)

3. Pelo exercício proposto, entende-se que as Bases Articulatórias são desenvolvidas pela aquisição do senso auditivo; não há instruções articulatórias.

Atividade A

Exercício: Ouça as palavras a seguir e marque **A (aberto)** ou **F (fechado)**

- a. Moro ()
- b. Moramos ()
- c. Aeroporto ()
- d. Aeroportos ()
- e. Até ()
- f. Aquela ()
- g. Quero ()
- h. Queremos ()

(Exercício retirado da página 81, do livro *Muito Prazer- Fale o Português do Brasil*)

Exemplo B

Ouça o seguinte diálogo prestando atenção às palavras sublinhadas. Pratique o diálogo com um(a) colega.

Renata: Oi, José. Aquela é sua irmã?

José: É, sim. Ela não mora aqui. Mora na Espanha.

Renata: Nossa, que legal! Ela já fala bem espanhol?

José: Fala.

Renata: José, eu vou beber uma soda limonada. Você quer alguma coisa?

José: Só água está bom. Obrigado.

Renata: Vamos nos sentar. A gente conversa mais.

--

(Exercício retirado da página 82, do livro *Muito Prazer- Fale o Português do Brasil*)

4. Para os exercícios de discriminação auditiva, não há descrição e classificação das vogais do Português Brasileiro, quanto à oposição oralidade/ nasalidade.

Atividade A

Ouça as vogais nasais:	
Santos	Fim
Dente	Um
Ponte	Fã
	Limões

(Exercício retirado da página 157, do livro *Muito Prazer- Fale o Português do Brasil*)

Atividade B

Ouça a diferença entre as vogais orais e nasais. Repita em voz alta.		
Massa - maçã	Pá - pão	Mito - minto
Foto - fonte	Bebê - bem	

		Mudo - mundo
--	--	--------------

(Exercício retirado da página 157, do livro *Muito Prazer- Fale o Português do Brasil*)

5. Dígrafos: confundem-se som e letras;

Atividade A

O **nh** é um grupo de letras que simboliza apenas um som. Ele nasaliza a vogal que o antecede e acrescenta o som da vogal **i** curta. Ouça:

Banho dinheiro conhecer cozinha

(Exercício retirado da página 389, do livro *Muito Prazer- Fale o Português do Brasil*)

Atividade B

O **lh** também simboliza apenas um som. Como acontece com o **nh**, acrescenta-se um **i** curto, no entanto, não há nasalização. Ouça:

Trabalhar conselho acolher alho alhures

(Exercício retirado da página 389, do livro *Muito Prazer- Fale o Português do Brasil*)

- ***Terra Brasil: curso de língua e cultura.*** Autoras: Regina Lúcia Péret Dell'Isola, Maria José Aparecida de Almeida, 2008.

Para Dell'Isola e Almeida (2008), *Terra Brasil: curso de língua e cultura* é um livro didático concebido com o objetivo de servir suporte eficaz para a aquisição das habilidades de ouvir, falar, ler e escrever em Língua Portuguesa do Brasil.

As primeiras unidades (1 a 4), conforme as autoras, têm como público-alvo os principiantes, sem conhecimento do Português. As demais (Unidades 5 a 12) destinam-se a alunos que têm conhecimento básico sobre a Língua Portuguesa e querem se aperfeiçoar.

As atividades elaboradas, segundo as autoras, estão ligadas ao CELPE-Bras (Certificado de Proficiência de Português do Brasil). Em um CD que acompanha a obra, estão as propostas de compreensão auditiva.

Pela revisão do livro didático verificaram-se os seguintes exercícios sobre a parte destinada à pronúncia do Português Brasileiro:

1. Vogais orais: apresentam somente a representação fonética e ortográfica das vogais abertas e fechadas. Não há instruções articulatórias. (ver atividades: A, B, C, D e E, retirados das páginas 283 e 284).

Atividade A

Representação fonética	Representação ortográfica	Usos
[a]	a	Há, Pá, gato.
[ɐ]	a	Central, em sílaba não acentuada ou em sílaba acentuada quando a vogal está seguida de m, n nh
[ɑ]	a	Posterior, antes de L na mesma sílaba: cal, sal qual

(Exercício retirado da página 283, do livro *Terra Brasil: curso de língua e cultura*)

Atividade B

Representação fonética	Representação ortográfica	Usos
[e]	e, ê	Bebo, dedo, abelha Ipê, você, êxito
[ɛ]	e é	Ferro, berro Pé, fé, é, café

(Exercício retirado da página 283, do livro *Terra Brasil: curso de língua e cultura*)

Atividade C

Representação fonética	Representação ortográfica	Usos
[o]	O ô	Podre, morro, amor Alô, avô, esôfago

[ɔ]	O ó	Cola, sol, agora Dó, nó, pó, avó

(Exercício retirado da página 283, do livro *Terra Brasil: curso de língua e cultura*)

Atividade D

Representação fonética	Representação ortográfica	Usos
[i]	i e	Si, li, vi, bico Em sílaba acentuada: bife, disse, limite

(Exercício retirado da página 283, do livro *Terra Brasil: curso de língua e cultura*)

Atividade E

Representação fonética	Representação ortográfica	Usos
[u]	u o	Uva, lúcido, bambu Em sílaba final não acentuada, mudo, tudo, luto, caro

(Exercício retirado da página 283, do livro *Terra Brasil: curso de língua e cultura*)

2. Nasalização: breve explicação que a nasalização ocorre com a presença das letras **m** ou **n** depois da vogal ou pela presença do til sobre a vogal; não há instrução articulatória.

Atividade A

Representação fonética	Representação ortográfica	Usos
[ã]	ã am am	Fã, lã, pagã Campo, pampa, samba Canto, laranja

(Exercício retirado da página 284, do livro *Terra Brasil: curso de língua e cultura*)

Atividade B

Representação fonética	Representação ortográfica	Usos
[ẽ]	em en	Lembrança, tempo Contente, penso, vento

(Exercício retirado da página 284, do livro *Terra Brasil: curso de língua e cultura*)

Atividade C

Representação fonética	Representação ortográfica	Usos
[ĩ]	im in	Limpo, fim, latim Linda, pintura, tinta

(Exercício retirado da página 284, do livro *Terra Brasil: curso de língua e cultura*)

Atividade D

Representação fonética	Representação ortográfica	Usos
[õ]	om on	Bomba, pompa, com, som Fonte, onze, vontade

(Exercício retirado da página 284, do livro *Terra Brasil: curso de língua e cultura*)

Atividade E

Representação fonética	Representação ortográfica	Usos
[ũ]	um un	Um, tumba, zumbir, comum Fundo, nunca, zunzum

(Exercício retirado da página 284, do livro *Terra Brasil: curso de língua e cultura*)

3. Ditongos nasais: apresentam somente a representação fonética e ortográfica. Não há instruções articulatórias.

Atividade A

Representação fonética	Representação ortográfica	Usos
[ãj]	ãe ai	Mãe, pães Cãimbra

(Exercício retirado da página 284, do livro *Terra Brasil: curso de língua e cultura*)

Atividade B

Representação fonética	Representação ortográfica	Usos
[ãu]	ão am	Mão, cão, pão, Japão Falam, tocam

Atividade C

Representação fonética	Representação ortográfica	Usos
[ẽj]	em en	Em posição final de palavra: vem, nem, neném, também No interior de palavras derivadas: benzinho, trenzinho

(Exercício retirado da página 284, do livro *Terra Brasil: curso de língua e cultura*)

Atividade D

Representação fonética	Representação ortográfica	Usos
[õj]	õe	Põe, impõe, supõe, sermões

(Exercício retirado da página 284, do livro *Terra Brasil: curso de língua e cultura*)

Atividade E

Representação fonética	Representação ortográfica	Usos
[ũj]	ui	Muito, muita, muitos, muitas

(Exercício retirado da página 284, do livro *Terra Brasil: curso de língua e cultura*)

4. Consoantes: apresentam somente a representação fonética e ortográfica; não definem os traços articulatórios específicos de cada consoante.

Atividade A

Representação fonética	Representação ortográfica	Usos
[t]	t	Tapa, mato, tu, tropa, entra
[tʃ]	t	Antes de <i>i</i> ou <i>e</i> : tio, sete, titio, dente

(Exercício retirado da página 284, do livro *Terra Brasil: curso de língua e cultura*)

Atividade B

Representação fonética	Representação ortográfica	Usos
[b]	b	Bato, boi, cabo, cuba, branco, cobra

(Exercício retirado da página 284, do livro *Terra Brasil: curso de língua e cultura*)

Atividade C

Representação fonética	Representação ortográfica	Usos
[l]	l	Lado, lama, calo, mala*, alto* (* em posição final de sílaba tem tom de u)

(Exercício retirado da página 286, do livro *Terra Brasil: curso de língua e cultura*)

Atividade D

Representação fonética	Representação ortográfica	Usos
[R]	r- -rr- -r	Inicial: rio, rua, rosa Entre vogais: carro, terra, garrafa Final: amar, calor, beber

(Exercício retirado da página 286, do livro *Terra Brasil: curso de língua e cultura*)

Atividade E

Representação fonética	Representação ortográfica	Usos
[r]	-r-	Entre duas vogais: caro, cara, cores Nos grupos: /pr/, /br/, /tr/, /dr/, /kr/, /gr/, /fr/, /vr/: Prato, branco, tropa, drama, cravo, gravo, fraco, livro

(Exercício retirado da página 286, do livro *Terra Brasil: curso de língua e cultura*)

Atividade F

Representação fonética	Representação ortográfica	Usos

[z]	- s-	Entre duas vogais: casa, mesa, blusa
[z]	-z-	Inicial: zangar, zero, zinco, zona, zumbi
[z]	-z-	Entre vogais: azul, azar, azedo
[z]	ex-	Inicial mais vogal: exame, executivo, exhibir, êxodo

(Exercício retirado da página 285, do livro *Terra Brasil: curso de língua e cultura*)

Atividade G

Representação fonética	Representação ortográfica	Usos
[ʃ]	ch	Chapa, chato, cheio, achar, Chico, chorar
	s	Em alguns dialetos, antes de consoantes surdas (c, que, f, p, t): asco, esforço, aspecto, este
	-s	Final seguido de pausa: português, cariocas
	x-	Inicial: xadrez, xampu, xeretar, xícara, xixi, xodó
	x	Depois de uma consoante: enxugar
	-z	Final seguido de pausa, em alguns dialetos: voz, paz

(Exercício retirado da página 285, do livro *Terra Brasil: curso de língua e cultura*)

Atividade H

Representação fonética	Representação ortográfica	Usos
[f]	f	Falar, festa, filho, ênfase, fraco, refresco

(Exercício retirado da página 285, do livro *Terra Brasil: curso de língua e cultura*)

Atividade I

Representação fonética	Representação ortográfica	Usos
[ŋ]	nh	Manhã, nhonhô, vinho, sonho

(Exercício retirado da página 286, do livro *Terra Brasil: curso de língua e cultura*)

Atividade J

Representação fonética	Representação ortográfica	Usos
[ʎ]	lh	Lhe, malha, velho, filho

(Exercício retirado da página 286, do livro *Terra Brasil: curso de língua e cultura*)

A análise leva a crer que, os manuais selecionados, de forma geral, dedicam pouco espaço ao ensino da pronúncia. Apresentam exercícios de audição e repetição das vogais e consoantes sem instruções articulatórias. Entendem que, se

desenvolver o senso auditivo, mesmo sem uma instrução prévia, o aprendiz desenvolverá a pronúncia da língua- alvo.

Observa-se que há uma carência de materiais didáticos focados no ensino de pronúncia. Nota-se uma superficialidade e limitação nos exercícios elaborados ou total ausência do tema em alguns manuais. Faz-se necessário a produção de materiais didáticos que forneçam um tratamento mais adequado à pronúncia, para que ocorra a desestrangeirização do aprendiz, no ensino do português brasileiro.

3 CAPÍTULO 3 - A DESCRIÇÃO DOS FONEMAS DO PORTUGUÊS

Este capítulo apresenta os fonemas da Língua Portuguesa conforme a descrição proposta por Silveira (1986). Essa descrição é realizada pela função opositiva de traços distintivos das unidades fonológicas e guiadas pela função contrastiva (sílabas acentuadas/sílabas inacentuadas, pois a língua portuguesa é uma língua de ícto, ou seja, de acento). Os fonemas descritos são aqueles que apresentaram dificuldades de pronúncia na articulação sonora pelos informantes-alunos hispano-americanos.

3.1 Critérios de descrição

Estudiosos afirmam que a relevância da Fonética e da Fonologia tratadas em conjunto para o ensino e aprendizagem de segunda língua está no fato de uma completar a outra em função do estudo dos sons da fala. A Fonética é basicamente descritiva e sua análise baseia-se nos processos de percepção e de produção dos sons. Já a Fonologia é interpretativa, e sua análise baseia-se no comportamento dos sons dentro de uma língua.

Situando a Fonética e Fonologia nos estudos linguísticos, Silveira (2008, p.17) faz uma distinção entre elas:

A Fonologia estuda os fonemas (traços invariáveis, formas) que estão no conhecimento prévio do falante/ouvinte, isto é, no conhecimento dos traços fonológicos das expressões de signos linguísticos do sistema oral da língua, que antecede ao atual momento de comunicação. A Fonética estuda os sons linguísticos, ou seja, os sons que dão substância às formas fonológicas, portanto de natureza física, produzidos pelo aparelho fonador e percebidos pelos órgãos auditivos, no momento da interação comunicativa.

A distinção entre Fonética e Fonologia ocorreu na primeira metade do século XX, a partir, sobretudo, das ideias de Saussure. A Fonética estuda os sons da fala, trabalha com métodos das ciências físicas e biológicas, interessa-se pelos efeitos acústicos elementares que a nossa audição apreende como unidades da língua,

produzidos pela articulação dos órgãos fonadores. A Fonologia estuda os sons da língua, ou seja, aqueles sons da fala que funcionam linguisticamente, provocam mudança de significado em determinada língua.

Segundo Saussure (1969), o signo linguístico é definido como a relação entre uma imagem acústica que ele chamou de significante e um conceito que denominou de significado. Tanto a Fonética quanto a Fonologia estudam o significante do signo linguístico, mas a Fonologia estuda-o em relação ao significado. O fonema não tem significado, mas tem o poder de mudar o significado de uma palavra. Assim é que se tem rola, bola, mola, cola, com a simples troca de um elemento de diferenciação.

A Fonética estuda a substância, a materialidade dos sons vocais e se interessa por todos os traços fônicos. Já a Fonologia estuda a estruturação dos sons em um sistema de relações opositivos e combinatórios para a constituição dos signos, ou seja, só se interessa pelos traços distintivos e como esses elementos de diferenciação se relacionam entre si pois, há significados diferentes apenas pela mudança de posição dos mesmos fonemas como se pode ver em mato, toma, em que se têm os mesmos fonemas /m/, /a/, /t/ e /o/ , mas como muda a relação entre os elementos de diferenciação mudam também os significados. São as combinações sintagmáticas, isto é, a linearidade do contínuo sonoro.

Cada língua dispõe de um determinado número de fonemas cuja função é determinar a diferença de significado de uma palavra em relação à outra. O fonema é então a menor unidade fonológica da língua. Saussure, explica que “os fonemas são, antes de tudo, entidades opositivas, relativas e negativas. ” (SAUSSURE apud BOUQUET, 1997, p.138). São, assim, considerados:

- ✓ Entidades opositivas porque retiram a sua significação da oposição com todos os outros fonemas de uma língua. O que importa nos fonemas são as diferenças, que servem para distinguir palavras. Esse é o único valor linguístico do fonema. Ex: lado, dado, fado, gado, nado etc.

- ✓ Entidades relativas porque seu valor está na relação entre eles, ou seja, os mesmos fonemas podem formar outras palavras modificando- se, apenas, a relação entre eles. Ex: lata, tala e alta.
- ✓ Entidades negativas porque não são unidades possuidoras de significado. Um *n* não significa nada, mas trocar o *n* de /nata/ por *m* encontrará /mata/ que tem significado diferente.

O aparelho articulatório produz traços sonoros que são apurados pelo ouvido. Os falantes nativos de uma língua, por utilizarem a articulação sonora constantemente em suas comunicações orais, adquirem hábitos articulatórios, também designadas bases articulatórias. Uma base articulatória é formada por traços invariáveis que são traços fonológicos, na medida em que opõem signos. Compreendem, também, outros traços constantes que atualizam uma norma de realização, seja ela nacional, regional e grupal.

Esses traços são designados sonemas e são eles que possibilitam que o aparelho auditivo dos interlocutores reconheça de qual variedade/ variação linguística esse falante se situa como membro regional, grupal e também nacional em relação aos demais países lusófonos.

Ainda segundo Silveira (1986, p. 134), o som articulado na pronúncia de um falante contém traços fonológicos ou femas; traços normativos ou sones e traços variáveis ou alofones. Visualizando, tem-se:

Som		
Fonema	Sonema	Alofone
- Traços invariáveis para todos os falantes de uma língua, distintivos de signos; - Fonema é o conjunto e cada traço é um fema;	- Traços constantes de uma norma, mas varia de uma norma para outra, não distinguem signos; - Cada traço é um sone e o conjunto, o sonema. - Conjunto de hábitos articulatórios de um grupo linguístico, bases articulatórias.	- Traços variáveis do som, não distinguem signos; - Cada traço é um fone e o conjunto, o alofone; - Unidade da fala.
Fonema 1	Sone 1	Fone 1

Fonema 2	Sone 2	Fone 2
Fonema N	Sone N	Fone N

Gráfico adaptado de Silveira (1986, p.135)

Descrever fonemas implica descrever os traços invariáveis, também designados traços distintivos de signos. Por essa razão, a Fonologia, desde Trubetzkoy, no congresso de Praga em 1928, utiliza o método de descrição dos fonemas pelo par comutativo ou o par opositivo.

Comutar consiste na troca de um par pelo outro na mesma posição para produzir um novo signo. Exemplo: páta/máta- (“bata/mata”). Um par opositivo é definido pela troca de duas unidades idênticas em todos os traços articulatórios, com exceção de um, pois caso contrário não se poderia saber qual o traço distintivo. Como por exemplo: “ fá (nota musical) / fé:

- é/a são sonoros orais abertos, a diferença entre eles é a zona de emissão: pré- palatal/ médio- palatal.

A tarefa da Fonologia é estabelecer o sistema fonológico das línguas, ou seja, o conjunto de elementos abstratos relacionados entre si que o falante utiliza para diferenciar e delimitar as unidades significativas de sua língua. O procedimento habitual de identificação de fonemas é buscar dois signos com significados diferentes decorrentes de uma distinção idêntica. Esses dois signos constituem um par mínimo.

Par mínimo é, portanto, dois signos que se distinguem apenas por um fonema. É pelo critério de comutação que se descrevem os fonemas de uma língua. Par comutativo é a oposição de signos pela posição ocupada no paradigma do nóculo silábico, embora haja mais de um traço distintivo.

3.1.1 Alofones

O fonema varia na sua realização, dependendo das circunstâncias da enunciação que guiam a variação dos fonemas ou variedades enquanto norma de realização.

A substituição de [i] de “dia” por [o], obteremos “doa”, uma outra palavra porque [i] e [o] representam dois fonemas. Entretanto, para alguns falantes da língua portuguesa, ocorre em *dia* uma diferença fonética adicional: o som que precede o [i] não é o mesmo que precede o [o]. Esse segmento não é traço de fonema, mas é apresentado como variedade regional. Em português, apesar de [d] e [dʒ] serem dois sons vocais diferentes, não são dois fonemas. Eles são unidades diferentes para a fonética, porque são dois sons produzidos diferentemente enquanto sonema, mas não correspondem a elementos distintos no sistema fonológico do português, pois não estabelecem oposição entre signos, ou seja, a troca de [di] por [dʒ], será tratada como não sendo distinta de signo, pois as substituições fonéticas não alteram o significado do signo.

Mattoso Câmara Jr. (2002, p. 35), seguindo as orientações da Escola de Praga, distingue dois tipos de alofones:

Há, aliás, dois tipos muito diferentes de alofones. Um deles depende do ambiente fonético em que o som vocal se encontra. Dá-se uma assimilação aos traços dos outros sons contíguos ou um afrouxamento ou mesmo mudança de articulações em virtude da posição fraca em que o fonema se acha (por exemplo, nas vogais portuguesas, a posição átona, especialmente em sílaba final). Esses alofones, ou variantes do fonema, são ditos posicionais. Já outro tipo é o da variação livre, quando os falantes da língua divergem na articulação do mesmo fonema ou um mesmo falante muda a articulação conforme o registro em que fala. São os alofones ou variantes livres, como sucede em português com o /r/ forte, pronunciado, como vimos, pela maioria dos falantes como um som velar, ou uvular, ou mesmo com uma mera vibração faríngea, e por outros, em minoria, como uma dental múltipla (isto é, resultante de uma série de vibrações da ponta da língua junto aos dentes superiores).

São alofones posicionais as realizações que decorrem da posição que ocupam na cadeia fonológica (classificação segundo articulação, etc.) e da proximidade dos fonemas vizinhos. Os alofones livres ocorrem quando há duas pronúncias possíveis ou dois segmentos em variação livre ocorrem no mesmo ambiente sem prejuízo de significado.

3.1.2 Aparelho fonador

Para se entender a descrição fonológica da Língua Portuguesa, este item trata do aparelho fonador, pois é ele que produz os traços fonológicos e os traços sonoros variáveis.

Sob a perspectiva fonética, descrever o aparelho fonador tem o objetivo de compreender o mecanismo de produção da fala e da articulação dos sons. É constituído de faringe, língua, fossas nasais, dentes, alvéolos, palato duro (céu da boca), palato mole (véu palatino), úvula e lábios. As fossas nasais, a faringe e a boca funcionam como amplificadores, ou seja, ampliam o som produzido na laringe. Os dentes, alvéolos, palato duro, palato mole, úvula, lábios e a língua são responsáveis pelas modificações impostas à corrente expiratória na boca. Em outras palavras, articular um som implica atribuir-lhe um conjunto de características que vão diferenciá-lo de todos os outros sons de uma língua. Um articulador, portanto, é qualquer parte, na boca, que participa na modificação da qualidade do som, por ocasionar, em conjunto com outra parte, o aumento ou diminuição dessa cavidade.

Os articuladores podem ser ativos e passivos. São ativos aqueles que se movimentam, como os lábios, a língua, a úvula. São passivos aqueles que não se movimentam, mas são ponto de referência para onde o articulador ativo se dirige. Os articuladores passivos são os dentes, os alvéolos, o palato duro e o palato mole. Na figura abaixo, pode-se ver o trato oral com seus órgãos ativos e passivos para melhor compreensão:

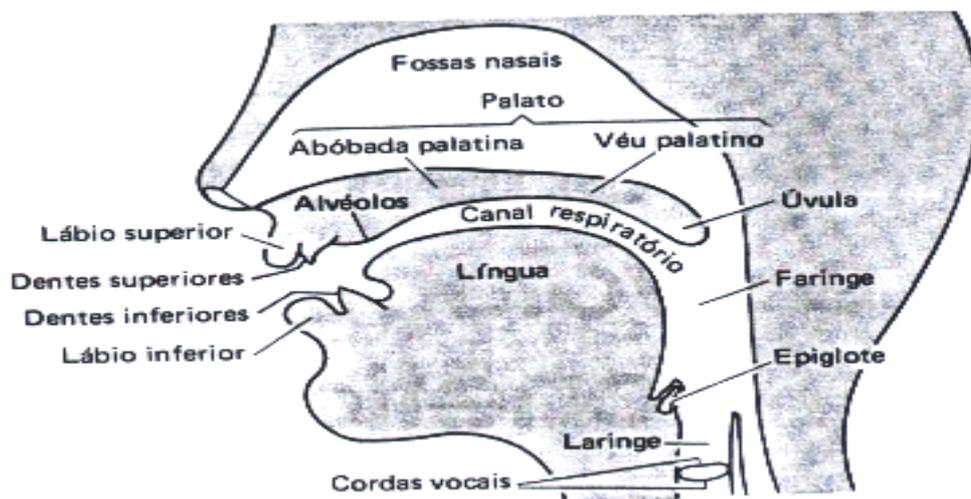


Figura 1. Trato oral com seus órgãos ativos (língua, lábios, palato mole) e passivos (dentes superiores, palato duro, alvéolos) em detalhes. FONTE: <http://blogdelinguistica.blogspot.com.br/2011/04/funcionamento-do-aparelho-fonador.html>

3.1.3 As vogais

As vogais são sons resultados da passagem livre de ar pela cavidade bucal. Assim, as vogais têm como características essenciais o traço da sonoridade obrigatório. Segundo Silveira (2008), todas as vogais são sonoras, pois não há impedimento na passagem de ar pelos pulmões, ou seja, os segmentos vocálicos são produzidos com o fluxo de ar passando livre ou sem obstruções no trato vocal. E a autora (2008: 71), explica que:

A sonoridade resulta de movimentos articulatórios que fazem vibrar as cordas vocais, produzindo, como efeito acústico, um som complexo, formado pelo fundamental e os harmônicos em ondas periódicas, isto é, com amplitudes idênticas em cada ciclo.

Seara, Nunes, Lazzarotto-Volcão (2015), confirmam que os sons vocálicos devem ser produzidos de modo que o estreitamento criado pelo movimento dos articuladores não produza fricção. São considerados sons vozeados ou sonoros pois, sua emissão é realizada com a vibração das pregas vocais.

As vogais podem ser classificadas como orais e nasais, isto é, elas apresentam características de oralidade ou nasalidade. Durante a produção das orais, a úvula a ser levantada, fecha a passagem à cavidade nasal, fazendo com que o ar saia somente pelo trato oral. Já nas vogais nasais, a úvula encontra-se abaixada, permitindo que o ar passe também pelas cavidades ressoadoras nasais. Segundo Silveira (2008), os sons vocálicos do português brasileiro, são analisados por: zona de articulação, grau de abertura e arredondamento dos lábios.

Com relação à posição da língua, isto é, conforme o avançar ou o recuar da língua, pode-se classificar as vogais em:

Vogais anteriores	Todas as variações de “e”, “i”
Língua posicionada na parte da frente do canal bucal.	
Vogais mediais	Todas as variações de “a”
Língua posicionada na parte mais central do canal bucal.	
Vogais posteriores	Todas as variações de

O pós- dorso da língua está voltado na parte de trás do canal da boca.	“o”, “u”
--	----------

Silveira (2008), afirma que o maxilar inferior, por ser móvel, possibilita ao canal bucal variar de tamanho: aumentar ou diminuir. Assim, a descrição das vogais pode ser feita em função da variação da abertura ou fechamento da boca:

- a) **Vogais abertas:** [a, ɛ, ó]. Há um grande grau de abertura porque o maxilar inferior está afastado do superior maxilar no momento da articulação;
- b) **Vogais fechadas:** orais [ɐ, ɛ, ɔ] e as nasais [ã, ẽ, õ]. Há uma aproximação do maxilar inferior quanto ao maxilar superior, diminuindo o grau de abertura destas vogais no momento da articulação;
- c) **Vogais muito fechadas:** orais [i, u] e as nasais [ĩ, ũ]. Há um grau de abertura muito pequeno entre o maxilar inferior e o superior.

Os lábios são articuladores ativos que realizam efeitos acústicos por causa do tamanho e formato da cavidade que expira a corrente de ar para fora da boca. Com relação ao movimento dos lábios, podemos classificar as vogais do Português Brasileiro como:

- **Retráteis ou estirados:**

São chamados retráteis todas as vogais anteriores, porque são articuladas com os lábios estirados, em forma de um sorriso:

[i, ĩ, ɛ, ɛ, ẽ]

- **Arredondados**

As vogais posteriores [ɔ, ɔ̃, õ, u, û] são chamadas de arredondas ou labializadas, porque ao serem articuladas, os lábios estiram-se para frente formando um bico.

- **Neutros**

Na articulação das vogais mediais [a, ɐ, ɐ̃, ɐ̃̃] a posição dos lábios é neutra: não são esticados e nem arredondados formando um bico. Por isso são denominadas vogais neutras.

A seguir, classificaremos os sons vocálicos do português brasileiro, partindo das diferentes zonas de emissão:

Vogais mediais	Articulação	Grau de abertura	Articulações variáveis
[a, ɐ, ɐ̃]	Vogais médio-palatais: A parte da língua dirige para o médio-palato, repartindo o trato bucal do laríngeo em duas caixas de ressonância de tamanhos iguais.	Decorrem as articulações variáveis entre [a, ɐ]: [a] vogal médio-palatal, aberta: “amor”; [ɐ] vogal médio-palatal, fechada: “ama”	[a, ɐ̃] Decorrem das ressonâncias: [a] vogal médio-palatal, fechada, oral “Ana”; [ɐ̃] vogal médio-palatal, fechada, nasal: “anjo”
Vogais anteriores	Articulação	Grau de abertura	Articulações variáveis
[e, ɛ, ɛ̃]	Vogais pré-palatais: A parte anterior da língua dirige-se para a região pré-palatal, dividindo o canal trato bucal em caixas de ressonância orais de tamanhos diferentes.	Decorrem as articulações variáveis entre [ɛ, ɛ̃]: [ɛ] vogal aberta, pré-palatal: “nega”; [ɛ̃] vogal fechada, pré-palatal: “nega”.	[ɛ, ɛ̃] Decorrem das ressonâncias: [ɛ] Vogal pré-palatal, fechada, oral: “beba”; [ɛ̃] Vogal pré-palatal, fechada, nasal “benta”.
	Vogais quase-alveolares:	Decorrem as articulações variáveis entre: [i, ɨ]:	

[i, ĩ]	A parte da língua dirige para os alvéolos superiores, dividindo o canal bucal do laríngeo em duas caixas de ressonância de tamanhos diferentes	[i] vogal quase- alveolar “Vi”; [ĩ] “Vim”	
Vogais posteriores	Articulação	Grau de abertura	Articulações variáveis
[ɔ, ó, õ]	Vogais pós- palatais: Compreende a parte posterior da língua dirigindo- se para o pós- palato, separando o canal bucal em caixas de ressonância diferentes	Decorrem as articulações variáveis entre: [ɔ, ó,] vogal pós- palatal, aberta: [ó] – “dó” [o] vogal fechada, pós- palatal: [ɔ] – “do”	[ɔ, õ] Decorrem das ressonâncias: [ɔ] vogal fechada, pós- palatal, oral: “coco”; [õ] vogal fechada, pós- palatal, nasal: “bom”.
[u, ũ]	Vogais quase- velares [u, u] A parte posterior da língua dirigi- se para o véu palatino, separando o canal bucal do lado laríngeo em caixas de ressonância orais de tamanhos diferentes.	Decorrem as articulações variáveis entre [u, ũ] [u] vogal oral, fechada, quase- alveolar: “tubo” ; [ũ] vogal nasal, fechada, quase- alveolar: “tumba”.	
Semivogal			
y “yode”	Alveolar: [y]		
w “uau”	Velar: [w]		

3.1.4 Acento

Para Silveira (2008), a língua portuguesa é uma língua de “ícto”, isto é, uma língua de acento, de intensidade. Para a autora, uma língua de acento é definida pelo contraste entre duas sílabas fonológicas: acentuadas e inacentuadas.

Cada significante de signo que pertencem ao léxico, apresenta uma sílaba tônica em contraste com as átonas. Sendo assim, “dependendo da posição do acento, o paradigma vocálico para o nóculo central da sílaba se modifica” (2008, p. 150). Exemplos como: “cara, cará” ou “ secretária, secretaria”, apresentam frequentes dificuldades para falantes de outras línguas em fase de aquisição do padrão estandardizado do português brasileiro.

Dependendo das bases articulatórias de intensidade do português brasileiro, a variabilidade acentual vocálica pode ser classificada em quatro graus de força. Esses graus de força são:

- **Grau 4:** Vogais acentuadas tônicas

São produzidas com maior força de expulsão de ar, com efeito de maior intensidade, contrastando sílaba com as demais sílabas. Exemplo: Café.

- **Grau 3:** Vogais acentuadas não-tônicas

São produzidas com grande força de expulsão da corrente de ar, são vogais fortes, mas que não atualizam a sílaba tônica fonológica. As causas de atualização dessas vogais são de origem:

a) Fonética:

- Palavras polissílabas: em Português há uma cadência acentual marcada por duas ou três sílabas. Exemplo: Paralelogramo.

- Encontro vocálicos: todas as vogais em encontros vocálicos são acentuadas, mesmo que não- tônicas, pois as semivogais possuem características vocálicas e por isso precisam de uma maior força da corrente expiratória para serem audíveis. Exemplo [fósɨw]- “fóssil”.

- Nasalidade: por terem duas caixas acústicas (oral e nasal), a força da corrente de ar terá de ser maior. Exemplo: [órfãw̃]- “órfão”

- Vogais em sílabas travada: é necessário que haja um volume de ar expirado; caso contrário, a consoante final da sílaba não será audível. Exemplo: [ká̃sɐ̃] – “câncer”.

b) Sincretismo:

- [ê e ô] só ocorrem em sílabas tônicas: nas demais estão em sincretismo. Ao se realizar, então, o arquifonema / l/, a depender da variedade linguística, poderá ser articulado por [ê, ɛ, i]. A pronúncia standardizada é em posição pré-tônica:

/l/ por [ɛ, i];

/U/ por [ɔ, u].

c) Fonoestilística:

- Expressividade produzida por determinados sons pela intenção do falante.

d) Morfológica:

- A formação de palavras em português, pela derivação, reflete um conflito acentual, já que haverá, para duas palavras, a seleção de apenas uma posição acentual tônica. Havendo, então, a junção interna, a palavra que perder a posição tônica fonológica anterior, será realizada por uma acentual não- tônica, ou seja, o primitivo da base é mantido em grau três, no grupo de força acentuado. Exemplo: “Pelé”- “Pelezinho”.

- **Grau 2** Vogais inacentuadas átonas

São produzidas com uma força média de expulsão da corrente de ar, classificando-se, de acordo com a vogal em pré e pós-tônica. Exemplo: “cajá”- pré-tônica; “árvore”.

- **Grau 1** Vogais inacentuadas reduzidas

São emitidas com pouco esforço expiratório do ar, ocorrendo como variantes dialetais em certos contextos fônicos. Exemplo: “ escola” - inicial de “s impuro”; “ pano” átona final; “ pacto” apoio de grupo consonantal impróprio.

Segundo a autora (2008), no padrão estandardizado, pela análise dos sons vocálicos as observações quanto ao acento podem ser:

Vogais orais acentuadas tônicas	É a realização sonora da tônica da palavra: [lá, pé, só] – “ lá, pé, só]
Vogais nasais acentuadas tônicas	É a realização sonora nasal da tônica da palavra. Todavia, apresentam variação, ora ditongando-se ora desnalizando-se: máS/- [máys] “ mas”; / viázĚ/ - [vyáži] Oxítonas: ditongam-se: / é˘ /- [beý] – “bem”; / ó˘ /- [sów̃]- “som”
	Paroxítonas: nem sempre se ditongam: / é˘ /- [lěta, leýta]- “lenta”; / ó˘ /- [kóta, koŭta]- “ conta”.
	Proparoxítonas: nem sempre se ditongam: / é˘ /- [amědoas, ameýdoas]- “ amêndoas”; / ó˘ /- [[awmôdega, awmoŭdega] “almôndega”.
	/ã/- Não ditonga em nenhuma posição tônica; somente se for átona final, em flexão verbal: [sã, fãta, dinãmiko]- “ sã, fanta, dinâmico”; [ãmãw]- “amam”.
Vogais nasais acentuadas não-tônicas	Atualizam-se por uma sequência de variantes combinatórias: / ã / [amárãw, amáru]- “ amaram”; / eĚ / [sětáda, seýtáda]- “sentada”; / ô / [kótádo, koŭtádo]- “contado”.
Vogais orais inacentuadas	Atualizam-se por uma sequência de variantes combinatórias ou de contexto: /a/- [kápa]- “capa”; /e/- [estúdo, ęstúdo, istúdo]- “ estudo”.
Vogais orais inacentuadas	/o/- [korasãw, korasãw, kurasãw]- “coração” No caso da pronúncia estandardizada ocorre a [e, o], pois é a letra que controla a realização sonora.

3.1.5 *As consoantes do Português Brasileiro*

Para Silveira (2008), a distinção entre vogal e consoante se dá pela livre passagem de ar vinda dos pulmões, isto é, as vogais deixam que a corrente de ar vinda dos pulmões passe livremente, e já as consoantes apresentam uma obstrução total ou parcial ao fluxo de ar no trato oral (língua, dentes, lábios). Tal obstrução pode ser total ou parcial. A maneira como o ar passa pelas cavidades supraglóticas é definida como modo de articulação. Para a caracterização de consoantes, deve-se levar em conta também a posição dos articuladores passivos e ativos quando produzem tais segmentos. A relação entre esses articuladores é definida como o lugar ou ponto de articulação.

3.1.5.1 *Quanto à laringe*

Surdas:

Consoantes efetuadas sem a vibração das pregas vocais. A corrente de ar passa livremente pela laringe, pois a glote está aberta e as cordas vocais afastadas; não produzindo som que é utilizado como base.

✓ São elas: [p, t, k, f, s, š, ts, tš]

Sonoras:

Todas as demais consoantes são sonoras. São produzidas na laringe pela vibração das pregas vocais, efetuadas pelo movimento:

- a) Horizontal: abrir e fechar, causado pela intervenção dos músculos;
- b) Vertical: subir e descer, causado pela corrente de ar.

3.1.5.2 Quanto à faringe

Orais:

São consoantes orais aquelas articuladas quando a cavidade rinofaríngea está fechada porque a úvula está elevada, deixando a corrente de ar sair pelo trato bucal.

Nasais:

São articuladas quando a caixa rinofaríngea está aberta porque a úvula abaixou.

✓ São elas: [m, n, ŋ]

3.1.5.3 Quanto ao ponto de articulação

Quanto ao ponto de articulação, as consoantes são classificadas como:

Labiodentais: o lábio inferior aproxima-se dos dentes incisivos superiores.

✓ As consoantes labiodentais são: [f, v]

[f]	Consoante surda, oral (fricção do lábio inferior aos dentes superiores).	[fáka] “faca”
[v]	Consoante sonora, oral (fricção do lábio inferior aos dentes superiores).	[váka] “vaca”

Bilabiais: São articuladas quando o lábio inferior encosta no lábio superior, na oclusão total da saída de ar.

✓ As bilabiais são: [b, p, m]

[b]	Consoante sonora, oral (lábio inferior encosta no lábio superior, em uma oclusão total).	[bóka] “boca”
[p]	Consoante surda, oral (lábio inferior encosta no lábio superior, em uma oclusão total).	[pé]”pé”
[m]	Consoante sonora, nasal (lábio inferior encosta no lábio superior, em uma oclusão total, porém a corrente de ar aos pouquinhos sairá pela boca e nariz).	[mála] “mala”

Linguoalveolares dentais: Lâmina da língua toca os alvéolos e os dentes superiores.

✓ As linguoalveolares dentais são: [t, d, n]

[t]	Consoante surda, oral (ponta da língua toca os alvéolos e os dentes superiores, produzindo uma oclusão total).	[táku] “taco”
[d]	Consoante sonora, oral (ponta da língua toca os alvéolos e os dentes superiores, produzindo uma oclusão total).	[dēdu] “dedo”
[n]	Consoante sonora, oral (ponta da língua toca os alvéolos e os dentes superiores, produzindo uma oclusão total, permitindo a saída da corrente de ar pela boca e pelo nariz).	[náta] “nata”

Linguoalveolares: quando a lâmina da língua está nos alvéolos, próximo ao céu da boca.

✓ As linguoalveolares são: [r, r̄, s, z, l].

[r]	Consoante sonora, oral (ponta da língua toca somente uma vez os alvéolos superiores).	[káru] “caro”
[r̄]	Consoante sonora, oral (ponta da língua toca algumas vezes os alvéolos superiores).	[káru] “carro”

[s]	Consoante surda, oral (ponta da língua toca somente uma vez os alvéolos superiores, impedindo a corrente de ar que ao sair produzirá um som agudo e prolongado).	[sáku] “saco”
[z]	Consoante sonora, oral (ponta da língua toca somente uma vez os alvéolos superiores, impedindo a corrente de ar que ao sair produzirá um som agudo e prolongado).	[zíka] “zica”
[l]	Consoante sonora, oral (ponta da língua toca algumas vezes os alvéolos superiores, impede que a corrente de ar saia pelo meio, somente pelas laterais da cavidade bucal).	[ládu] “lado”

Linguopalatais: Quando a língua se aproxima do céu da boca, do médio- palato.

✓ Os linguopalatais são: [š, ž, ʎ, ŋ]

[š]	Consoante surda, oral (a língua se aproxima do céu da boca, do médio- palato, emitindo um chio).	[šúva] “chuva”
[ž]	Consoante sonora, oral (a língua se aproxima do céu da boca, do médio- palato, emitindo um chio).	[žéma] “gema”
[ʎ]	Consoante sonora, oral (a língua se aproxima do céu da boca, do médio- palato, permitindo que o ar saia pelas laterais da boca).	[íʎa] “ilha”
[ŋ]	Consoante sonora, nasal (a língua se aproxima do céu da boca, do médio- palato, obstruindo a saída da corrente de ar, que no momento da articulação sairá metade pela boca e outra pelo nariz).	[úŋa] “unha”

Linguovelares: Quando o dorso da língua vai na direção do véu do palato, obstruindo a passagem de ar.

✓ Os linguovelares são: [k, g,]

[k]	Consoante surda, oral (dorso da língua vai na direção do véu do palato, obstruindo a passagem de ar).	[kápa] “capa”
[g]	Consoante sonora, oral (dorso da língua vai na direção do véu do palato, obstruindo a passagem de ar).	[gálu] “galo”
[r̃]	Consoante sonora, oral (dorso da língua vai na direção do véu do palato, fazendo um ruído suave, sem vibração do véu do palato e do dorso da língua).	[r̃éy] “rei”

Uvular: Dorso da língua vai em direção à úvula, fazendo com que a corrente de ar vibre ao passar por ela.

3.1.5.4 Quanto ao modo de articulação

O modo de articulação está ligado ao tipo de obstrução produzida no trato vocal. Conforme o grau de obstrução as consoantes são classificadas em: *oclusivas*, *constritivas* e *africadas*.

Oclusivas: fechamento total.

As consoantes oclusivas são produzidas com uma obstrução total e momentânea do fluxo de ar realizado pelos órgãos articuladores. O véu do palato encontra-se levantado, sendo o fluxo de ar encaminhado apenas para a cavidade oral. Elas podem ser orais e nasais e classificadas em:

1. Oclusivas explosivas: [p, t, k] e [b, d, g] - Quando a explosão acústica gerada na liberação da oclusão é percebida.
2. Oclusivas durativas: [m, n, ŋ] – Realizada com uma obstrução total e momentânea do fluxo de ar nas cavidades orais, permitindo a liberação do ar pelas cavidades nasais pelo abaixamento simultâneo do véu do palato. O ar então saindo dos pulmões ressoa

também na cavidade oral antes de ser expelido somente através das cavidades nasais.

Constritivas: realizadas com estreitamento do canal bucal.

As consoantes constritivas têm uma oclusão parcial, realizada pelos articuladores, fazendo com que a passagem do fluxo de ar produza um ruído de fricção. O véu do palato encontra-se levantado, e o fluxo de ar é encaminhado apenas para a cavidade oral. Para essas constritivas, podemos classificá-las como:

1. Constritivas fricativas: [f, s, š] - [v, z, ž] - Conforme o ponto de articulação de cada consoante, obstrução é formada em locais diferentes. E, como esse estreitamento é apenas parcial, a corrente de ar passa esfregando pelos órgãos articuladores formando vibrações.
2. Constritivas líquidas: as consoantes líquidas são as que possuem maior grau de abertura e um tom mais alto entre os órgãos articuladores. São chamadas líquidas as consoantes:
 - a) Constritivas laterais: [l, ʎ] – A obstrução é realizada no meio da boca, pelo encontro dos órgãos articuladores, mas com passagem livre do ar pelas laterais.
 - b) Constritiva vibrante simples: [r] – Realizada com uma oclusão total e rápida do fluxo de ar nas cavidades orais. Apresenta uma batida rápida da ponta da língua nos alvéolos superiores, permitindo uma oclusão total da saída do ar, mas extremamente breve.

- c) Constrictiva vibrante múltipla alveolar: [r̥] – Na realização da vibrante alveolar a ponta da língua promove uma série de oclusões totais muito breve, seguidas por segmentos vocálicos extremamente curtos.
- d) Constrictiva vibrante múltipla velar: [r̥] - Na realização da vibrante velar a ponta da língua promove uma série de oclusões muito breve na saída da corrente de ar.
- e) Constrictiva vibrante múltipla uvular: [r̥]- Na realização da vibrante múltipla uvular há uma sequência de bloqueios tocando, através da vibração da úvula, o dorso da língua.

Africadas: Oclusivo + Constrictivo

As consoantes africadas são produzidas com a parte anterior da língua encostando na região pós-alveolar e logo depois se afastando, fazendo uma fricção. Esse segmento não é traço de fonema, mas é apresentado como variação regional.

[tʃ] = oclusiva surda + chiante surda [tʃiágu] “Tiago”.

[dʒ] = oclusiva sonora + chiante sonora [dʒíga] “diga”

3.2 Descrição fonológica da língua portuguesa

A seguir, apresenta-se o levantamento dos traços distintivos, a partir de oposições exclusivas de outras unidades fonológicas que ocupam o mesmo paradigma silábico e que diferenciam entre si apenas por um traço diferenciador e, quando necessário, o par contrastivo. São eles:

3.2.1 Fonema /a/

Os traços fonológicos de /a/ são:

- Oral;
- Médio- palatal.

a/ã

- Há alteração de significado;
- Portanto, tem- se pertinência para dois fonemas: um oral e outro nasal;
Ex: káta/káta – “cata, canta”

a/ ą

- Não há alteração de significado;
- Fonema é o /a/;
- O / ą/ é variante livre ou combinatória em posição átona. Assim, temos:
 - ✓ variante livre, se estiver em posição átona: /daniêL/- [daniêw] ou [daniêw] -“ Daniel” ;
 - ✓ variante combinatória, se estiver em posição tônica: /káma/- [káma] ou [káma]- “ cama”;
- O grau de abertura não é pertinente, ou seja, não altera o significado.

“a” velarizado

- Não há alteração de significado;
- A velarização não é pertinente. É variante combinatória, pois ocorre vogal velarizada quando seguida de um velarizador [w,l,r].

“a” reduzido

- Não há alteração de significado;
- A redução não é pertinente;
- O “a” reduzido é variante combinatória pois, depende do contexto fônico.
Ex: / bála/ bál^a - “ bala”.

a/ ê

- Há alteração de significado;
- O traço distintivo entre a/ê é a zona de emissão: médio- palatal/ pré- palatal;
Ex: fá/fé- “ fá, fé”.

a/ ô

- Há alteração de significado;
- O traço distintivo entre a/ ô é a zona de emissão: médio- palatal/ pós- palatal;
Ex: dá/dó- “ dá, dó”.

3.2.2 Fonema / ɐ/

Os traços fonológicos de /ɐ/ são:

- Oral;
- Pré-palatal.
- Fechado.

é/ê

- Há alteração de significado;
- Portanto, tem- se pertinência para dois fonemas: um oral e outro aberto;
- Grau de abertura é traço pertinente;
Ex: sêw/sêw- “ seu, céu”.

é/i

- Há alteração de significado;
- O traço distintivo entre é/i é a zona de emissão: pré-- palatal/alveolar;

Ex: lê/lí- “ lê, li”.

ê/ ó

- Há alteração de significado;
- O traço distintivo entre ê/ ó é a zona de emissão: pré- palatal/ pós- palatal;
Ex: bêbU/ bóbU- “ bebo, bobo”.

é/ é

- Há alteração de significado;
- Tem- se pertinência para dois fonemas: um oral e outro nasal;
- Oralidade e nasalidade são traços pertinentes;
Ex: nêga/ nêga- “ nega/ Nenga”.

“e” velarizado

- Não há alteração de significado;
- A velarização não é pertinente. É variante;

3.2.3 Fonema /ẹ/

Os traços fonológicos de /ẹ / são:

- Oral;
- Pré- palatal.
- Aberto.

ẹ/ ẹ

- Há alteração de significado;
- Portanto, tem- se pertinência para dois fonemas: um aberto e outro fechado;
- Grau de abertura é traço pertinente;
Ex: mẹL/mẹw - “ mel, meu”.

ẹ/a

- Há alteração de significado;

- O traço distintivo entre *é/a* é a zona de emissão: pré- palatal/ médio- palatal.
Ex: *béla/bála*- “ bela/ bala”.

ê/ ó

- Há alteração de significado;
- O traço distintivo entre *ê/ ó* é a zona de emissão: pré- palatal/ pós- palatal;
Ex: *têṛa/tóṛa*- “ terra/ torra”.

3.2.4 Fonema /i/

Os traços fonológicos de /i / são:

- Oral;
- alveolar.

i/ é

- Há alteração de significado;
- O traço distintivo entre *i/ é* é a zona de emissão: alveolar /pré- palatal;
Ex: *bíkU/békU* “ bico/ beco”.

í/ú

- Há alteração de significado;
- O traço distintivo entre *í/ú* é a zona de emissão: alveolar /velar;
Ex: *míkU/múkU* - “ mico/ mucó”.

í/ ĩ

- Há alteração de significado;
- Tem- se pertinência para dois fonemas: um oral e outro nasal;
- Oralidade e nasalidade são traços pertinentes;
Ex: *lída/líḏa* - “ lida/ linda”.

3.2.5 Fonema /ô/

Os traços fonológicos de /ô/ são:

- Oral;
- Pós-Palatal.
- Aberto;

ô/ é/

- Há alteração de significado;
- O traço distintivo entre ô /é/ é a zona de emissão: pós- palatal/ pré- palatal;
Ex: lôgU/lêgU- “ logo/ Lego”.

ô/a

- Há alteração de significado;
- O traço distintivo entre ô/a é a zona de emissão: pós- palatal/ médio- palatal;
Ex: lôgU/lagU- “ logo/ lágo”.

ô/ó

- Há alteração de significado;
- Portanto, tem- se pertinência para dois fonemas: um aberto e outro oral;
- Grau de abertura é traço pertinente.
Ex: tókU/tókU – “ toco/ toco”.

3.2.6 Fonema /o/

Os traços fonológicos de /o/ são:

- Oral;
- Pós- Palatal;
- Fechado.

ô /é/

- Há alteração de significado;
- O traço distintivo entre ô /é/ é a zona de emissão: pós- palatal/ pré- palatal;

Ex: b**o**bU/b**e**bU- “ bobo/ bebo”.

ó/ ô

- Há alteração de significado;
- Portanto, tem- se pertinência para dois fonemas: um oral e outro aberto;
- Grau de abertura é traço pertinente;

Ex: av**o**/av**ô** - “ avô/ avó”.

ó/ú

- Há alteração de significado;
- O traço distintivo entre **ó/ú** é a zona de emissão: pós- palatal/ velar;

Ex: t**o**dU/t**u**dU – “ todo/tudo”.

o/ õ

- Há alteração de significado;
- Tem- se pertinência para dois fonemas: um oral e outro nasal;
- Oralidade e nasalidade são traços pertinentes;

Ex: l**o**bU / l**õ**bU- “ lobo/lombo”.

“o” velarizado

- Não há alteração de significado;
- A velarização não é pertinente. É variante combinatória.
- Ocorre velarização vocálica quando anteceder a um velarizador /L, R, w/-

Ex: /m**o**Rtu/

3.2.7 Fonema /u/

Os traços fonológicos de /u/ são:

- Oral;
- Velar;
- Fechado.

ú/í

- Há alteração de significado;
- O traço distintivo entre ú/í é a zona de emissão: velar/alveolar;
Ex: lía/lúa – “lia/ lua”.

ú/ó

- Há alteração de significado;
- O traço distintivo entre ú/ó é a zona de emissão: velar/ pós- palatal;
Ex: fúi/fói- “ fui/ foi”.

ú/ ã

- Há alteração de significado;
- Tem- se pertinência para dois fonemas: um oral e outro nasal;
- Oralidade e nasalidade são traços pertinentes;
Ex: núka/núka- “nuca/ nunca”.

“u” velarizado

- Não há alteração de significado;
- A velarização não é pertinente. É variante combinatória.
Ocorre velarização vocálica quando anteceder a um velarizador /L, R, w/-
/fúRna/ “furna”.
- [w] é variante combinatória, pois realiza-se por juntura externa, quando a outra palavra começar por vogal: / U dádu é/ - [u dádwé]- “o dado é...”.

3.2.8 Fonema /ã/

Os traços fonológicos de /ã/ são:

- nasal;
- médio- palatal;

á/é

- Há alteração de significado;

- O traço distintivo entre **á/ě** é a zona de emissão: médio- palatal/ pré- palatal;
Ex: **sá/sě**- “ **sã/sem**”.

á/ů

- Há alteração de significado;
- O traço distintivo entre **á/ů** é a zona de emissão: médio- palatal/ pós- palatal;
Ex: **káta/kůta**- “ **canta/ conta**”.

á /á

- Há alteração de significado;
- Portanto, tem- se pertinência para dois fonemas: um nasal e outro oral;
Ex: **kata/káta**- “ **cata/ canta**”.

3.2.9 Fonema / eŕ

Os traços fonológicos de / eŕ são:

- Nasal;
- Pré- palatal;

é/ě

- Há alteração de significado;
- O traço distintivo entre **é/ě** é a zona de emissão: pré- palatal/ médio- palatal;
Ex: **méta/měta**- “ **menta/ manta**”.

é/í

- Há alteração de significado;
- O traço distintivo entre **é/í** é a zona de emissão: pré- palatal/alveolar;
Ex: **lédU/lídU**- “ **lendo/ lindo**”.

é/ ě

- Há alteração de significado;
- Tem- se pertinência para dois fonemas: um nasal e outro oral;

- Oralidade e nasalidade são traços pertinentes;
Ex: sé^{da}/sé^{da}- “ senda/ seda”.

é/ó

- Há alteração de significado;
- O traço distintivo entre **é/ó** é a zona de emissão: pré- palatal/ pós- palatal;
Ex: bé⁷/bó⁷- “ bem/ bom”.

São variantes dos sons que realizam / e⁷: [ê, êy,ê:]. Podendo ser:

- *Combinatórias: em posição acentuada, em final de palavra: /té⁷- [têy]- “ tem”;
- *Variante livre nas outras posições: /lé⁷U/- [lêtu] ou [lêytu]- “ lento”.

3.2.10 Fonema / ɨ/

Os traços fonológicos de / ɨ/ são:

- Nasal;
- Alveolar.

ɨ é

- Há alteração de significado;
- O traço distintivo entre **ɨ é** é a zona de emissão: alveolar/ pré- palatal;
Ex: sí^{ta}/sé^{ta}- “ sinta/senta”.

ɨú

- Há alteração de significado;
- O traço distintivo entre **ɨú** é a zona de emissão: velar/ alveolar;
Ex: fí^dU/fú^dU- “ findo/fundo”.

ɨɨ

- Há alteração de significado;
- Tem- se pertinência para dois fonemas: um nasal e outro oral;
- Oralidade e nasalidade são traços pertinentes;

Ex: f^hta/fita – “finta/fita”.

São variantes dos sons que realizam /ĩ/: [ĩy, yĩ, ã:]. Podendo ser:

*Combinatória: pela ditongação da nasal, em final de palavra: /f^hĩ/- [f^hĩy]- “fim”;

*Variante livre nas outras posições: /l^hĩdU/- [ly^hĩdu]- “lindo”.

3.2.11 Fonema /õ/

Os traços fonológicos de /õ/ são:

- Nasal;
- Pós-palatal;

ó/á

- Há alteração de significado;
- O traço distintivo entre **ó/á** é a zona de emissão: pós- palatal/ médio- palatal;
Ex: mó^hta/má^hta- “monta/ monta”.

ó/ê

- Há alteração de significado;
- O traço distintivo entre **ó/ê** é a zona de emissão: pós- palatal/ pré- palatal;
Ex: tó^h/tê^h – “tem/ tom”.

õ/ọ

- Há alteração de significado;
- Tem- se pertinência para dois fonemas: um nasal e outro oral;
- Oralidade e nasalidade são traços pertinentes;
Ex: ló^hbU/lọ^hbU- “lobo/lombo”.

ọ/ú

- Há alteração de significado;
- O traço distintivo entre **ọ/ú** é a zona de emissão: pós- palatal/ velar;
Ex: tọ^hba/tú^hba-“tomba/tumba”.

3.2.12 Fonema / uĩ/

Os traços fonológicos de / uĩ/ são:

- Nasal;
- Velar;

úĩ

- Há alteração de significado;
- O traço distintivo entre úĩ é a zona de emissão: velar/alveolar;
Ex: fúũU/fĩũU-“ fundo/finido”.

úĩõ

- Há alteração de significado;
- O traço distintivo entre úĩõ é a zona de emissão: velar/ pós- palatal;
Ex: túũba/ tũõba- “ tumba/tomba”.

ú/ú

- Há alteração de significado;
- Tem- se pertinência para dois fonemas: um nasal e outro oral;
- Oralidade e nasalidade são traços pertinentes;
Ex: núũka/núka- “nunca/ nuca”.

3.2.13 Fonema /y/

Os traços fonológicos de /y / são:

- alveolar.
- Menor intensidade.

y/w

- Há alteração de significado;
- O traço distintivo entre y/w é a zona de emissão: alveolar/ velar;

Ex: séy/séw- “sei/seu”.

y/R

- Há alteração de significado;
 - O traço distintivo entre y/R é o modo de articulação: semivogal/ vibrante;
- Ex: áy/ áR- “ai/ar”.

y/L

- Há alteração de significado;
 - O traço distintivo entre y/L é o modo de articulação: semivogal/ lateral;
- Ex: káy/káL- “cai/cal”.

3.2.14 Fonema /w/

Os traços fonológicos de /w / são:

- Velar;
- Menor intensidade.

w/y

- Há alteração de significado;
 - O traço distintivo entre w/y é a zona de emissão: velar/ alveolar;
- Ex: séw/séy- “seu/sei”.

w/R

- Há alteração de significado;
 - O traço distintivo entre w/R é o modo de articulação: semivogal posterior/ vibrante anterior;
- Ex: máw/máR- “ mau/mar”.

w/L

- Há alteração de significado;

- O traço distintivo entre w/L é o modo de articulação: semivogal posterior/ lateral anterior;
Ex: máw/máL- “mau/mal”.

São variantes dos sons que realizam / w/: [w̃], [ww], [u], [l]. Podendo ser:

*Combinatória: [w̃], quando em ditongo decrescente: /nǎw/- [nǎw]- “não”, e em ditongo crescente, a realização será oral: /nwǎsI/- [nwǎsi]- “nuance”;

*Variante livre em [u]: / ɛgwa/- [ɛgwa] ou [ɛgu:a]- “gua”.

3.2.15 Fonema /l/

Os traços fonológicos de /l/ são:

- alveolar;
- lateral.

L/y

- Há alteração de significado;
- O traço distintivo entre R/y é o modo de articulação: semivogal/ lateral;
Ex: káL/káy- “cal/cai”.

L/w

- Há alteração de significado;
- O traço distintivo entre L/w é o modo de articulação: lateral anterior/ semivogal;
Ex: máL/máw- “mal/mau”.

l/r, L/R

- Há alteração de significado;
- O traço distintivo entre l/r, L/R é o modo de articulação: lateral/vibrante;
Ex: máL/máR- “mal/maR”;
káU/kárU- “calo/caro”;
míla/míra- “Mila/mira”;

sála/sára- “sala/sara.

/j/

- Há alteração de significado;
- O traço distintivo entre /j/ é a zona de emissão: alveolar/palatal
Ex: tála/táļa- “tala/talha”;
gálU/ gáljU- “galo/galho.

3.2.16 Fonema /j/

Os traços fonológicos de /j/ são:

- palatal;
- lateral.

/l/

- Há alteração de significado;
- O traço distintivo entre /l/ é a zona de emissão: palatal/alveolar.
Ex: táļa/ tála- “talha/tala”;
gáljU/gálU- “galo/galho.

/r̄ - /r - /R

- Há alteração de significado;
- O traço distintivo entre /r̄, /r, /R é a zona de emissão: lateral/vibrante;
Ex: kọļer/kọr̄er- “colher/correr”;
máļa/mára- “malha/Mara”;
bọļa/bọr̄a- “bolha/borra”.

3.2.17 Fonema /r/

O traço fonológico de /r/ é:

- vibrante simples.

r/l

- Oposição **r/l** produz signos diferentes;
- O traço distintivo entre **r/l** é o modo de articulação: vibrante/lateral;
Ex: kála/kála- “cala/cara”.

r/r̄

- Oposição **r/r̄** produz signos diferentes;
- O traço distintivo entre **r/r̄** é o modo de articulação: vibrante simples/vibrante múltipla;
Ex: tóra/tó̄ra- “tora/torra”.

R/y

- Há alteração de significado;
- O traço distintivo entre **R/y** é o modo de articulação: vibrante/ semivogal;
Ex: áR/áy- “ar/ai”.

3.2.18 Fonema /r̄/

O traço fonológico de /r̄/ é:

- vibrante múltipla.

r̄/l

- Oposição **r̄/l** produz signos diferentes;
- O traço distintivo entre **r̄/l** é o modo de articulação: vibrante múltipla/lateral;
Ex: kár̄U/kálU- “carro/calor”.

r̄/r

- Oposição **r̄/r** produz signos diferentes;
- O traço distintivo entre **r̄/r** é o modo de articulação: vibrante múltipla/vibrante simples;
Ex: tó̄ra/tóra- “torra/tora”.

3.2.19 Fonema /f/

Os traços fonológicos de /f / são:

- fricativa labiodental;
- surda.

f/v

- Oposição f/v produz signos diferentes;
- O traço distintivo entre f/v é a marca de sonoridade: surdo/sonoro;
Ex: fá|U/vá|U- "falho/valho".

f/ž

- Oposição f/ž produz signos diferentes;
- O traço distintivo entre f/ž é a modo de articulação: fricativa labiodental/chiante palatal;
Ex: fíta/žíta-"fita/chita".

3.2.20 Fonema /v/

Os traços fonológicos de /v / são:

- fricativa labiodental;
- sonora.

v/f

- Oposição v/f produz signos diferentes;
- O traço distintivo entre v/f é a marca de sonoridade: sonoro/ surdo;
Ex: vá|U/ fá|U/- "valho/ falho".

v/z

- Oposição v/z produz signos diferentes;
- O traço distintivo entre v/z é o modo de articulação: sonoro/ sibilante alveolar;
Ex: kávU/kázU- "cavo/caso".

v/ž

- Oposição v/ž produz signos diferentes;
- O traço distintivo entre v/ž é o modo de articulação: fricativa labiodental/chiante palatal;
Ex: váka/žáka- "vaca/jaca".

v/b

- Oposição v/b produz signos diferentes;
- O traço distintivo entre v/b é o modo de articulação: fricativa labiodental/oclusiva bilabial;
Ex: véla/béla- "vela/bela".

3.2.21 Fonema /b/

Os traços fonológicos de /b / são:

- sonoro;
- oral;
- bilabial;
- oclusivo.

b/v

- Oposição b/v produz signos diferentes;
- O traço distintivo entre b/v é o modo de articulação: oclusiva bilabial /fricativa labiodental;
Ex: béL/véw- "Bel/véu".

3.2.22 Fonema /s/

Os traços fonológicos de /s / são:

- sibilante;
- surdo.

s/ z/

- Oposição s/z/ produz signos diferentes;
- Traço diferenciador: laringe: surdez/ sonoro;
Ex: dōsl/dōzl-"doce/doze".

s/š

- Oposição s/š produz signos diferentes;
- Traço diferenciador: sibilante- alveolar/ chiante palatal;
Ex: ásU/ášU-"aço/acho".

3.2.23 Fonema /z/

Os traços fonológicos de /z / são:

- sibilante;
- sonoridade.

z/s

- Oposição z/s produz signos diferentes;
- Traço diferenciador: laringe: sonoro/ surdez;
Ex: dōzl/dōsl- "dose/doce".

z/ž

- Oposição **z/ž** produz signos diferentes;
- Traço diferenciador: sibilante alveolar/ chiante palatal
Ex: zēlár/ žēlár- "zelar, gelar"

3.2.24 Fonema /š/

Os traços fonológicos de / š / são:

- Chiante;
- Surdo.

š/s

- Oposição š/s produz signos diferentes;
- Traço diferenciador: chiente palatal/ sibilante- alveolar;
Ex: ášU/ ásU -" acho/ aço".

š/ž

- Oposição š/ž produz signos diferentes;
- Traço diferenciador: sonoridade: surdo/sonoro;
Ex: šá/žá – “ chá, já”

3.2.25 Fonema /ž/

Os traços fonológicos de /ž/ são:

- Chiente;
- Sonoro.

ž/z

- Oposição ž/z produz signos diferentes;
- Traço diferenciador: chiente palatal/ sibilante alveolar
Ex: želáR/ zeláR - “ gelar, zelar”.

ž/š

- Oposição ž/š produz signos diferentes;
- Traço diferenciador: sonoridade: sonoro, surdo
Ex: žá/ šá/ – “ já, chá”.

ž/g

- Oposição ž/g produz signos diferentes;

- Traço diferenciador: troca do modo de articulação: oclusivo/chicante;
Ex: žátU/gátU- “jato, gato”

3.2.26 Fonema /n/

Os traços fonológicos de / n / são:

- Alveolar- dental;
- Nasal- oclusivo.

n/m

- Oposição n/m produz signos diferentes;
- Traço diferenciador: alveolar- dental/ bilabial;
Ex: nêta/mêta

n/ŋ

- Oposição n/ŋ produz signos diferentes;
- Traço diferenciador: ponto de articulação: alveolar- dental/palatal- velar;
Ex: - “sỏnỏ/sỏŋỏ”

3.2.27 Fonema /ŋ/

Os traços fonológicos de / ŋ/ são:

- Palatal- velar;
- Nasal- oclusivo.

ŋ/m

- Oposição ŋ/m produz signos diferentes;
- Traço diferenciador: bilabial/palatal;
Ex:mána/ máma- “manha, mama” .

4 CAPÍTULO IV - DIAGNÓSTICO DE DIFICULDADES DE PRONÚNCIA DE APRENDIZES HISPANO-AMERICANOS

Este capítulo apresenta o diagnóstico das dificuldades de aquisição de pronúncia do português brasileiro, por aprendizes hispano-americanos. Apresenta-se, inicialmente, o critério de uma pronúncia identitária do português brasileiro, uma pronúncia estandardizada. A partir desta pronúncia, foi feito o levantamento e o diagnóstico das dificuldades existentes para a aquisição da pronúncia estandardizada do português brasileiro.

4.1 Uma pronúncia estandardizada

O estudo da produção sonora, a pronúncia, pode ser realizado tanto com um método quantitativo tanto com um qualitativo.

4.1.1 *Método quantitativo*

Os dialetólogos realizaram estudos com o método quantitativo, pois objetivaram descrever normas de realização, ou seja, a frequência de realização das bases articulatórias dos sons. Esses estudos diferenciaram idioleto, dialeto e norma nacional/ grupal.

O procedimento metodológico compreendeu horas de gravação de um falante relativas a diferentes registros de produção sonora. Essas gravações foram transcritas e comparadas entre si. Verificou-se que um falante apresenta uma frequência alta articulatória para a emissão de certos sons e outra mais baixa para outros sons. Foi selecionada, apenas, a frequência alta, pois a baixa foi considerada desvio. Essa frequência alta é descrita com a norma de um falante, ou seja, o seu idioleto. Devido a essa frequência é que as pessoas são capazes de reconhecer a voz de quem fala ao telefone, o seu produtor.

Ao se confrontar diferentes idioletos, constatou-se que eles apresentavam traços semelhantes e traços variáveis de pronúncia. Os traços articulatórios

semelhantes e frequentes possibilitaram que se descrevessem as normas grupais ou gírias. Por exemplo, a pronúncia de surfistas e a pronúncia de professores em sala de aula.

Ao confrontar as normas grupais entre si, verificou-se que essas apresentavam traços frequentes semelhantes e outros variáveis relativos às normas grupais. Os traços semelhantes e frequentes propiciaram que se descrevessem as normas regionais, dialetos, que são geográficas. Por exemplo: o dialeto caipira e o dialeto carioca. Os desvios eram relativos às normas grupais.

Ao se confrontar as normas regionais, os dialetólogos buscaram descrever os traços frequentes que propiciam a descrição da Norma Nacional. Por exemplo, a pronúncia brasileira e a pronúncia portuguesa europeia.

Sendo assim, quando um falante pronuncia em suas comunicações de interação oral, esse falante revela em sua pronúncia, desvios e norma idioletal, sua norma grupal, sua norma regional e sua norma nacional ao mesmo tempo.

Por essa razão, quando os alunos estrangeiros pronunciam sons da língua-alvo, eles atualizam sons que são reconhecidos como unidades articulatórias estrangeiras e que não tem identidade com nenhuma das normas expostas a cima.

4.1.2 Método qualitativo

Os sociolinguistas realizam estudos com método qualitativo, ou seja, buscam descrever variedades/ variações explicando-as pelo social.

Segundo Silveira (2008), a diferença entre padrão idiomático e padrão estandardizado é uma preocupação recente dos estudiosos de política de língua, embora haja muito estudos que não fazem ainda esta distinção. Calvet (2002), ao tratar de políticas de língua, situa-os no campo em que são elaboradas e focaliza o que concerne à intervenção nas línguas e nas relações entre línguas e Estados.

Para o autor (2002, p. 145), a política linguística “ é um conjunto conscientes referentes às relações entre língua (s) e vida social.” Pode-se, por vezes, reunir especialistas em um congresso para decidir uma política linguística, mas, a decisão

entre língua e vida social só o Estado tem o poder e os meios de impô-la, a fim de pôr em prática suas escolhas políticas.

Por essa razão, Mattoso Câmara Jr (1964, p. 188) situou o idioma no prisma político do Estado, para se estabelecer um controle das variedades/variações linguísticas:

Idioma é o termo com que se insiste na unidade linguística inconfundível de uma nação em face das demais. Enquanto o conceito de língua é relativo e se aplica a uma língua comum, a um falar, a uma gíria a até mesmo a um idioleto, o idioma só se refere à língua nacional, propriamente dita. E pressupõe a existência de um estado político, do qual seja a expressão linguística.

Nesse sentido, quando se trata de uma pronúncia idiomática do português brasileiro, o autor refere-se, politicamente, a um padrão de pronúncia, para controlar as diversidades de pronúncia que existem no Brasil. Selecionado para representar o grau “ótimo” de pronúncia, segundo o poder do Estado. Dito de outra maneira, a pronúncia selecionada tem prestígio, pois seus falantes representam regiões de prestígio. Por ser imposto, trata-se de uma política *in vitro*.

Ao se tratar das variedades/ variações brasileiras, os estudos sociolinguistas constataram uma gama de variedades linguísticas que se apresentam como frequência de realizações, relativas a região e às classes sociais a que pertencem os falantes da língua. Essas diferenciam-se por idade, nível de escolaridade, atividade profissional, prestígio de situação geográfica etc.

Além disso, segundo Silveira (2008), os indivíduos que usam uma determinada variedade linguística, apresentam variações pois, a pronúncia de cada um deles pode diferir consideravelmente da pronúncia dos demais que usam a mesma variedade. Por exemplo: falantes com alta escolaridade apresentam variações devido a diversidades regionais, grupais etc. Além disso, a variação ocorre dependendo do contexto discursivo ser, por exemplo, tenso ou distendido.

Diante dessa complexidade, Calvet (2002, p. 148) afirma que:

A política linguística suscita problemas de controle democrático (não deixar os que tomam decisões fazer o que lhes der na telha) e de interação entre a

análise das situações feita pelas instâncias de poder e a análise, quase sempre intuitiva, feita pelo povo.

Frente a essa dicotomia (Estado/ povo), o autor diferencia duas gestões para a padronização de uma língua: *in vitro* e *in vivo*. A primeira decorre da intervenção política do Estado para controlar as variedades de pronúncia nas práticas sociais, que é o caso do dialeto carioca no Brasil. A gestão *in vivo* é relativa ao modo como as pessoas, falantes nativos da língua, resolvem a questão da pronúncia brasileira. Calvet designa essa resolução por políticas de língua “espontânea”, *in vivo*, que resulta da escolha popular, ou seja, como a comunidade social reage frente as diferentes pronúncias brasileiras.

A gestão *in vivo*, refere-se, portanto, a uma pronúncia estandardizada pelos brasileiros, dito de outra maneira, é a pronúncia que é avaliada como grau ótimo, como a mais bonita e a mais representativa do Brasil. Silveira (1998), ao tratar da pronúncia estandardizada, após uma pesquisa com falantes nativos e estrangeiros, indica o “globês” como uma pronúncia estandardizada do português brasileiro.

A TV Globo, com o objetivo de atingir a maior extensão geográfica de telespectadores, tanto nacional quanto internacional, construiu uma pronúncia de português brasileiro, tendo por base a fala do paulistano, por ter prestígio e poder nacional. Em laboratórios de fonética, seus apresentadores de jornal nacional e demais programas de transmissão nacional e internacional, são treinados para adquirir a pronúncia do “globês”. Essa é emitida como foco de irradiação nacional e internacional, propiciando que, tanto brasileiros quanto estrangeiros, a reconheçam com o grau ótimo de aceitabilidade.

Lins da Silva (1985) afirma que o Brasil é uma sociedade cuja indústria circula em torno da TV e que a Rede Globo de Televisão reina inquestionável. Embora se saiba que o rádio pode atingir um grande número de pessoas, sua ação é diversificada. Como se sabe, a televisão é um veículo de circulação de massa e atinge mais de 40 milhões de pessoas, conforme informações publicadas pela Rede Globo (2001).

A televisão é, portanto, capaz de transmitir uma fonte imensa e ininterrupta de informações para lugares mais isolados e longínquos do país e de outros países

também. Ela tem a habilidade de padronizar os mais diferentes gostos, de conduta, de moda, de consumo, nivelando valores éticos e estéticos das comunidades. Logo, a pronúncia é um desses padrões que passa a guiar a escolha da pronúncia estandardizada brasileira.

No Brasil, muitos lexicógrafos têm feito suas transcrições a partir do dialeto carioca, tratada por Silveira (2008) como pronúncia idiomática, uma vez que fora imposta à nação brasileira pelo Estado, por uma política *in vitro*. Conforme a autora, essa pronúncia contrasta da estandardizada, isto é, do “globês”, uma vez que, esta última não resulta de uma decisão oficial, uma lei ou decreto, mas de uma junção de motivos que só se explicam por uma perspectiva multidisciplinar, pois decorre de uma escolha dos nativos, ou seja, uma política *in vivo*.

Desse modo, uma pronúncia estandardizada do Português Brasileiro encontra sustentação nos prismas elencados por Silveira (2008) para explicar essa escolha:

1. **Prisma linguístico:** a autora afirma que os traços da pronúncia do brasileiro estão fixados nas bases articulatórias e na frequência de uso, resultantes do cancelamento de variações individuais e/ou grupais. Essas bases são hábitos articulatórios adquiridos pelos falantes, cuja frequência de uso representa normas individuais (idioletos), grupais, regionais e nacionais;
2. **Prisma cognitivo,** considera-se dois tipos de representação cognitiva: a representação mental ocorrente e a representação mental-tipo (Denhière e Baudet, 1992). No plano fonético, as variações individuais e grupais de pronúncia funcionam como ocorrências sonoras na comunicação. As representações mentais-tipo são estruturas de memória persistentes relativas a padrões de pronúncia. A pronúncia do “globês”, nesse sentido, tem o poder de construir nos telespectadores representações sonoras-tipo que passam a caracterizar cognitivamente aspectos de uma identidade nacional, graças ao seu grande foco de irradiação, já que é veiculada pela TV Globo;
3. **Prisma social,** resume-se pela disposição de grupos sociais diferenciados pelo nível de escolaridade. Desta forma, o uso linguístico das classes

sociais escolarizadas varia do padrão real ou oral ao padrão normativo ou escrito. No que se refere a pronúncia, Silveira (2008) entende que é um fenômeno representativo da identidade desses grupos, prestigiando-os ou discriminando-os socialmente;

4. **Prisma idiomático**, entende-se que há uma identidade linguística que reflete uma identidade nacional. O idioma pode ser concebido como um estado político e ideológico em que as instâncias de poder estabelecem um padrão fonético, a fim de controlar as variabilidades de pronúncia. Contudo, há uma diferença entre padrão idiomático e padrão standardizado, que tem sido motivo de discussões das políticas linguísticas;
5. **Prisma ideológico**, uma língua se manifesta socialmente de muitas formas e não se isenta da atribuição valorativa de seus usuários. Em meio à diversidade da fala, há sempre um modo que representa o foco de irradiação linguística, sendo a ele atribuído maior prestígio social. Para Silveira (2008, p. 28), os resultados propiciaram caracterizar o “globês” como uma pronúncia standardizada que resulta do privilégio de certas bases articulatórias do paulistano, devido a seu prestígio, com o cancelamento de outras bases que são rejeitadas pelos telespectadores.

A respeito da construção dessa pronúncia ideológica, Silveira (2008, p. 33) esclarece que:

[...] foi construída com a neutralização de traços articulatórios específicos de nossas variedades/ variações linguísticas orais, apresentando-se como uma variável mais neutra, com o objetivo de ser amplamente aceita por falantes/ ouvintes do português brasileiro, de forma a conseguir um grande público de telespectadores, ainda que estes apresentem variações linguísticas diferentes. O fato de ter amplo acesso geográfico diário, nacional e internacional, propiciou que essa arquinorma [...] fosse instaurada como uma unidade na adversidade de pronúncias dos diferentes grupos linguísticos sociais e geográficos.

Pode-se dizer, conforme a autora, que o “globês” é uma arquinorma que passa a ser reconhecida por nativos e estrangeiros, como uma pronúncia padrão identitária brasileira. Nesse sentido, para Silveira (2008, p. 33), o professor de português para estrangeiro deve:

Em sala de aula, dar consciência ao aluno da pronúncia estandardizada brasileira, descrevendo-a, explicando-a, para desenvolver o senso muscular e ativar as bases articulatórias de sua língua materna para transferi-las, facilitando a aquisição da oralidade; indicar as bases articulatórias desconhecidas pelo aluno e exercitá-lo para poder adquiri-las, sem interferência; finalmente, dar consciência de que eles têm em seus países uma pronúncia própria preferencial e que é preciso identificá-la.

Logo, partindo de um padrão unânime de boa pronúncia, que é reconhecida, de acordo com Silveira (2008, p.162), "por falantes nativos e estrangeiros como uma identidade padrão da pronúncia do brasileiro, na medida em que é ideologicamente avaliada pelo público como grau ótimo de aceitabilidade", servirá de orientação para o ensino da pronúncia estandardizada do português brasileiro, visando à desestrangeirização do aprendiz no ensino do português brasileiro.

4.2 Dificuldades de pronúncia apresentadas pelos informantes desta pesquisa

Neste item, serão apresentadas as dificuldades de pronúncia pelos informantes, diferenciando-os pelos seus países. As dificuldades apresentadas foram classificadas em:

- Vogais orais acentuadas tônicas;
- Vogais nasais acentuadas tônicas;
- Vogais orais inacentuadas pretônicas;
- Vogais nasais inacentuadas pretônicas;
- Vogais orais inacentuadas pós-tônicas;
- Vogais nasais inacentuadas pós-tônicas;
- Vogais finais inacentuadas.

As dificuldades de realização consonantais são as seguintes:

- Consoantes oclusivas orais;
- Consoantes oclusivas nasais;
- Consoantes constrictivas.

4.2.1 Informante I

O informante I tem nacionalidade argentina e apresentou as seguintes dificuldades de pronúncia:

- Vogais orais acentuadas tônicas:

Há dificuldade para pronunciar as vogais abertas/fechadas. Ocorre a neutralização do grau de abertura \acute{e}/\acute{e} ; \acute{o}/\acute{o} . Realizando o grau fechado, como por exemplo:

Fonema	Som	Na sequência sonora	
\acute{o}	\acute{o}	žirat \acute{o} rya	“giratória”
\acute{o}	\acute{o}	pr \acute{o} teşę	“prótese”
\acute{o}	\acute{o}	g \acute{o} sta	“gosta”
\acute{o}	\acute{o}	ad \acute{o} ro	“adoro”
\acute{o}	\acute{o}	kari \acute{o} ka	“carioca”
\acute{o}	\acute{o}	p \acute{o} řta	“porta”
\acute{o}	\acute{o}	m \acute{o} ştra	“mostra”
\acute{o}	\acute{o}	neřb \acute{o} sa	“nervosa”
\acute{e}	\acute{e}	ęla	“ela”
\acute{e}	\acute{e}	pęřna	“perna”
\acute{e}	\acute{e}	nę	“né”

- Vogais nasais acentuadas tônicas:

Há dificuldades para pronunciar as vogais nasais do português brasileiro. Essas dificuldades decorrem de ora pronunciarem a vogal nasalada, porém aberta, ora a vogal desnasalada, mas fechada, seguida de uma articulação nasal. Na pronúncia estandardizada, as vogais do português brasileiro são pronunciadas fechadas com a nasalação vocálica.

Apresenta dificuldade para pronunciar /a/ seguida de consoante nasal, que é realizada no português brasileiro por [ã].

Por exemplo, foram encontradas as seguintes dificuldades:

Fonema	Som	Na sequência sonora	
ã	ã	restawrãtši	“restaurante”
ã	ã	leḃãta	“levanta”
ã	ã	grabãdo	“gravando”
ã	ã	brãka	“branca”
ã	ã	kuãdu	“quando”
ã	ã	ḃonitão	“bonitão”
ú	ún	afúnda	“afunda”
ú	ún	peṛgúnta	“pergunta”
é	éyn	aṛdélyntši	“ardente”
é	éyn	éyntra	“entra”
ã	ã	ḃãḃo	“banco”
é	éyn	délyntṛu	“dentro”
á	á	meḃkãnika	“mecânica”

- Vogais orais inacentuadas pretônicas:

No caso das vogais orais inacentuadas pretônicas, a língua portuguesa apresenta um paradigma de três unidades fonológicas: a vogal /o/ e os arquifonemas /I,U/. Toda posição arquifonológica apresenta variação.

Na pronúncia estandardizada a realização das vogais orais inacentuadas pretônicas é controlada pelas letras que grafam estas unidades fonológicas de uma forma a diferenciar as anteriores em /e, i, I/- “e, i”; e as posteriores em /U/- “o, u”. Essa posição apresentou baixíssima dificuldade para a pronúncia do informante I. Exemplo:

Fonema	Som	Na sequência sonora	
I	e	prateáda	“prateada”

- Vogais nasais inacentuadas pretônicas:

As dificuldades para a realização da pronúncia das vogais nasais inacentuadas pretônicas, são as mesmas que ocorrem com as vogais nasais acentuadas tônicas. Exemplo:

Fonema	Som	Na sequência sonora	
ẽ	eyn	eynfía	“enfia”
â	â	bãñeyro	“banheiro”
ẽ	eyn	džispeynsára	“dispensara”

- Vogais orais inacentuadas pós-tônicas:

No caso das vogais orais inacentuadas pós-tônicas, a língua portuguesa também apresenta um sistema de três unidades fonológicas: /a, I, U/.

Na pronúncia estandardizada, os arquifonemas são realizados /I/- [i]; /U/- [u], como por exemplo: / mInõrIS/- [menõris]- “menores”.

O informante I realiza as vogais orais inacentuadas pós-tônicas guiado pelo uso da letra. Exemplo:

Fonema	Som	Na sequência sonora	
I	ɛ	prótesɛ	“prótese”
U	o	pawsínos	“pauzinhos”
U	o	prátos	“pratos”

- Vogais nasais inacentuadas pós-tônicas:

Na pronúncia estandardizada, as vogais do português brasileiro são pronunciadas fechadas com a nasalação vocálica.

O informante pronuncia a vogal nasalada, porém aberta.

Fonema	Som	Na sequência sonora	

ã	ãw	tšyégãw	“chegam”
---	----	---------	----------

- Vogais finais inacentuadas:

Na pronúncia estandardizada, as vogais átonas em posição final de palavra, apresenta uma realização ensurdecida devido à baixa vibração das cordas vocais. Essas vogais são chamadas reduzidas, pela redução de intensidade da vibração das cordas vocais [^{a, i, o}]. O informante apresentou dificuldade para pronunciar as vogais reduzidas.

Fonema	Som	Na sequência sonora	
a	a	Kása	“casa”
a	a	pásta	“pasta”
l	ẹ	ẹẹ	“ele”
U	ọ	lado	“lado”

- Consoantes

O informante I apresenta dificuldade para pronunciar as constritivas fricativas sonoras [v, z, ž] e as surdas [f, s, š]- articulam uma pequena duração; Os fonemas / v, z, ž/ e / f, s, š/, no português brasileiro, são pronunciados com maior duração, ou seja, a corrente de ar é expelida com maior continuidade pela contração dos órgãos articulares.

Troca a sibilante, sonora [z], pela sibilante, surda [s] - não importa se a palavra é grafada com “s ou “z”, esse segmento tende a ser pronunciado sem vozeamento; surda;

Pronuncia uma oclusiva bilabial [b] no lugar de uma fricativa, surda, labiodental [v];

Exemplo:

Fonema	Som	Na sequência sonora	
z	s	prótese	“prótese”
z	s	kásas	“casas”

z	s	kása	“casa”
z	s	pawsínos	“pausinhos”
z	s	nɛ̃ɾbósa	“nervosa”
z	s	džyapɔ̃nɛsa	“japonesa”
v	b	Grabádo	“gravando”
v	b	nɛ̃ɾbósa	“nervosa”

- Chiante sonora

O informante I apresenta dificuldade para pronunciar a chiante sonora [ž]. Troca a chiante sonora [ž] pelo som de [džy]:

Fonema	Som	Na sequência sonora	
ž	džy	džyapɔ̃nɛsa	“japonesa”
ž	džy	džyapónɛs	“japonês”

- Constrictiva surda [š]

O informante apresenta dificuldade para pronunciar a chiante surda [š]. Troca a chiante surda [š] pelo som de [tšy].

.

Fonema	Som	Na sequência sonora	
š	tšy	tšyégãw	“chegam”
š	tšy	tšyavéryo	“chaveiro”

- Nasal- oclusiva:

O informante troca a palatal- velar, nasal- oclusiva [ŋ] pela alveolar- dental, nasal- oclusiva [n]:

Fonema	Som	Na sequência sonora	

ŋ	n	bãñeyɾo	“banheiro”
ŋ	n	pawsínɔs	“pausinhos”

- Lateral final silábica:

[-l], [w], [l]; No caso de [l], a velarização em português é característica grupal.

O [w] ocorre na pronúncia estandardizada.

O informante I faz uso da velarização [ɫ]. Ex:

Fonema	Som	Na sequência sonora	
w	ɫ	natáɫ	“natal”
w	ɫ	últšimas	“últimas”

4.2.2 Informante II

O informante II tem nacionalidade venezuelana e apresentou as seguintes dificuldades de pronúncia:

- Vogais orais acentuadas tônicas:

Há dificuldade para pronunciar as vogais abertas/fechadas. Ocorre a neutralização do grau de abertura é/é; ó /ó. Realizando o grau fechado, como por exemplo:

Fonema	Som	Na sequência sonora	
ó	ó	krósfí	“crossfit”
ó	ó	nóbas	“novas”

ó	ó	góstɔ	“gosto”(verbo, presente, 1ª pessoa do singular)
ó	ó	agóra	“agora”

- Vogais nasais acentuadas tônicas:

Há dificuldades para pronunciar as vogais nasais do português brasileiro. Essas dificuldades decorrem de ora pronunciarem a vogal nasalada, porém aberta, ora a vogal desnasalada, mas fechada, seguida de uma articulação nasal. Na pronúncia estandardizada, as vogais do português brasileiro são pronunciadas fechadas com a nasalização vocálica.

Foram encontradas as seguintes dificuldades:

Fonema	Som	Na sequência sonora	
--------	-----	---------------------	--

ã	ậ	ậno	“ano”
ã	ậ	trabaậđo	“trabalhando”
ãw	ậw	sậo	“são”
ãw	ậw	nậo	“não”
wã	wậ	kuậdu	“quando”
ã	ậ	semelậtsi	“semelhante”
ã	ậ	prokurậdo	“procurando”
úy	úy	múyta	“muita”
ế	ệ	nořmalmệtsi	“normalmente”
ế	ệ	pařtikulařmệtsi	“particularmente”
ế	ện	tậbệyn	“também”
õ	ộ	kộn	“com”
õ	ộ	bộn	“bom”
ạ	ậ	veņesueậna	“venezuelana”

- Vogais orais inacentuadas pré-tônicas:

No caso das vogais orais inacentuadas pretônicas, a língua portuguesa apresenta um paradigma de três unidades fonológicas: a vogal /o/ e os arquifonemas /I,U/. Toda posição arquifonológica apresenta variação.

Na pronúncia estandardizada a realização das vogais orais inacentuadas pretônicas é controlada pelas letras que grafam estas unidades fonológicas de uma forma a diferenciar as anteriores em /ẹ, i, I/- “e, i”; e as posteriores em /U/- “o, u”. Essa posição apresentou baixíssima dificuldade para a pronúncia do informante II.

- Vogais nasais inacentuadas pré-tônicas:

As dificuldades para a realização da pronúncia das vogais orais inacentuadas pretônicas, são as mesmas que ocorrem com as vogais nasais acentuadas tônicas.

Exemplo:

Fonema	Som	Na sequência sonora	
ã	ã	ęstrãdžęyras	“estrangeiras”

- Vogais orais inacentuadas pós-tônicas:

No caso das vogais orais inacentuadas pós-tônicas, a língua portuguesa também apresenta um sistema de três unidades fonológicas: /a, I, U/.

Na pronúncia estandardizada, os arquifonemas são realizados // - [i]; /U/- [u], como por exemplo: / mInõrIS/- [menõris]- “menores”.

O informante II realiza as vogais orais inacentuadas pós-tônicas guiada pelo uso da letra. Exemplo:

Fonema	Som	Na sequência sonora	
U	ø	páwlo	“Paulo”
U	ø	gósto	“gosto”
U	ø	ménos	“menos”
U	ø	amígos	“amigos”
U	ø	tréyno	“treino”
U	ø	tódos	“todos”

- Vogais nasais inacentuadas pós-tônicas;

Fonema	Som	Na sequência sonora	
ã	ã	ímã	“imã”
õ	õ	õtęy	“ontem”

- Vogais finais inacentuadas:

Na pronúncia estandardizada, as vogais átonas em posição final de palavra, apresenta uma realização ensurdecida devido à baixa vibração das cordas vocais. Essas vogais são chamadas reduzidas, pela redução de intensidade da vibração das cordas vocais [^a, i, ø].

O informante apresentou dificuldade em realizar vogais reduzidas.

Fonema	Som	Na sequência sonora	
a	a	kõmida	“comida”
U	o	tréynõ	“treino”
U	o	típõ	“tipo”

- Consoantes

O informante II apresenta dificuldade para pronunciar as constrictivas fricativas sonoras [v, z, ž]; troca a sibilante, sonora [z], pela sibilante, surda [s] - não importa se a palavra é grafada com “s” ou “z”, esse segmento tende a ser pronunciado sem vozeamento, surda; pronuncia uma oclusiva bilabial [b] no lugar de uma fricativa, surda, labiodental [v]. Exemplo:

Fonema	Som	Na sequência sonora	
z	s	lasêr	“lazer”
z	s	fasêr	“fazer”
z	s	kõysas	“coisas”
z	s	venêsuêlãna	“venezuelana”
z	s	kõysa	“coisa”
z	s	brasíw	“Brasil”
v	b	atrátibõ	“atrativo”
v	b	bariêdádži	“variedade”

- Chiante sonora

O informante II apresenta dificuldade para pronunciar a chiante sonora [ž]. Troca a chiante sonora [ž] pelo som de [džy]:

Fonema	Som	Na sequência sonora	
--------	-----	---------------------	--

ž	džy	džyá	“já”
ž	džy	fejdzjuáda	“feijoada”
ž	džy	ęstrãdžyęyras	“estrangeiras”
ž	džy	adžyúdo	“ajudo”

- Constrictiva surda [š]

O informante apresenta dificuldade para pronunciar a chiante surda [š]. Troca a chiante surda [š] pelo som de [tšy]:

Fonema	Som	Na sequência sonora	
š	tšy	tšyurásko	“churrasco”

- Oclusiva nasal:

O informante troca a palatal-velar, nasal-oclusiva [ŋ] pela alveolar-dental, nasal-oclusiva [n]:

Fonema	Som	Na sequência sonora	
ŋ	n	kõņęsęř	“conhecer”

- Lateral final silábica:

[-l], [w], [l] - No caso de [l], a velarização em português é característica grupal. O [w] ocorre na pronúncia estandardizada.

O informante II faz uso da velarização [ɫ]. Ex:

Fonema	Som	Na sequência sonora	
w	ɫ	nořmalɫmęťši	“normalmente”

w	ł	tɾopikál	“tropical”
---	---	----------	------------

4.2.3 Informante III

O informante III tem nacionalidade colombiana e apresentou as seguintes dificuldades de pronúncia:

- Vogais orais acentuadas tônicas:

O informante III apresentou dificuldade para pronunciar as vogais abertas/fechadas. Ocorre a neutralização do grau de abertura é/é; ó/ó. Realizando o grau fechado, como por exemplo:

Fonema	Som	Na sequência sonora	
é	é	ésta	“esta”
é	é	kéro	“quero”
é	é	déla	“dela”
é	é	aésiw	“Aécio”
é	é	nébis	“Neves”
é	é	řuséfi	“Rousseff”
ó	ó	prósima	“próxima”
ó	ó	nós	“nós”

- Vogais nasais acentuadas tônicas:

Há dificuldades para pronunciar as vogais nasais do português brasileiro. Essas dificuldades decorrem de ora pronunciarem a vogal nasalada, porém aberta, ora a vogal desnasalada, mas fechada, seguida de uma articulação nasal. Na pronúncia estandardizada, as vogais do português brasileiro são pronunciadas fechadas com a nasalação vocálica.

Foram encontradas as seguintes dificuldades:

Fonema	Som	Na sequência sonora	
ḁ	ḁ	ḁemḁna	“semana”
ḁ̃	ḁ̃	ḁstarḁw	“estarão”
ḁ̃	ḁ̃	kḁpus	“Campos”
ḁ̃	ḁ̃	superḁbisḁw	“supervisão”
ḁ̃	ḁ̃	sḁtus	“Santos”
ḁ̃	ḁ̃	tḁbḁn	“também”
ḁ́	ḁ́	asidḁntḁsi	“acidente”
ḁ́	ḁ́	sḁnpri	“sempre”
ḁ́	ḁ́	frḁntḁsi	“frente”
ḁ́	ḁ́	presidḁntḁsis	“presidentes”
ḁ̂	ḁ̂	rḁlisḁw	“reeleição”
ḁ̄	ḁ̄	rḁsḁys	“razões”

- Vogais orais inacentuadas pretônicas:

No caso das vogais orais inacentuadas pretônicas, a língua portuguesa apresenta um paradigma de três unidades fonológicas: a vogal /o/ e os arquifonemas /I,U/. Toda posição arquifonológica apresenta variação.

Na pronúncia estandardizada a realização das vogais orais inacentuadas pretônicas é controlada pelas letras que grafam estas unidades fonológicas de uma forma a diferenciar as anteriores em /e, i, I/- “e, i”; e as posteriores em /U/- “o, u”. Essa posição apresentou baixíssima dificuldade para a pronúncia do informante III. Exemplo:

Fonema	Som	Na sequência sonora	

é	i	pisibí	“PSB”
l	ẹ	estarǎw	“estarão”
l	i	pisóas	“pessoas”

- Vogais nasais inacentuadas pretônicas:

As dificuldades para a realização da pronúncia das vogais orais inacentuadas pretônicas, são as mesmas que ocorrem com as vogais nasais acentuadas tônicas.

Exemplo:

Fonema	Som	Na sequência sonora	
ẽ	ẹn	ẹntrẹbíta	“entrevista”
ẽ	ẹn	ẹntrẹbistáda	“entrevistada”
ĩ	in	inẹronpída	“interrompida”
õ	on	inẹronpída	“interrompida”
ã	ǎ	kǎdžidátọ	“candidato”
ã	ǎ	kǎdžidátúras	“candidaturas”
ã	ǎ	kǎdžidáta	“candidata”
ã	ǎ	kǎdžidátọs	“candidatos”
õ	on	konfrọntar	“confrontar”
ẽ	ẹn	desẹnpẹnọ	“desempenho”
ẽ	ẹn	lenbrár	“lembrar”

- Vogais orais inacentuadas pós-tônicas:

No caso das vogais orais inacentuadas pós-tônicas, a língua portuguesa também apresenta um sistema de três unidades fonológicas: /a, I, U/.

Na pronúncia estandardizada, os arquifonemas são realizados /I/- [i]; /U/- [u], como por exemplo: / mInõrIS/- [menõris]- “menores”. O informante III realiza as vogais orais inacentuadas pós-tônicas guiadas pelo uso da letra. Exemplo:

Fonema	Som	Na sequência sonora	
I	ẹ	asidẹnte	“acidente”
I	ẹ	asesõres	“assessores”
I	ẹ	sẹnpre	“sempre”
U	ọ	eduárdọ	“Eduardo”
U	ọ	bámọs	“vamos”
U	ọ	mẹnọs	“menos”
U	ọ	amígọs	“amigos”
U	ọ	polẹmikọs	“polêmicos”
U	ọ	fẹyto	“feito”
U	ọ	rẹalisádo	“realizado”

- Vogais finais inacentuadas:

Na pronúncia estandardizada, as vogais átonas em posição final de palavra, apresenta uma realização ensurdecida devido à baixa vibração das cordas vocais. Essas vogais são chamadas reduzidas, pela redução de intensidade da vibração das cordas vocais [a, i, ọ].

O informante apresentou dificuldade em realizar vogais reduzidas. Exemplo:

Fonema	Som	Na sequência sonora	
a	a	pisáda	“passada”
U	ọ	tẹmọs	“temos”
U	ọ	kẹro	“quero”
U	ọ	kómọ	“como”
U	ọ	kárgọ	“cargo”
U	ọ	fẹyto	“feito”

- Consoantes

O informante III apresenta dificuldade para pronunciar as constrictivas fricativas sonoras [v, z, ž];

Troca a sibilante, sonora [z], pela sibilante, surda [s] - não importa se a palavra é grafada com “s ou “z”, esse segmento tende a ser pronunciado sem vozeamento, surda;

Pronuncia uma oclusiva bilabial [b] no lugar de uma fricativa, surda, labiodental [v], como no exemplo:

Fonema	Som	Na sequência sonora	
z	s	fasēr	“fazer”
z	s	desenpēno	“desempenho”
z	s	brasíw	“Brasil”
z	s	brasílya	“Brasília”
z	s	rełisádo	“realizado”
z	s	fasemos	“fazemos”
z	s	preșidēntšis	“presidentes”
v	b	ęntrełbistáda	“entrevistada”
v	b	ęntrełbísta	“entrevista”
v	b	vámōs	“vamos”
v	b	nēbis	“Neves”
v	b	bēs	“vez”
v	b	ałboráda	“alvorada”

- Constrictiva surda [š]

O informante apresenta dificuldade para pronunciar a chiante surda [š]. Troca a chiante surda [š] pelo som de [tšy]:

Fonema	Som	Na sequência sonora	
š	tšy	tšyámọ	“chamo”

- Chiante sonora

O informante III apresenta dificuldade para pronunciar a chiante sonora [ž]. Troca a chiante sonora [ž] pelo som de [džy].

Fonema	Som	Na sequência sonora	
ž	džy	ọdžyẹ	“hoje”
ž	džy	džyọrnáł	“jornal”
ž			

- Oclusiva nasal:

O informante troca a palatal-velar, nasal-oclusiva [ŋ] pela alveolar-dental, nasal-oclusiva [n]:

Fonema	Som	Na sequência sonora	
ŋ	n	desenpẹnọ	“desempenho”

- Lateral final silábica:

[-l], [w], [l]; No caso de [f], a velarização em português é característica grupal.

O [w] ocorre na pronúncia estandardizada.

O informante III faz uso da velarização [f]. Exemplo:

Fonema	Som	Na sequência sonora	

w	ł	dźyɔrnat	“jornal”
w	ł	ałbɔrada	“alvorada”
w	ł	dílma	“Dilma”

4.2.4 Informante IV

O informante IV tem nacionalidade mexicana e apresentou as seguintes dificuldades de pronúncia:

- Vogais orais acentuadas tônicas:

Há dificuldade para pronunciar as vogais abertas/fechadas. Ocorre a neutralização do grau de abertura \acute{e}/\grave{e} ; \acute{o}/\grave{o} . Realizando o grau fechado, como por exemplo:

Fonema	Som	Na sequência sonora	
\acute{e}	\acute{e}	\acute{e}	“ \acute{e} ”
\acute{e}	\acute{e}	métšyikɔ	“México”
\acute{e}	\acute{e}	kéro	“quero”
\acute{o}	\acute{o}	só	“só”
\acute{o}	\acute{o}	mëmória	“memória”
\acute{o}	\acute{o}	prósima	“próxima”
\acute{o}	\acute{o}	pósɔ	“posso”

- Vogais nasais acentuadas tônicas:

Há dificuldades para pronunciar as vogais nasais do português brasileiro. Essas dificuldades decorrem de ora pronunciarem a vogal nasalada, porém aberta, ora a vogal desnasalada, mas fechada, seguida de uma articulação nasal. Na

pronúncia estandardizada, as vogais do português brasileiro são pronunciadas fechadas com a nasalização vocálica.

Apresentou dificuldade para pronunciar /a/ seguida de consoante nasal, que é realizada no português brasileiro por [ã]. Foram encontradas as seguintes dificuldades:

Fonema	Som	Na sequência sonora	
á	ã	trãsitõ	“trânsito”
á	ã	sãw	“são”
á	ã	nãw	“não”
á	ã	grãdži	“grande”
é	én	kõntẽntã	“contente”
ã	ãw	ẽntãw	“então”
é	éy	tãbẽy	“também”
é	é	prõximãmẽntẽ	“proximamente”
í	ín	lindo	“lindo”
í	ín	domingo	“domingo”
ú	ún	ún	“um”
á	á	mẽtšyikãna	“mexicana”
á	á	semãna	“semana”

- Vogais nasais inacentuadas pretônicas:

As dificuldades para a realização da pronúncia das vogais orais inacentuadas pretônicas, são as mesmas que ocorrem com as vogais nasais acentuadas tônicas.

Exemplo:

Fonema	Som	Na sequência sonora	

ã	ã	tãbẽn	“também”
l	ẹn	ẹntão	“então”
U	ọn	kọntẹnta	“contente”

- Vogais orais inacentuadas pós-tônicas:

No caso das vogais orais inacentuadas pós-tônicas, a língua portuguesa também apresenta um sistema de três unidades fonológicas: /a, l, U/.

Na pronúncia estandardizada, os arquifonemas são realizados /l/- [i]; /U/- [u], como por exemplo: / mlnọrlS/- [menọrlis]- “menores”.

O informante IV realiza as vogais orais inacentuadas pós-tônicas guiada pelo uso da letra. Exemplo:

Fonema	Som	Na sequência sonora	
l	ẹ	tárdžẹ	“tarde”
U	ọ	ánọ	“ano”
U	ọ	túdọ	“tudo”
U	ọ	abrásọ	“abraço”
U	ọ	kẹrọ	“quero”

- Vogais nasais inacentuadas pós-tônicas:

Fonema	Som	Na sequência sonora	
l	ẹ	vyádžyẹ	“viagem”

- Vogais finais inacentuadas:

Na pronúncia estandardizada, as vogais átonas em posição final de palavra, apresenta uma realização ensurdecida devido à baixa vibração das cordas vocais.

Essas vogais são chamadas reduzidas, pela redução de intensidade da vibração das cordas vocais [^a, i, o].

O informante apresentou dificuldade em realizar vogais reduzidas. Exemplo:

Fonema	Som	Na sequência sonora	
a	a	kontęnta	“contente”
l	ę	tristeę	“triste”
U	o	múyto	“muito”
U	o	amigo	“amigo”
U	o	avrás	“abraço”
U	o	átšyo	“acho”
U	o	túdo	“tudo”
U	o	trásito	“trânsito”
U	o	bęmos	“vemos”

- Consoantes

O informante VI apresenta dificuldade para pronunciar as constrictivas fricativas sonoras [v, z, ž]; troca a sibilante, sonora [z], pela sibilante, surda [s] - não importa se a palavra é grafada com “s ou “z”, esse segmento tende a ser pronunciado sem vozeamento, surda; pronuncia uma oclusiva bilabial [b] no lugar de uma fricativa, surda, labiodental [v], como no exemplo:

Fonema	Som	Na sequência sonora	
z	s	trásito	“trânsito”
z	s	kásas	“casas”
v	b	ibanędži	“lvaneide”
v	b	bęmos	“vemos”
ž	džy	džya	“já”

- Constrictiva surda [ʃ]

O informante apresenta dificuldade para pronunciar a chiante surda [ʃ]. Troca a chiante surda [ʃ] pelo som de [tʃy].

Fonema	Som	Na sequência sonora	
ʃ	tʃy	átʃyɔ	“acho”
ʃ	tʃy	mětʃyikɔ	“México”
ʃ	tʃy	mětʃyikâna	“mexicana”

- Nasal oclusiva:

O informante VI troca a palatal-velar, nasal-oclusiva [ɲ] pela alveolar-dental, nasal-oclusiva [n]:

Fonema	Som	Na sequência sonora	
ɲ	n	kɔnɛsɛr̃	“conhecer”
ɲ	n	mina	“minha”
ɲ	n	ganɔw	“ganhou”

- Lateral final silábica:

[-l], [w], [l]; No caso de [l], a velarização em português é característica grupal. O [w] ocorre na pronúncia estandardizada.

O informante IV pronuncia a velarização [l], característica marcante da pronúncia espanhola. Exemplo:

Fonema	Som	Na sequência sonora	
w	ł	vólta	“volta”

w	ł	vɔłtár	“voltar”
w	ł	sál	“sal”

4.2.5 Informante V

O informante V tem nacionalidade panamenha e apresentou as seguintes dificuldades de pronúncia:

- Vogais orais acentuadas tônicas:

Há dificuldade para pronunciar as vogais abertas/fechadas. Ocorre a neutralização do grau de abertura é/é, ó /ó. Realizando o grau fechado, como por exemplo:

Fonema	Som	Na sequência sonora	
é	é	éra	“era”
é	é	éla	“ela”
é	é	krédɔ	“credo”
é	é	lévãw	“levam”
é	é	né	“né”
é	é	taréfa	“tarefa”
é	é	kéro	“quero”
ó	ó	kólo	“colo”

- Vogais nasais acentuadas tônicas:

Há dificuldades para pronunciar as vogais nasais do português brasileiro. Essas dificuldades decorrem de ora pronunciarem a vogal nasalada, porém aberta, ora a vogal desnasalada, mas fechada, seguida de uma articulação nasal. Na

pronúncia estandardizada, as vogais do português brasileiro são pronunciadas fechadas com a nasalação vocálica.

Apresentou dificuldade para pronunciar /a/ seguida de consoante nasal, que é realizada no português brasileiro por [á].

Por exemplo, foram encontradas as seguintes dificuldades:

Fonema	Som	Na sequência sonora	
ã	á	năw	“não”
é	ẹyn	béyn	“bem”
é	ẹyn	intéyndéyndọ	“entendendo”
é	ẹyn	intéyndọ	“entendo”
é	ẹyn	téynpọ	“tempo”
é	ẹyn	téyn	“tem”
í	ín	séyntšíndọ	“sentindo”
í	ín	síntọ	“sinto”
í	ín	mín	“mim”
ó	ón	móntší	“monte”
ú	ún	ún	“um”
á	á	kăma	“cama”

- Vogais orais inacentuadas pretônicas:

No caso das vogais orais inacentuadas pretônicas, a língua portuguesa apresenta um paradigma de três unidades fonológicas: a vogal /o/ e os arquifonemas /I,U/. Toda posição arquifonológica apresenta variação.

Na pronúncia estandardizada a realização das vogais orais inacentuadas pretônicas é controlada pelas letras que grafam estas unidades fonológicas de uma forma a diferenciar as anteriores em /ẹ, i, I/- “e, i”; e as posteriores em /U/- “o, u”. Essa posição apresentou baixíssima dificuldade para a pronúncia do informante V. Exemplo:

Fonema	Som	Na sequência sonora	
ẹ	I	džibagár	“devagar”
U	ọ	pọrké	“porque”

- Vogais nasais inacentuadas pretônicas:

As dificuldades para a realização da pronúncia das vogais orais inacentuadas pretônicas, são as mesmas que ocorrem com as vogais nasais acentuadas tônicas.

Exemplo:

Fonema	Som	Na sequência sonora	
ẽ	ɛyn	sɛyntʃíndɔ	“sentindo”
ẽ	ɛyn	sɛyntʃídɔ	“sentido”
ẽ	ɛyn	intɛyndéyndɔ	“entendendo”
ẽ	ɛyn	ɛyntéyndɔ	“entendo”

- Vogais orais inacentuadas pós-tônicas:

No caso das vogais orais inacentuadas pós-tônicas, a língua portuguesa também apresenta um sistema de três unidades fonológicas: /a, I, U/.

Na pronúncia estandardizada, os arquifonemas são realizados /I/- [i]; /U/- [u], como por exemplo: /mInɔrIS/- [menɔris]- “menores”.

O informante V realiza as vogais orais inacentuadas pós-tônicas guiada pelo uso da letra. Exemplo:

Fonema	Som	Na sequência sonora	
U	ɔ	áʃɔ	“acho”
U	ɔ	kɔmɔ	“como”
U	ɔ	krédɔ	“credo”

- Vogais nasais inacentuadas pós-tônicas:

Fonema	Som	Na sequência sonora	
ĩ	ɛn	ɔntɛn	“ontem”

- Vogais finais inacentuadas:

Na pronúncia estandardizada, as vogais átonas em posição final de palavra, apresenta uma realização ensurdecida devido à baixa vibração das cordas vocais.

Essas vogais são chamadas reduzidas, pela redução de intensidade da vibração das cordas vocais [^a, i, o].

O informante apresentou dificuldade em realizar vogais reduzidas. Exemplo:

Fonema	Som	Na sequência sonora	
a	a	peřdžída	“perdida”
a	a	áwla	“aula”
l	ẹ	kwáse	“quase”
l	ẹ	fílme	“filme”
U	o	ládó	“lado”

- Consoantes

O informante V apresenta dificuldade para pronunciar as constrictivas fricativas sonoras [v, z, ž]; troca a sibilante, sonora [z], pela sibilante, surda [s] - não importa se a palavra é grafada com “s ou “z”, esse segmento tende a ser pronunciado sem vozeamento, surda; pronuncia uma oclusiva bilabial [b] no lugar de uma fricativa, surda, labiodental [v]. Exemplo:

Fonema	Som	Na sequência sonora	
z	s	kwási	“quase”
z	s	kóysa	“coisa”
z	s	kóysas	“coisas”
z	s	džisěr	“dizer”
z	s	atrasáda	“atrasada”
z	s	ořisontát	“horizontal”
z	s	fasěr	“fazer”
v	b	běřšikáv	“vertical”

- Chiante sonora

O informante V apresenta dificuldade para pronunciar a chiante sonora [ž]. Troca a chiante sonora [ž] pelo som de [džy]:

Fonema	Som	Na sequência sonora	
ž	džy	ódžyę	“hoje”
ž	džy	dzyá	já
ž	džy	řędžyína	“Regina”

- Constrictiva surda [š]

O informante apresenta dificuldade para pronunciar a chiante surda [š]. Troca a chiante surda [š] pelo som de [tšy].

Fonema	Som	Na sequência sonora	
š	tšy	átšyọ	“acho”
š	tšy	tšyęęy	“cheguei”

- Nasal oclusiva:

O informante V troca a palatal-velar, nasal-oclusiva [ŋ] pela alveolar-dental, nasal-oclusiva [n]:

Fonema	Som	Na sequência sonora	
ŋ	n	kõņęsęř	“conhecer”

- Lateral final silábica:

[-l], [w], [l]; No caso de [l], a velarização em português é característica grupal. O [w] ocorre na pronúncia estandardizada.

O informante V faz uso da velarização [l]. Exemplo:

Fonema	Som	Na sequência sonora	

w	ł	fíłme	“filme”
w	ł	kułtúra	“cultura”
w	ł	kuál	“qual”
w	ł	õrisõntál	“horizontal”

Em síntese, durante o processo de transcrição, constatou-se que os informantes, de maneira geral, apresentaram problemas de pronúncia em:

- a) Vogais orais acentuadas tônicas: no que se refere ao grau de abertura é/é, ó/ó, realizam o grau fechado. Ex: [éla]- “ela”, [gósta]- “gosta”;
- b) Vogais nasais acentuadas tônicas: pronunciam a vogal nasal aberta ou a vogal desnasalada fechada, seguida de uma nasal. Exemplo: / ɫɛbãta/- “levanta”. Na realização da [ã], que é /á/ seguida de consoante nasal. Exemplo: [mɛšikãna]- “mexicana, [sɛmãna]- “semana”;
- c) Vogais nasais inacentuadas pretônicas: pronunciam a vogal nasal aberta ou a vogal desnasalada fechada, seguida de uma nasal. Exemplo: [ɛynfia]- “enfia”, [intɛronpída]- “interrompida”;
- d) Vogais finais inacentuadas: não fazem uso das vogais reduzidas. Exemplo: [práto]- “prato”, [féyto]- “feito”;
- e) Constrictivas fricativas sonoras [v, z, ž]: a oposição v/b, s/z produz signos diferentes, como em: [kása]- [káza] “casa”- “caça”; [bála]- [vála] “ bala, vala”;
- f) Constrictivas surdas [f, s, š] e as sonoras [v, z, ž]: articulam com pequena duração. Ex. /fíla/- [fíla] – “fila”;
No português brasileiro, são pronunciadas com grande duração. Exemplo: /ffffíla/ - [ffffíla]- “fila”;

- g) Constrictiva surda [š]. Os informantes trocam a chiante surda [š] pelo som de [tšy]. Ex: /mětšyikána/- [mětšyikána]- “mexicana”.
- h) Lateral final silábica: [-l], [w], [l] - No caso de [l], a velarização em português é característica grupal. A realização por [w] ocorre na pronúncia estandardizada.
- i) Nasal oclusiva [ŋ]. Os informantes trocam a palatal-velar, nasal-occlusiva [ŋ] pela alveolar-dental, nasal-occlusiva [n]. Exemplo: /kõņesěř/- [kõņesěř]- “conhecer”.
- j) Chiante sonora. Os informantes trocam Troca a chiante sonora [ž] pelo som de [džy]. Exemplo: /ódžyę/ - [ódžyę] - “hoje”.

5 CAPÍTULO V - CONTRIBUIÇÃO PARA O ENSINO DA PRONÚNCIA NO LABORATÓRIO DE LÍNGUAS

Neste capítulo, pretende-se apresentar uma proposta de recurso didático para o ensino da pronúncia do português brasileiro, conforme o “globês”, proposto por Silveira (2008), para ser utilizado no laboratório de Línguas da PUC/SP, por aprendizes hispano- americanos.

5.1 Atividade 1

Para realizarmos alguns sons é preciso conhecer o canal bucal:

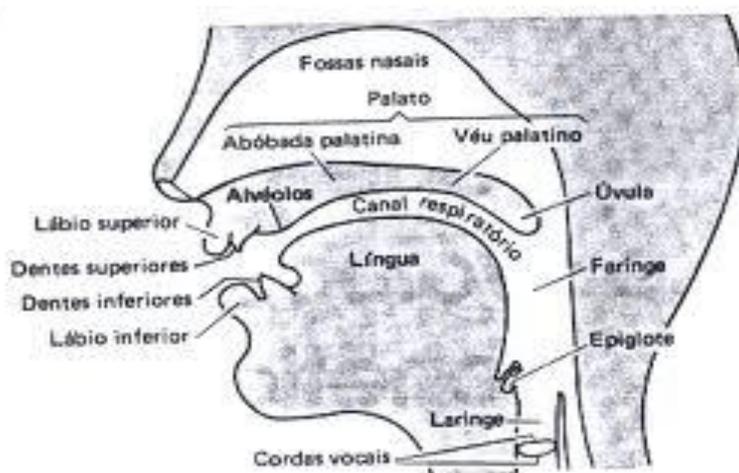


Figura 1. Canal bucal. FONTE: <http://blogdelinguistica.blogspot.com.br/2011/04/funcionamento-do-aparelho-fonador.html>

a) Som de [a]

Na produção da vogal “a” oral, o véu palatino fecha a passagem à cavidade nasal, fazendo com que o ar saia somente pela boca.

Na vogal [a], os lábios não estão projetados para frente e a língua está em uma posição baixa e central (nem para frente nem para trás).

Com a boca aberta pronuncie a vogal /a/.

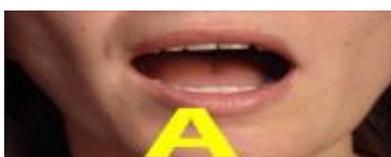


Figura 2. FONTE: <http://www.vozecantoporfaninineves.com/tecnica-vocal-articula%C3%A7%C3%A3o/>

Escute o som aberto e repita:

CAPA	CASA	BABÁ	ALA	BALA
------	------	------	-----	------

1. [a] - Som de “a” fechado:

Para a realização desse som, é preciso ter uma maior aproximação do maxilar inferior ao maxilar superior, diminuindo o grau de abertura da boca no momento da articulação. Veja nas gravuras:

[a]



[a]



Figura 3. Boca. FONTE: <http://www.vozecantoporfaninineves.com/tecnica-vocal-articula%C3%A7%C3%A3o/>

Hora de treinar!

Com a boca aberta pronuncie a vogal “a” e logo depois com a boca um pouco mais fechada pronuncie a vogal “a” fechada.

Repita cinco vezes o som que ouvir:

[a]	[a]
-----	-----

2. Escute o som de “a” fechado e repita:

[a]
Cama
Dama
Ama
Cana
Lama
Ana

3. Compare a abertura da boca ao articular os sons de “a”:

[a]	[a]
Sá	Sã
Lá	Lã
Há	Hã
Fá	Fã
Vá	Vã
Chá	Chã
Pagar	Pagã
Rá	Rã



Figura 4. Fonte: <http://montedomel.blogspot.com.br/2010/07/terra-cha-centro-de-interpretacao-da.html>

4. Escute o áudio e assinale o som que você ouviu:

	[a] Aberto	[a] Fechado
Banana		
Aberto		
Regata		
Boca		
Tânia		
Manha		
Bata		
Daniel		
Amigo		
Bananada		
Amável		
Mala		
Tapa		
Banha		



Figura 5. Crianças e ciranda. Fonte:

http://basilio.fundaj.gov.br/pesquisaescolar/index.php?option=com_content&view=article&id=485&Itemid

5. Hora de descobrir

Vogal “a” nasal- [ã].

Como vimos, na produção das vogais orais, o véu palatino fecha a passagem à cavidade nasal, fazendo com que o ar saia somente pelo trato oral.

Nas vogais nasais, o véu palatino encontra-se abaixado, permitindo que o ar passe também pelas cavidades ressoadoras nasais. Veja a gravura:

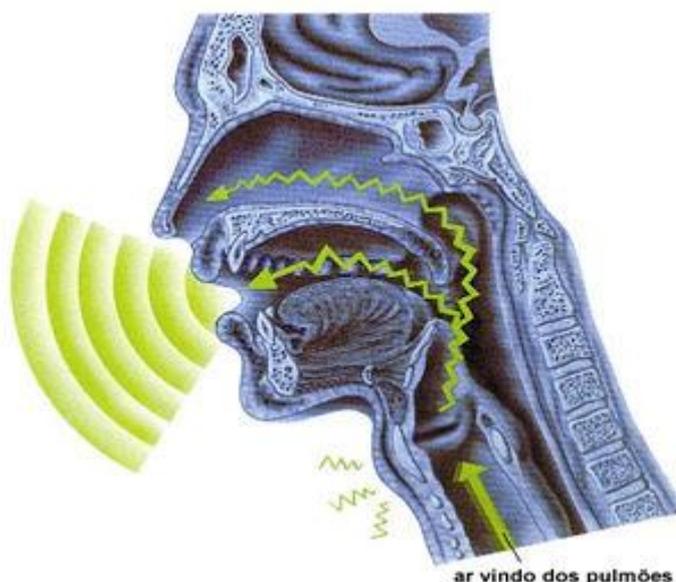


Figura 6. Som nasal. Fonte: http://www.thomazaquino.med.br/leitura_do.php?id=40

Com as fossas nasais abertas, pelo abaixamento da úvula, produz-se o som nasal [ã].

Hora de treinar

6. Compare os sons de [a] e [ã]:

- Com a boca um pouco fechada pronuncie [a];
- Partindo da pouca abertura da boca, pronuncie “a” fechando a boca, permitindo que o ar saia pelas narinas, [ã].

7. Escute os sons e repita seguindo as instruções do exercício 6:

[ą]	[ą̃]
-------	--------

8. Ouça a diferença dos sons e repita. Lembre-se do grau de abertura ao pronuncia-los:

[ą]	[ą̃]
CĂS	CĂOS
TAM	TĂO
BANHO	BANCO
MANA	MANGA



9. Observe o grau de abertura da boca para a pronúncia de:

[a]



[ą]

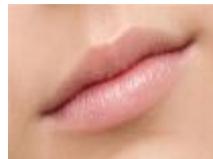


Figura 7. FONTE: <http://www.vozcantoporfaninineves.com/tecnica-vocal-/articula%C3%A7%C3%A3o/>

10. Agora que você já sabe o grau de abertura da boca, ouça e repita os sons de:

a	ą	ą̃
---	---	----

11. Leia o trava-língua seguindo as instruções do exercício 6:

Tia Anta

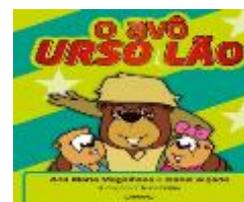
Tinha tanta tia tantã.
 Tinha tanta anta antiga.
 Tinha tanta anta que era tia.
 Tinha tanta tia que era anta.



Figura 8. Mulher maluca. Fonte: <http://lukemaciel.deviantart.com/art/Nega-Maluca-65985731>

12. Repita o som que ouvir sempre comparando o grau de abertura da boca entre:

[a]	[a]	[ã]
Ada	Adan	Adão
Pá	Pan	Pão
Lá	Lã	Lão
Na	Nan	Não



Figuras 9 e 10. Fonte: <http://www.fnac.pt/O-Avo-Urso-Lao-Ana-Maria-Magalhaes/a665805>

13. Ouça o trecho da música e tente repeti-la dando atenção à abertura da boca:

Tocando em Frente

(Almir Sater/ Compositor: Renato Teixeira
<<https://www.vagalume.com.br/almir-sater/tocando-em-frente.html>>.)

*Conhecer as manhas e as manhãs,
O sabor das massas e das maçãs,
É preciso amor para poder pulsar,
É preciso paz pra poder sorrir,
É preciso a chuva para florir*

Hora de descobrir

14. Em português brasileiro, há um maior prolongamento do som das vogais tônicas.

Ex: [páááto]- “pato”.

Hora de treinar

15. Ouça e repita os sons abertos e fechados, prolongando o som da vogal:

AAAH...	ÃÃÃÃH...
---------	----------

AAAAH!	ÃÃÃÃH!
--------	--------

AAAAH?	ÃÃÃÃH?
--------	--------



Figura 11. Dúvidas. Fonte: <http://magiadobem.blogspot.com.br/2014/11/duvidas-sobre-simpatias.html>

16. Ouça e repita os sons abertos, fechados e os nasais.

[a]	[ã]	[ã]
Dada	Dama	Dança
Mala	Lama	Lança
Mata	Mama	Manta
Ata	Ana	Banjo
Pato	Pano	Pança
Está	Estamos	Estão



Figura 12. Pança. <http://sociedadedospoetasamigos.blogspot.com.br/2013/08/panca-cheia-cinthia-kriemler.html>

Hora de descobrir

Na pronúncia estandardizada do português brasileiro, o [l] em final de sílaba é articulado como som de [u].

Continue treinando

17. Descubra o significado de cada palavra abaixo e depois compare o som de “a” aberto e nasal:

Mau Mão
 Nau..... Não
 Cal.....Cão
 Tal.....Tão
 Sal.....São

Vau.....Vão
 Dedal.....Dedão
 Varal.....Varão
 Pau.....Pão



Figura 13. Nau. FONTE: <http://jmbd1945.blogspot.com.br/2011/03/os-navios-de-linha.html>

18. Agora, tente ler o trava-língua!

A mão abre o mamão. O mal é que o mamão não cabe na mão do irmão.



Figura 14. Mamão. Fonte: <http://quilha-artepintura.blogspot.com.br/>

19. Ouça a música e depois cante junto:

Cai, Cai, Balão

(Cantigas Populares)

Cai cai balão, cai cai balão
 Aqui na minha mão
 Não cai não, não cai não, não cai não
 Cai na rua do Sabão

Cai cai balão, cai cai balão
 Aqui na minha mão
 Não vou lá, não vou lá, não vou lá
 Tenho medo de apanhar!



Figura15. Balão. Fonte: <http://galeria.colorir.com/veiculos/outros/balao-de-ar-quente-pintado-por-nahan-137251.html>

5.2 Atividade 2

b) Som de [e]

1. Som de “ e” fechado – [e̞]

[e̞]- Na articulação dessa vogal, a parte anterior da língua dirige-se para a região pré- palatal . Há uma aproximação do maxilar inferior ao maxilar superior, diminuindo a abertura da boca no momento da fala:

[e̞]	[e̞]	[e̞]	[e̞]	[e̞]
Meia	Ler	Avenida	Areia	Poeira

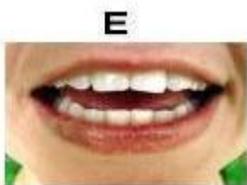


Figura 16. FONTE; <http://www.vozecantoporfaninineves.com/tecnica-vocal/articula%C3%A7%C3%A3o/>

Hora de descobrir

2. Som de “ e” aberto – [e̝]

Para o som aberto de “e”- [e̝], pequena elevação da língua em direção ao palato. Há uma maior abertura da boca porque o maxilar inferior está afastado do maxilar superior no momento da articulação.

Hora de treinar

3. Pronuncie o som fechado e o som aberto da vogal “e”, certificando- se do grau de abertura da boca:

[e] fechado	[e] aberto
-------------	------------

4. Ouça e repita os sons fechados e os abertos:

[e] aberto	[e] fechado
Ela	Ele
Colher	Colher
Céu	Seu
Bebe	Beba
Deste	Deste
Léa	Leia
Apê	A pé
Seco	Seco
Começo	Começo

5. Agora, tente ler o trava- língua seguindo as instruções do exercício 2:

Tem uma tatu-peba, com sete tatu-pebinha. Quem destatupebar ela, bom destatupebador será.



Figura 17. Tatu Fonte: <http://galeria.colorir.com/animais/bosque/tatu-pintado-por-tatu-593208.html>

6. Ouça o áudio e assinale o som que você ouviu:

8. Leia o trava-língua:

Lalá, Lelé e Lili
E suas filhas,
Lalalá, Lelelé e Lilili
E suas netas
Lalelá, Lelalé e LeLali
E suas bisnetas
Lilelá, Lalilé e Lelali
E suas tataranetas
Laleli, Lilalé e Lelilá
cantavam em coro
LALALALALALALALÁ.

9. Agora que já sabe a diferença entre o som fechado e o som aberto da vogal “e”, repita o som das palavras abaixo, comparando do grau de abertura da boca entre os dois:

[e]-aberto	[e]- fechado
Sede	Cede
Pelo	Pele
Pera	Espera
Estrela	Estela
Este	Esta
Nesse	Nessa
Feira	Férias
Teu	Téo

Pegou	Pega
Nega	Nega
Acerto	Acerto

Hora de descobrir

10. Para a produção do som de “e” nasal- [ẽ], há uma aproximação maior do maxilar inferior ao maxilar superior, diminuindo a abertura da boca no momento da fala, fazendo com que o ar saia pelas narinas:

[ẽ]

Hora de treinar

11. Ouça e repita os sons abertos e fechados, prolongando o som da vogal e seguindo as instruções do exercício 10:

[e]- fechado	[ẽ]- nasal
--------------	------------

Ledo	Lendo
Meta	Menta
Cedo	Senda
Vê	Vem

12. Há um fechamento gradual da boca para a articulação dos diferentes sons de “e”. Ouça e repita cada um deles:

[e]	[e]	[ẽ]
-----	-------	-----



Figuras 19, 20 e 21. Boca. Fonte: FONTE: <http://www.vozecantoporfaninineves.com/tecnica-vocal-/articulo%C3%A7%C3%A3o/>

13. Continue treinando sempre atento ao grau de abertura entre:

[ɛ]- fechado	[ɛ] aberto	[ẽ] nasal
Cê	Sé	Cem
Meta	Meta	Menta
Leda	Lerda	Lenda
Teta	Tetra	Tenta
Rede	Reta	Rende
Seda	Seca	Senda



Figura 22. Cédula. FONTE: <https://www.bcb.gov.br/novasnotas/nota-100-reais.html>

14. Agora que você já sabe o grau de abertura da boca, leia a trava- língua:

O tempo

*O tempo perguntou para o tempo
Quanto tempo o tempo tem.
O tempo respondeu para o tempo
Que o tempo tem tanto tempo
Quanto tempo o tempo tem.*

Figura 23. Relógio. FONTE: <http://leandromd.blogspot.com.br/2012/02/musicas-de-despertador-e-repeticoes.html>

5.3 Atividade 3

Hora de descobrir:

1. Som de “i”- [i]

Boca entreaberta, em forma de sorriso, com a junção labial afastada, parte anterior da língua dirige-se para os alvéolos superiores. A abertura da boca é a suficiente para a passagem do som.

amiga	hino	lvo	isso	isto
-------	------	-----	------	------

2. Som de “i” nasal

Para articular o som de “i” nasal - [ĩ], a abertura da boca é muito pequena entre o maxilar inferior e o superior. Partindo da pouca abertura da boca, pronuncie “i” fechando a boca, permitindo que o ar saia pelas narinas.

Assim, temos:

[i]	[ĩ]
-----	-----

Hora de treinar

3. Repita o som que ouvir, certificando-se do grau de abertura da boca:

[i]	[ĩ]
Fita	Finta
Quita	Quinta
Pica	Pinça
Zico	Zinco

Si	Sim
Finito	Infinito
Grilo	Gringo
Cita	Sinta
Lida	Linda
Tito	Tinto
Bico	Brinco
Mito	Minto
Ica	Inca



Figura 24. Zico. FONTE: <http://bjjforum.com.br/forum/viewtopic.php?t=43>

4. Ouça e repita a trava- língua:

O pinto pia, a pia pinga. Quanto mais o pinto pia, mais a pia pinga.



Figura 25. Pintinho. Fonte: <https://pixabay.com/pt/pintinho-p%C3%A1ssaro-p%C3%A1scoa-primavera-48268/>

5.4 Prática 4

Hora de descobrir



Figura 26. FONTE: <http://www.vozecantoporfaninineves.com/tecnica-vocal-/articula%C3%A7%C3%A3o/>

Boca oval, não muito aberta, parte posterior da língua dirigindo-se para o pós-palato. Há uma aproximação do maxilar inferior quanto ao maxilar superior, diminuindo o grau de abertura da vogal no momento da articulação.

1. Repita o som fechado de “o”- [o]:

Medo	Caso	Coisa	Ônibus
------	------	-------	--------



Figura 27. Gol. FONTE: <http://www.corinthians.com.br/noticias/ver/59767#.WFAWB9lrLIU>

2. Som de [ô]

Os lábios se projetam de forma circular, há uma maior abertura da boca porque o maxilar inferior está afastado do superior maxilar no momento da articulação.

Hora de treinar

3. Repita o som fechado e o som aberto para identificar a diferença entre eles, certificando-se do grau de abertura da boca:

[o] fechado	[ô] aberto
-------------	------------

4. Ouça e repita o som de “o” aberto- [ô]:

Óculos	Cópia	Moto	Cartório
--------	-------	------	----------

6. Agora que já sabe a diferença entre o som fechado e o som aberto da vogal “o”, repita o som das palavras abaixo, comparando do grau de abertura da boca entre os dois:

[o] Fechado	[o] Aberto
Ôh	Oh
Posto	Posto
Gosto	Gosto
Avô	Avó
Rodo	Rodo
Ovo	Ovos
Morto	Moto
Toco	Toco
Oca	Oca
Apoio	Apoio
Jogo	Jogo



Figura 28. Toco. FONTE: <http://ultradownloads.com.br/papel-de-parede/Toco-de-arvore/>

6. Tente ler o versinho não se esquecendo da diferença entre o som fechado e o som aberto da vogal “o”. Comparando o grau de abertura da boca entre os dois:

O boto cor-de-rosa apareceu no rio e sorriu para a vovó. Vovô disse que a vovó teria sorte.



Figura 29. Boto. FONTE: <http://tudorochoa.blogspot.com.br/2016/05/natureza-incrivel-13-o-boto-cor-de-rosa.html>

Continue treinando

7. Ouça o áudio e assinale o som que você ouvir:

	[o] Fechado	[o] Aberto
Porta		
Cobertor		
Porto		
Gorda		
Goteira		
Forte		



Corda		
Enorme		
Jornal		
Molho		
Horta		
Couve		
Bota		
Bolacha		
Costas		



Figura 30.Horta. FONTE: <http://www.fazfacil.com.br/jardim/horta-caseira-canteiros/>

Continue treinando

8. Ouça a música e depois cante junto. Mas não se esqueça que na articulação de [ó], os lábios se projetam de forma circular, há uma maior abertura da boca porque o maxilar inferior está afastado do superior maxilar no momento da articulação.

A barata

A barata diz que tem
Sete saias de filó
É mentira da barata
Ela tem é uma só

Ha, ha, ha, ho, ho, ho
Ela tem é uma só
Ha, ha, ha, ho, ho, ho
Ela tem é uma só



A barata diz que tem
Um sapato de fivela
É mentira da barata
O sapato é da mãe dela



Ha, ha, ha, ho, ho, ho
 O sapato é da mãe dela
 Ha, ha, ha, ho, ho, ho
 O sapato é da mãe dela

9. Escreva os sons que ouvir na coluna correspondente:

Mora, hoje, dorme, modelar, mosquito, colar, cola, ótica, forno, morno, problema, próximo, estoque, pipoca.

[o] Fechado	[o] Aberto

10. Leia a trava- língua dando atenção ao grau de abertura das vogais orais abertas/fechadas e das nasais:



Figura 31. Trombone. FONTE: <http://blogdocesardemello.com.br/2011/07/boca-no-trombone-25/>

Maria-Mole

Maria-Mole é molenga, se não é molenga,
 Não é Maria-Mole. É coisa malemolente,
 Nem mala, nem mola, nem Maria, nem mole.

--

11. Na pronúncia do português brasileiro, há um maior duração do som das vogais tônicas. Ex: *EEEEu soooou seeeeu amiiiigo.*

Ouçã e tente repetir o som, prolongando do som das vogais tônicas.:

O sábio sabia que o sabiá sabia assobiar.



Figura 32. Sabiá. FONTE: <http://fuchsiamind.blogspot.com.br/2010/07/fabula-do-pequeno-passaro-presuncoso.html>

Hora de descobrir

12. Na produção do som “o” nasal- [õ], há uma maior aproximação do maxilar inferior quanto ao maxilar superior, diminuindo o grau de abertura desta vogal no momento da articulação, permitindo que o ar saia pelas narinas.

	[õ]
--	-----

Hora de treinar

13. Repita o som de “o” nasal-[õ]:

Bom	Bronca	Bondade	Onça
-----	--------	---------	------



Figura 33. Bronca. FONTE: <http://blog.portalpositivo.com.br/informativospe/category/espaco-familia/>

14. Pronuncie som aberto, fechado e nasal da vogal “o”, certificando-se do grau de abertura da boca:

[o]	[o]	[õ]
-----	-----	-----

15. Ouça e repita. Identifique a diferença entre os sons [o] fechado e [õ] nasal:

[o] Fechado	[õ] Nasal
Sô	Som
Lobo	Lombo
Arroba	Arromba
Boba	Bomba
Troco	Tronco
Rodo	Rondo
Rouco	Ronco
Bobo	Bombo
Do	Dom

5.5 Atividade 5

U



Figura 34. FONTE: <http://www.vozecantoporfaninineves.com/tecnica-vocal/articula%C3%A7%C3%A3o/>

1. Boca formando um bico com lábios quase fechados, a parte posterior da língua dirige-se para o véu palatino. Há um grau de abertura muito pequeno entre o maxilar inferior e o superior.

[u]
Mal
Mau
Sal
Cal
Balde
Canal

2. Na articulação do som ‘u’ nasal- [ũ], há um grau de abertura um pouco menor entre o maxilar inferior e o superior que o som [u]. Com o fechamento da boca, permite que o ar saia pelas narinas:

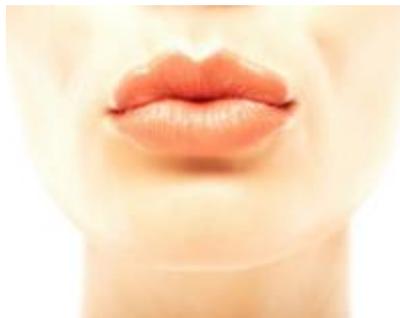


Figura35. FONTE: <http://www.vozecantoporfaninineves.com/tecnica-vocal-articula%C3%A7%C3%A3o/>

[ũ]

3. Partindo da pouca abertura da boca, pronuncie “u” fechando a boca, permitindo que o ar saia pelas narinas, [ũ].

[u]	[ũ]
-----	-----

Hora de treinar

4. Pronuncie a vogal “u”, certificando- se do grau de abertura da boca:

[u]	[ũ]
Uta	Unta
Tuba	Tumba
Nuca	Nunca
Mudo	Mundo
Nu	Num
Suga	Sunga
Juta	Junta
Buba	Bumba
Tuca	Tumba



Figuras 36 e 37. Juta. FONTE: <http://www.atacadaodoartesanato.com.br/d/525/juta>

5. Pronuncie o som da vogal “u” nasal- [ũ], certificando- se do grau de abertura da boca:

Defunto
Segundo
Afundar
Acupuntura
Bumbum
Comum



Figura 38. Acupuntura. FONTE: http://medholos.blogspot.com.br/2012_09_01_archive.html

Continue treinando

6. Na pronúncia estandardizada do português brasileiro, o [l] em final de sílaba é articulado como som de [u]. Assim temos:

Alto
Esbelto
Abril
Sol
Sul

Para não se esquecer:

Na articulação do som ‘u’ nasal- [ũ], há um grau de abertura um pouco menor entre o maxilar inferior e o superior que o som [u].

7. Ouça e repita os sons de [u] e [ũ]:

[u]	[ũ]
Ultra	Unta
Tulpa	Tumba

Fulgor	Fungo
--------	-------

8. Ouça a canção e tente cantar também:

Mariana

*Mariana conta um
Um conta Mariana.
É um é Ana,
Viva a Mariana viva a Mariana,*



Figura 39. Nota musical. .FONTE: <http://violaosambaechoro.com.br/notas-musicais-origens-e-curiosidades/>

5.6 Atividade 6

Hora de descobrir

Som de [s]:

1. Para a articulação de [s], a ponta da língua toca a região alveolar, entre os dentes incisivos superiores e inferiores, impedindo a corrente de ar que, ao sair, produzirá um som agudo e prolongado.

[s]
Caça
Cebola
Cinema
Aço
Açúcar

Som de [z]:

2. A articulação de [z] tem o mesmo estreitamento que [s], a diferença é dada pela sonoridade, som complexo laríngeo pelo acréscimo do vibrador bucal.

Lembra o som de uma abelha zunindo!



Figura 40. Abelha. FONTE: <http://www.photopro.com.br/tutoriais-gratis/criando-abelha-illustrator/>

3. Ao pronunciar o som de [z], segure um pouco a vibração antes de articular o som da vogal, assim:

[zzz]	zzza
[zzz]	zzze
[zzz]	zzzi
[zzz]	zzzo
[zzz]	zzzu

Hora de treinar

4. Ouça e repita o som de [z], pronunciando-o com grande duração:

[z]
Zero
Zico
Coisa
lousa
Crise
Análise

5. Agora que já sabe a diferença entre o som de [s] e o som de [z], repita o som das palavras abaixo:

[s]	[z]
Sé	Zé
Sá	Zá
Peço	Peso
Caça	Casa
Aceitar	Azedar
Assa	Asa
Doce	Doze
Cida	Zica
Selar	Zelar
Pressa	Presas

6. Leia o versinho:

Lembre-se: o som de [z] parece o som da abelha no início da articulação.

Tia Teresa faz sobremesa gostosa sem ficar ansiosa!



Figura 41. Corações. FONTE: <http://www.elo7.com.br/coracoes-dia-dos-namorados/dp/6601C9>

7. Ouça o áudio e assinale o som que você ouvir:

	[s]	[z]
Osso		
Bozo		
Seta		
Zeta		
Base		
Ácido		
Exato		
Gostoso		
Massa		
Ácido		
Exemplo		
Soma		
Casaco		
Quase		
Zebra		
Liso		
Visita		

5.7 Atividade 7

Hora de descobrir

Som de [š]:

Para a articulação de [š], o ar, ao sair, produz o esfregar da língua na parte média e anterior do palato duro, emitindo um chio com grande duração.

1. Ao pronunciar o som de [š], segure um pouco a duração da vibração antes de articular o som da vogal, assim:

[šššá]	xxxa
[šššé]	xxxe
[ššší]	xxxi
[šššó]	xxxo
[šššú]	xxxu

Hora de treinar

2. Ouça e repita o som de [š], pronunciando- o com grande duração:



[š]
Chá
Xereta
Xícara
Chocolate
Chuva
Xuxa

Figura 42. Tia. FONTE: <http://leituraseatividades.blogspot.com.br/2013/05/minha-tia-xereta-e-nova-vizinha.html>

Hora de descobrir

Som de [ž]

3. A articulação de [ž] tem o mesmo estreitamento que [š], a diferença é dada pela sonoridade, som complexo laríngeo pelo acréscimo do vibrador bucal.



Figura 43. Boca. FONTE: <http://www.vozecantoporfaninineves.com/tecnica-vocal-/articulo%C3%A7%C3%A3o/>

4. Ao pronunciar o som de [ž], segure um pouco a duração da vibração antes de articular o som da vogal, assim:

[ž ž žá]	jija
[ž ž žé]	ggge
[ž ž ží]	jji
[ž ž žo]	jjo
[ž ž žú]	jju

Hora de treinar

5. Com atenção, pronuncie o som de [ž]:

[ž]
Janela
Gesso
Jiboia
Jogar
Biju
Geada
Gelar



Figura 44. Biju. FONTE: <http://noticias.uol.com.br/album/2014/02/07/conheca-os-petiscos-consumidos-nas-praias-de-todo-o-brasil.htm>

6. Agora que já sabe a diferença entre o som de [š] e o som de [ž], repita o som das palavras abaixo:

[š]	[ž]
Xis	Giz

Chato	Jato
Cheque	Jegue
Chuva	Juca
Choca	Joca
Chuchu	Juju
Enchente	Gente
Queixo	Queijo



Figura 45. Jegue. FONTE: <http://www.ogritodobicho.com/search/label/jegues>

7. Com atenção à sonoridade e duração do som de [ž], leia a trava- língua:

O Juca ajuda: encaixa a caixa, agacha, engraxa.



Figura 46. Engraxate. FONTE: <http://www.blancodesigns.com.br/vector/profissao4.html>

8. Trava- língua:

Chega de cheiro de cera suja.



Figura 47. Cera. FONTE: <http://www.lojadomecanico.com.br/produto/70020/32/378/cera-tradicional-200g---grand-prix-tradicional-200g-grand-prix-tradicional-200g>

9. Trava-língua:

A chave do chefe Chaves está no chaveiro junto da janela.



Figura 48. Chave. FONTE: <http://www.clickgratis.com.br/fotos-imagens/search/?q=chave>

10. Trava-língua:

Casa suja, chão sujo.



Figura 49. Casa suja. FONTE: <http://www.jogarjogosdabarbie.com/arrumar-casa-da-cinderela.html>

5.8 Atividade 8

Hora de descobrir

Som de [n]:

1. Na articulação de [n], a ponta da língua toca entre os alvéolos e os dentes superiores, construindo um obstáculo total no trato oral, fazendo com que a corrente de ar saia um pouco pelo nariz e um pouco pela boca.

[n]
Nata
Nua

Som de [ŋ]

2. Na articulação de [ŋ], a parte média da língua toca o meio do palato sem deixar nenhuma passagem à corrente de ar, que sairá um pouco pelo nariz e um pouco pela boca.

3. Ouça e repita o som de [ŋ]:

[ŋ]
nha
nhe
nhi
nho
nhu

Hora de treinar

4. Agora que já sabe a diferença entre o som de [n] e o som de [ŋ], repita o som das palavras abaixo:

[n]	[ŋ]
Una	Unha
Mana	Manha
Sana	Sanha
Sono	Sonho
Gana	Ganha
Lina	Linha
Cena	Senha
Carina	Carinha
Nino	Ninho

5. Com atenção ao ponto e modo de articular [ŋ], leia a trava- língua:

A aranha arranha a rã.
A rã arranha a aranha.
Nem a aranha arranha a rã.
Nem a rã arranha a aranha.

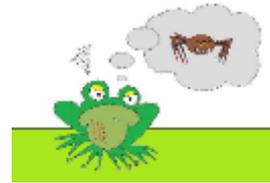


Figura 50. O sapo. FONTE: http://www.emailengracado.com.br/srv_site_email_categoria.php?sys=MUL&SECAO43=

6 Considerações finais

No término desta dissertação são revistos os objetivos que a orientaram. Como objetivo geral, esta dissertação buscou contribuir para a melhoria da pronúncia do português brasileiro por aprendizes hispano-americanos. Acredita-se que de certa forma, a pesquisa realizada tenha atingido esse objetivo, pois ao serem testados no laboratório de línguas da PUC-SP, os exercícios propostos para diminuir as dificuldades de pronúncia dos aprendizes hispano-americanos foram bem-sucedidos.

A pesquisa realizada buscou, como objetivos específicos, abrir novas perspectivas para o desenvolvimento das habilidades de ouvir e falar para os aprendizes hispano-americanos.

Teve-se por objetivo específico:

1. Fazer um diagnóstico das dificuldades de pronúncia de aprendizes hispano-americanos.

O diagnóstico das dificuldades de pronúncia indica que os aprendizes hispano-americanos ao iniciarem no nível intermediário apresentam dificuldade de pronúncia resultante da fase de interlíngua, ou seja, eles realizam os sons da Língua Portuguesa orientados pelas articulações de suas pronúncias nativas. As dificuldades diagnosticadas são relativas tanto às consoantes quanto às vogais.

No que se refere às consoantes, as maiores dificuldades estão situadas nas realizações de:

A. Consoantes:

A.1. Na duração dos fonemas constritivos fricativos durativos surdos / v, z, ž/ e sonoros / f, s, š/. Os informantes realizam esse som com baixa duração. No português brasileiro, são pronunciadas com grande duração. Exemplo:

- Para brasileiros: /ffffíla, vvvvála/ - [ffffíla, vvvvála] - “fila, vala”;
- Para estrangeiros: /fíla, vála/- [fíla, vála]- “fila, vala”;

A.2. Nos fonemas constrictivos sonoros /v, z, ž/;

A.3. Na troca dos fonemas /b/- /v/;

A.4. Na lateral /-l, L/ em posição de marginal final silábica. Na pronúncia estandardizada, o / L/ esse arquifonema é realizado pela semivogal /w/ e os hispano-americanos realizam a lateral alveolar;

A.5. Nas junturas externas: arquifonemas consonantais de final silábica /L, R, S/;

No caso de junção /S + vogal/ não ocorre sonorização. No português brasileiro, essa junção é realizada por [pɔysssszziɛ]- “ pois é”;

No caso da lateral, no português brasileiro, ocorre a ditongação da primeira sílaba com a propagação da semivogal para outra sílaba [sáwwatê]- “sal até”. Os hispano-americanos realizam por [salatɛ]- “sal até”;

No caso da vibrante final, no português brasileiro, ocorre [r̃r+ vogal]. Os hispano-americanos pronunciam [pɔr̃+acásɔ].

B. Vogais:

No que se refere às vogais, as dificuldades estão situadas tanto na pronúncia das acentuadas quanto das inacentuadas:

B.1. Vogais acentuadas orais:

A dificuldade consiste na realização aberta/fechada das vogais /a, ɛ, ɔ/.

Verificou-se que os hispano-americanos apresentaram dificuldade articulatória para a realização de [á], como em [mɛkânika]-“mecânica”. Apresentaram também, dificuldade para a realização de [ɛ, ɔ] como em [góstɔ]- [adórɔ]- “gosta”- “adoro”.

B.2. Vogais acentuadas nasais:

Todas as vogais acentuadas nasais apresentaram dificuldade de pronúncia. Quando conseguem articular essas vogais, a realização é pela vogal aberta.

B.3. Vogais pretônicas:

Não há uma realização constantes para essas vogais. Os informantes hispano-americanos alteram as anteriores realizando [i, ɛ] e as posteriores por [u, ɔ]. Ex. [ɛntɾɛbista]- “entrevista”, [pratɛáda]- “prateada”.

B.4. Vogais pós-tônicas:

Com maior frequência, os hispano-americanos realizam por [ɐ, ɔ]. Ex: [prótesɐ]- “prótese”, [prátɔ]-“prato”.

B.5. Vogais finais átonas:

Apresentam dificuldades de pronúncia para as finais átonas, ocorrendo a vogal átona [i, ɐ, a, ɔ, u], comprometendo a acentual das palavras em relação ao português brasileiro.

Tem-se também como objetivo específico:

2. Iniciar a produção de recursos didáticos para auxiliar o ensino de pronúncia estandardizada do Português Brasileiro a serem utilizadas no Laboratório de Línguas da PUC/SP.

Acredita-se que o segundo objetivo foi atingido. Foram realizados vários exercícios para minimizar as dificuldades de pronúncia apontadas a cima.

Cada exercício é acompanhado das descrições articulatórias, seguido de oposições distintivas e oposições não distintivas, mas que caracterizam variantes combinatórias para sequências silábicas nas palavras. Essas oposições foram gravadas e oferecidas, inicialmente, para o desenvolvimento do senso auditivo, após o senso muscular e, a seguir, do senso auditivo e senso articulatório.

Esta pesquisa não se quer conclusa, trata-se de um primeiro momento que abre perspectiva para pesquisas futuras, para que se possa obter um banco de dados a respeito das dificuldades de pronúncia e exercícios para diminuir as dificuldades encontradas pelos aprendizes do português brasileiro.

7 REFERÊNCIAS

- ALCARAZ, R. Camorlinga. Do português ao espanhol: os prós e os contras da proximidade. In: SEDYCIAS, J. (Org.). **O ensino do espanhol no Brasil: passado presente e futuro**. São Paulo: Parábola Editorial, 2005. p. 195-205.
- ALMEIDA FILHO, J. C. P. (org.) (1995). **Português para estrangeiros: interface com o Espanhol**. Campinas: Pontes, 1995.
- ALMEIDA FILHO, J. C. P. Desestrangeirização e outros critérios no planejamento de cursos e produção de materiais de língua estrangeira. In: JÚDICE, Norimar (org.). **O ensino de Português para estrangeiros**. Niterói, Eduff, 1996.
- ALMEIDA FILHO, J. C. P. **Linguística Aplicada, ensino de línguas e comunicação**. Campinas, SP: Pontes e Arte Língua, pp. 102-103, 2005.
- ALMEIDA FILHO, J. C. P. Codificar conteúdos, processo e reflexão formadora no material didático para ensino e aprendizagem de línguas. In: LOPES, A. & GOTHEIM, L. (Org). **Materiais didáticos para o ensino de línguas estrangeiras: processos de criação e contextos de uso**. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2013.
- BERARD, E. **L'approche communicative: théories et pratiques**. Paris: Clé International, 1991.
- BITTENCOURT, C. M. F. O livro didático não é mais aquele. In: **Nossa História**. Ano 1, nº 2, dezembro de 2003, p. 52-54.
- BOLLELA, M. F. P. **Uma proposta de ensino da pronúncia da língua inglesa com ênfase nos processos rítmicos de redução vocálica**. Tese (Doutorado) – Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Araraquara, 2002.
- BOUQUET, S. Introdução à leitura de Saussure. São Paulo: Cultrix, 1997.
- CAGLIARI, L.C. **A fonética e o ensino de língua estrangeira**. Campinas, UNICAMP, 1978.
- CALLOU, D.; LEITE, Y. **Iniciação à fonética e à fonologia**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1995.
- CALVET, L, J. (1993). **Sociolinguística - uma introdução crítica**. Trad. Marcos Marcionilo. São Paulo: Parábola, 2002.
- CELCE-MURCIA, M.; BRINTON, D. M.; GOODWIN, J. M. **Teaching pronunciation: a reference for teachers of English to speakers of other languages**. Cambridge: Cambridge University Press, p. 7-11, 1996.
- DELL'ISOLA, Regina Lúcia Péret; ALMEIDA, Maria José Aparecida de Almeida. **Terra Brasil: curso de língua e cultura**. Belo Horizonte: UFMG, 2008.

DENHIÈRE, G. & BAUDET, S. **Compréhension de texte et Science cognitive**. Paris: Presses Universitaires de France, 1992.

DE GREVE, M. VAN PASSEL, F. **Lingüística e ensino de línguas estrangeiras**. São Paulo: Pioneira, 1975.

DINIZ, L. R. A. et. al. Uma análise panorâmica de livros didáticos de português do Brasil para falantes de outras línguas. In: DIAS, Reinildes; CRISTOVÃO, Vera Lúcia L. (Orgs.) **O livro didático de língua estrangeira: múltiplas perspectivas**. 1. ed. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2009. p. 265- 304.

ELLIS, Rod. **Second Language Acquisition**. Oxford: Oxford University Press, 1997.

FERNADES, R.R; FERREIRA, T. L.; RAMOS, V.L. **Muito prazer**. Fale o português do Brasil. São Paulo: Disal Editora, 2012.

FERNANDEZ, S. **Interlengua y análisis de errores en el aprendizaje de español como lengua extranjera**. Madrid: Edelsa, 1997.

FERREIRA, I. A interlíngua do falante de espanhol e o papel do professor: aceitação tácita ou ajuda para superá-la? In: ALMEIDA FILHO, J.C. (org.). **Português para estrangeiros: interface com o Espanhol**. Campinas: Pontes, 1995.

FLORISSI, S; PONCE. M. H; BURIM. S. A. **Bem-vindo!** A língua portuguesa no mundo da comunicação: português para estrangeiros. 8ª. ed. São Paulo: Special Book Services Livraria, 2010.

FONTÃO, E. M. P. **Cultura e ensino de Português/Língua Estrangeira**. Boletim CEB, n. 3, fev. 1995.

FREITAS, O. **Equipamentos e materiais didáticos**. Brasília: Universidade de Brasília, p.21, 2007.

GOMES DE MATOS, Francisco. Quando a prática precede a teoria: a criação do PBE. In: ALMEIDE FILHO, J. C. P. & LOMBELLO, L. C. (orgs.). **O ensino de Português para estrangeiros**. Campinas, Pontes, 1989.

GRIGOLETTO, M. Leitura e funcionamento discursivo do livro didático. In: Coracini, M..J. (Org.), **Interpretação, autoria e legitimação do livro didático: língua materna e língua estrangeira**. Campinas, SP: Pontes, 1999 a.

GRIGOLETTO, M. Seções de leitura do livro didático de língua estrangeira: lugar de interpretação? In: Coracini, M..J. (Org.), **Interpretação, autoria e legitimação do livro didático: língua materna e língua estrangeira**. Campinas, SP: Pontes, 1999 b.

GOTTEIM, L. P. **A gênese da composição de um material didático de português como segunda língua**, Tese de doutorado, Campinas, SP: 2007.

GUERRERO, A. I. **¿Qué es la pronunciación?** In: redELE: Revista Electrónica de Didáctica ELE, ISSN 1571-4667, Nº. 9, 2007.

HARPAZ, Y. Myths and misconceptions in Cognitive Science. **Human Cognition in the Human Brain, 2003**. <<http://human-brain.org/myths.html>>. Acesso em: 17 jan. 2015.

LAROCA, M; BARA, N; CUNHA, S. **Aprendendo português do Brasil: um curso para estrangeiros**. 4ªed. Campinas, SP: Pontes, 2003.

LEATHER, J. Second-language speech research: an introduction. In LEATHER, J. (ed) **Phonological issues in language learning** (Ed.) Oxford: Blackwell Publishers, 1999.

LEE, W.Y. **Authenticity revisited: Text authenticity and learner authenticity**. *ELT Journal*, v. 49, n. 4, p. 323-28, 1995.

LIGHTBOWN, Patsy M.; SPADA, Nina. **How Languages are Learned**. Oxford: Oxford University Press, 1993.

LIMA, E. E. O. F; LUNES, S. A. **Falar... Ler ... Escrever ... português: um curso para estrangeiros**. São Paulo: E.P.U., 2013.

LIMA, E. E. O. F. et al. **Novo Avenida Brasil, 2: curso básico de português para estrangeiro**. São Paulo: E. P.U., 2009.

LIMA JR., R. M. **Uma investigação dos efeitos do ensino explícito da pronúncia na aula de inglês como língua estrangeira**. *Revista Brasileira de Linguística Aplicada*, Belo Horizonte, v. 10, n. 3, p. 747-771, 2010.

LINS DA SILVA, C. E. **Muito além do jardim Botânico: um estudo sobre a audiência do Jornal Nacional da Globo entre trabalhadores**. São Paulo: Summus, 1985

LOPES, J. H. Materiais didáticos de português para falantes de outras línguas: do levantamento de produções brasileiras a uma nova proposta. In. FURTOSO, Viviane. B. **Formação de professores de português para falantes de outras línguas: reflexões e contribuições**. Londrina: EDUEL, p.138, 2009.

MAINGUENEAU, Dominique. **Pragmática para o texto literário**. São Paulo, Martins Fontes, 1996.

MAR, G. D. **Os sistemas consonânticos do português do Brasil e do espanhol peninsular: estudo contrastivo fonético-fonológico das normas cultas**. Assis, UNESP, 1994 (dissertação de mestrado).

MATTOSO CÂMARA Jr., J. **Estrutura da língua portuguesa**. Petrópolis: Vozes, 2002.

MATTOSO CÂMARA Jr., J. **Dicionário de filologia e gramática – referente à língua portuguesa**. 2. ed. Rio de Janeiro: Ozon, 1964.

MENDES, K. A. **Português Língua Estrangeira: uma análise do livro didático**. Dissertação de Mestrado. Salvador, 2006.

MISHAN, F. **Designing Authenticity into Language Learning Materials**. Bristol: Intellect Books, pp. 41 e 42, 2005.

MORITA, M. K. (Re)Pensando sobre o material didático de PLE. In. SILVEIRA, Regina. C. (Org.) **Português língua estrangeira: perspectivas**. São Paulo: Cortez, p. 59-72, 1998.

MORLEY, J. **The pronunciation component in teaching English to speakers of other languages**. TESOL, 25(3), 1991.

MORLEY, J. A multidimensional curriculum design for speech pronunciation instruction. In.: J. Morley (Ed.), **Pronunciation pedagogy and theory: New ways, new directions**. Illinois: Pentagraph Print, 1994.

NAKUMA, C. K. A new theoretical account of "fossilization": implications for L2 attrition research. **International Review of Applied Linguistics**, v.36, n.3, p.247-256, 1998.

NETO, T. N. **Uma concepção alternativa de educação formal aplicada ao ensino de pronúncia em inglês**. 2006. 302f. Tese (Doutorado em Estudos Linguísticos) – Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2006.

NUNAN, D. **Communicative tasks and the language curriculum**. TESOL Quarterly, v. 25, n. 2, p. 279-295, 1991.

NUNAN, D. **Second Language Teaching and Learning**. Boston: Heinle and Heinle Publishers, 1999.

ORLANDI, Eni (org.). **Vão surgindo sentidos**. Discurso fundador – A formação do país e a construção da identidade nacional. Campinas, Pontes, 1993.

PENNINGTON, M. C. **Phonology in English language teaching: an international approach**. London: Addison Wesley Longman, 1996.

PRABHU, N. S. **Materials as support; materials as constraint**. RELC Seminar, Singapore, April 1988.

QUILIS, A. **Princípios de fonología y fonética españolas**. 5ª ed. Madrid: Editora Arco/Libros S.L., 2003.

SAUSSURE, Ferdinand de. **Curso de lingüística geral**. Trad de A. Chelini, José P. Paes e I. Blikstein. São Paulo: Cultrix; USP, 1969.

SCHÜTZ, R. A importância da pronúncia – **Diferenças de pronúncia entre Inglês e Português**, 2008a. Disponível em <<http://teachercrismagnani.blogspot.com.br/2011/01/importancia-da-pronuncia-ricardo-schutz.html>> Acesso em: 10 jan 2016.

SEARA, I. C.; NUNES, V. G.; LAZZAROTTO-VOLCÃO, C. **Para conhecer fonética e fonologia do português brasileiro**. São Paulo: Contexto, 2015.

SELINKER, L. **Interlanguage**. *IRAL*, p. 185, 1972.

SELINKER, L. **La Interlengua**. em LICERAS, J. M. op. cit. Tarone, E.: **Communication strategies foreigner talk, and repair in interlanguage em: Language Learning** , 30 ,1980

SILVEIRA, R. C. P. **Estudos de fonética do idioma português**. São Paulo: Cortez, 1982

- SILVEIRA, R. C. P. **Estudos de fonologia portuguesa**. São Paulo: Cortez, 1986.
- SILVEIRA, R. C. P. da. **Português língua estrangeira: perspectivas**. São Paulo: Cortez, 1998.
- SILVEIRA, R. C. P. da. **Uma pronúncia do português brasileiro**. São Paulo: Cortez, 2008.
- SILVEIRA, R; ROSSI, A. **Ensino da pronúncia de português como segunda língua: considerações sobre materiais didáticos**. Revista Virtual de Estudos da Linguagem – ReVEL. V. 4, n. 7, agosto de 2006. ISSN 1678-8931. Disponível em: [www.revel.inf.br]. Acesso em: 19 set. 2015.
- SOUZA, M. O. P. **A Fonética como importante componente comunicativo para o ensino de língua estrangeira**. Revista Prolíngua, UFPB, v. 2, n. 1, p. 33-43, jan.-jun. 2009.
- TEIXEIRA e SILVA. O Discurso do Professor como Material Didático nas Aulas de PLE em Macau: Construção da Competência Textual. In: LIMA-HERNANDES, Maria Célia et al (orgs.). **A língua portuguesa no mundo**. São Paulo: FSLCH-USP, 2008.
- TILIO, R. C. **O papel do livro didático no ensino de língua estrangeira**. IN: Revista Eletrônica do Instituto de Humanidades da Unigranrio. Volume VII. Número XXVI. Jul/Set 2009.
- TOMLINSON, B. **Developing Materials for Language Teaching**. Londres: Continuum, 2003.
- TOMLINSON, B. **English Language Learning Materials**. A Critical Review. Londres: Continuum, 2008.
- TOMLINSON, B. **Materials Development in Language Teaching**. 2nd edition. Cambridge: Cambridge University Press, 2011.
- TRUBETKOY, N. **Principes de phonologie**. Paris: Éditions Klincksiech, 1970.
- VILLALBA, T. K. B. **Pepe vio que no tiene jeito, su mujer es asimismo: as delicadas relações lexicais entre a L1 e a L2 na aquisição de espanhol por universitários brasileiros**. 2002. 224 f. Tese (Doutorado em Linguística Aplicada) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2002.
- WEINREICH, U. **Language in Contact: Findings and Problems**. Nova York: Columbia University, 1953.
- WIDDOWSON, H. G. **O ensino de línguas para a comunicação**. Tradução de José Carlos Paes de Almeida Filho. Campinas: SP, Pontes, 1978/1991.

8 ANEXOS

Anexo A – Informante I

Em um restaurante japonês, chegam
 [Em um restaurante japonês, chegam

os primeiros pratos. Ela dispensara
 [os primeiros pratos ela dispensara
 pliersara]

os pauzinhos e afunda a colher
 [os pauzinhos e afunda a colher

no wasabi - você gosta? -

[no wasabi você gosta

Pergunta uma prima assustada.

[pergunta uma prima assustada

- Adoro comida japonesa - afirma

[adoro comida japonesa afirma]

a carisca. e enfia uma

[a kariškasi: i enfiá uma.]

colherada da pasta ardente na

[kolherada da pasta ardente na]

boca. Vai aos gritos para o

[E boca fúz aos gritos para o]

banheiro.

[banheiro]

O rapaz bonito entra na

[O rapaz bonito: entra na]

porta giratória do banco e

[porta giratória do banco e]

ela trava. O guarda do lado
 [ela trava : O guarda du lado]

de dentro pede que ele deixe
 [dži deŋtra pide ki ela deŋsi]

o celular, chaves e objetos de
 [o selular ʃpavelyra e ob'zjetus dži]

metal na caixinha. Ele sacode
 [metal na kaŋiŋa / ela sakodet]

a cabeça inconformado. Levanta

[a : kabeyša. kōnformadu leva.ta]

a perna da calça e mostra

[a pėrina da kalça e mostra]

a prótese mecânica.

[a prótese mekânica]

Aproxima-se o Natal e um

[aprosimasi: u natal i u]

homem com roupa proteada tipo

[o mo kōw rō pa proteada tipo]

astronauta distribui flores de

[astronōkta distribuiy flōris dāi]

porta em porta nas últimas

[pōrta i pōrta nas yltis]

mas

casas germinadas da
 [kásas ži miásas da]

Alameda Casa Branca
 [alameda kása bráka]

É que fica muito nervosa

[e ke iú nã fika "nervosa"]

quando se está gravando.

[kwaú se está gravando]

mé

Estou já no Brasil faz um
 [Estou já no Brasil faz um]

ano mais ou menos. Estou aqui
 [ano mais ou menos. Estou aqui]

trabalhando, por enquanto como
 [trabalhando, por enquanto como]

professor particular. E minhas atividades
 [professor particular. E minhas atividades]

de lazer são mais que tudo treino
 [de lazer são mais que tudo treino]

Eu treino crossfit todos os dias
 [eu treino crossfit todos os dias]

e quando não treino crossfit eu
 [e quando não treino crossfit eu]

vou para o parque com os
 [vou para o parque com os]

amigos ou uma amiga, normalmente
 [amigos ou uma amiga normalmente]

para fazer treino.

[para fazer treino]. e

Gosto de conhecer o interior e
 [gosto de conhecer o interior]

conhecer coisas novas no
 [kõnɛsɛˈɾ kɔjzɐs novɐs nu]

batô paulo sempre tem coisa
 [bãtõ pawlõ sɛmpɾɛ tẽj kɔjzɐ]

que conhecer tem coisa que
 [kɛ kõnɛsɛˈɾ tẽj kɔjzɐ kɛ]

fazer aqui.
 [fazɛˈɾ aki]

gosto de ir para o cinema
 [gõstõ dɛ ɪr pɾɐ ɔ sɪnɛˈmɐ]

ir pra balada. gosto mais das
 [ɪr pɾɐ balɐdɐ mɔjz dɛ]

baladas latinas.

[baladas latinas]

Eu gosto muito das comida.

[eu gosto muito da comida]

brasileira já que semelhantes

[brasileiras já que semelhantes]

da comida venezuelana, mas

[da comida venezuelana, mas]

particularmente eu gosto muito do

[particularmente eu gosto muito do]

churrasco brasileiro, a feijoada adoro!

[churrasco brasileiro a feijoada

adoro]

O Brasil tem muita comida

[u brasil tẽy mũa kãmida]

tropical, muita variedade de

[tropikal mũa bariẽdadõ dõ]

comida cultural. Pessoas de

[kãmida kuiturõ/põsoas dõ]

todo tipo. É muito atrativo

[tõ tipo ẽ mũa atratõ]

para qualquer pessoa. Agora bem

[para kuaũki, põsoa agõra bẽ]

estou trabalhando como professor,

[estõ trapalõda kõmu profõsor]

mas estou procurando alguma
 [mas estou procurando alguma]

outra coisa mas eu gosto
 [outra coisa mas gosto]

assim como estou gosto de
 [assim como estou gosto de]

conhecer outras pessoas ajuda
 [conhecer outras pessoas ajuda]

muito as pessoas estrangeiras
 [muito as pessoas estrangeiras]

na conhecer São Paulo, outras pessoas
 [pra conhecer São Paulo e outras
 pessoas]

sair, fazer qualquer coisa
 [sair, fazer qualquer coisa]

Imã ortem

Imã ortem

Anexo C – Informante III

Esta entrevista foi interrompida
 [Esta entrevista foi interrompida]

a semana passada pelo acidente
 [a semana passada pelo acidente]

trágico que matou o candidato
 [trágico que matou o candidato]

Eduardo Campos do PSB
 [Eduardo Campos do PSB]

~~As~~ mais belas pessoas em Santos
 [mais sêys piçás. ã sãtas]

Nós vamos fazer hoje o que temos
 [nós vamos fazer: odãje a ke
 temas]

feito sempre. Vamos abordar os
 [feyto sempre. vamos aborda
 us]

temas polêmicos das candidaturas
 [temas polêmicos das kãdzida
 turas]

e vamos confrontar a candidata
 e vamos a confrontar a candidata

com razão, com desempenho dela

com as razões com desempenho dela

a frente de um cargo público

o freytsi e o cargo público

como temos feito com todos os

como temos feito com todos os

candidatos. Nas próximas semanas,
 [os candidatos nas próximas semanas]

eu quero lembrar que os candidatos
 [eu quero lembrar que os candidatos]

estará também no Bom dia Brasil
 [estará também no Bom dia Brasil]

e no jornal da globo. O sorteio que
 é no jornal da globo e o sorteio

foi realizado com a supervisão de
foi realizada com a supervisão

dzi

assessor dos partidos políticos

assessores dos partidos políticos

kus

determinou que depois de Aécio

determinou ki depois dzi

assim

nesses e depois de Eduardo Campos

nesses e depois dzi eduarda

campos

foi a vez de a candidata
 foi a vez de a candidata

do PT a reeleição Dilma Rousseff
 pelo petista a reeleição Dilma
 Rousseff

ser entrevistada. E é por isso

ser entrevistada: por
 isso

que estamos hoje aqui em Brasília

que estamos hoje aqui em
 Brasília

no Palácio do Alvorada porque
 é o palácio do Alvorada
 porque

é aqui que nós fazemos as

ahá... nós fazemos as

entrevistas com presidentes candidatos

entrevistas com presidentes
 candidatos

a reunião. Candidata: Boa noite.

a reunião são candidata Boa

noite

chamo sua...

[Tranquilo sua.]

Anexo D – Informante IV

Oi Ivanilde Boa tarde Eu quero

[oi ibanédži. bóa. tardžj: eũ kera]

falar com você sobre a minha

[falár kũn voçé sobe: a mĩna]

cidade Cidade do México.

[sidádžj sidádžj da mĩkũkũ]

Eu estou muito contenta de.

[eũ istõũ mũta kontẽta de]

estar aqui. La cidade é muito

[istár aki la sidádžj e mũtu]

grande, muito trânsito, mas é

[grãdži mũytu trãntã, mas é]

muito lindo estar de volta a cá.

[mũytu lĩndũ estãr de vøltã:ã
kã]

e posso ver a meus amigos e

[e posø vøã a mũyũ amĩgøũ e]

meu familia e também perdido

[mũyũ famĩlyã e tãbẽny pødĩdø]

comer

comer la comida mexicana

[kómɛr la kómida méksikána]

é muito boa, Então, estou muito

[é muito boa então estou muito]

contenta e acho que tenho

[kõnteyta e açu ki ténho]

voltar, volver a São Paulo

[võltar vovér a sãw paulõ]

domingo. Então é um pouco

[dõmíngõ mãõ é u pó k.õ]

triste, mas sei que va voltar
 [triste mas sei ke vó voltar]

algumas, não sei, proximamente.
 [alguma não sei ^o proximamente]

Então, é só eu me dar para
 [então e só eu me dá pra a]

estar contenta e para tener
 [estar kōntēnta e para tener]

um lindo recorde de memória
 [un lindu rekōrd de memória]

de lá minha cidade. Então sei,
 [de lá míma sidadêji enĩãer si]

acho que a você também, viagem,
 [atãp ke a fose tãvên, vyãdãye]

gostaria. nos vemos já na
 [gostaria e nos vemos dãpo na]

próxima semana e tudo
 [próxima semana e tudo] ^{vôo tãndãji}

bem aqui. Schau. Abraço. Ganhou
 [ben aki tãaw abraço ganhou]

Anexo E – Informante V

Eu na verdade estou me
 [Eu na verdade] só, mas
 sentindo bem perdida porque
 [sentindo bem perdida porque]
 não estou entendendo quase nada
 [não só] entendendo quase nada
 Eu entendo português, mas acho
 [Eu entendo português, mas acho]
 que eles já levam mais tempo.
 [Eles já levam mais tempo]
 Eles mais coisas. Eu estou
 e aí já faz três meses é só dar,
 [Eles mais coisas. - só]

me sentindo. não sei como
 [mi senti'ndu nãw sei kômo]
 dizer. não me sinto bem, né?
 [dizê nãw mi senti' bêm, né?]

porque não entendo quase nada.
 [pôrke nãw entendo kwãse nada]

mandou a aula

ai
 [ai mãdo' uma tarefa i' eu]

estou mais perdida. Ai meu Deus!
 [tô mãys perdida. ai meu deus!]

Eu tive outra aula na sexta.
 [eu tive' o' tra aula na sexta]

feira de Arte e Cultura. Certo!
 [feira / be / arte / kykultura, kradu]

Eu cheguei atrasada porque
 [eu / tšipen / yabrasada / porke]

não sabia qual era a aula.
 [nãw / sabia / kwal / kera / aula]

né? Ele falou um monte de
 [né / eli / falou / um / monte / di]

filme, que não sei o que...
 [filme / ke / nãw / sei / o / ke]

sentido vertical, horizontal
 [sentidu / bertikal / onsonal]

meu Deus! Jacoro! Poucas Minuto

[meus deus sokoro muitas

diar muitas coisas, mais vou

[dizer muita coisa mas vou]

vou falar com ela, a de

[vou falar com ela a de]

hoje, que é a Regina para

[hoje ki é a Regina para

fazer devagar, as poucas

[fazer devagar as poucas]

porque não sei, tem tarifa

[porque não sei tem uma tarifa]

que pra mim é bom
 [ki pra min é bõm]

difícil. não sei de muita

[difisul nãw sej dži muita]

coisa. quero conhecer...

[kõysa kero koneser]

Ontem...

[ontem]